

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO-SENSU* EM PSICOLOGIA

**(A)LÍNGUA SEGUNDO O PONTO DE VISTA DA
PSICANÁLISE LACANIANA**

HELOÍSA LEÃO DOS SANTOS

NITERÓI

2015

Heloísa Leão dos Santos

(A)LÍNGUA SEGUNDO O PONTO DE VISTA DA PSICANÁLISE LACANIANA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Eduardo Viana Vidal

NITERÓI

2015

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

S237 Santos, Heloísa Leão dos.

(A)língua segundo o ponto de vista da psicanálise lacaniana / Heloísa Leão dos Santos. – 2015.

100 f. ; il.

Orientador: Paulo Eduardo Viana Vidal.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Psicologia, 2015.

Bibliografia: f. 97-100.

(A)LÍNGUA SEGUNDO O PONTO DE VISTA DA PSICANÁLISE LACANIANA

Heloísa Leão dos Santos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Paulo Eduardo Viana Vidal
Universidade Federal Fluminense

Prof^a.Dr^a.Bethania Sampaio Corrêa Mariani
Universidade Federal Fluminense

Prof^a. Dr^a. Giselle Falbo Kosovski
Universidade Federal Fluminense

Prof^a. Dr^a.Heloisa Fernandes Caldas Ribeiro
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

*Dedico esse trabalho à Nilva Leão e
Antonio Luiz (in memoriam), por me
ensinarem as coisas mais importantes...*

Agradecimentos

Agradecer a um grupo de pessoas não é tarefa das mais simples, foram muitos que participaram efetivamente, afetivamente, dessa jornada... Porém, é uma tarefa necessária, pois representa o reconhecimento que sem eles esse trabalho não poderia ter sido realizado, ou pelo menos teria sido muito mais difícil...

Agradeço ao programa de pós-graduação de psicologia da UFF, aos professores e funcionários, sem eles esse trabalho não existiria.

À CAPES, pelo financiamento desta e de outras pesquisas.

Agradeço ao orientador Paulo Vidal, por me acompanhar nesse trajeto desde a graduação. Sem seus conselhos, orientações, indicações e quando necessário suas palavras de incentivo, eu não estaria aqui hoje. Meu muito obrigada!

Aos membros da banca pelas ótimas indicações para a realização desse trabalho e pela disponibilidade que apresentaram. À professora Giselle Falbo, por suas aulas sempre esclarecedoras desde a graduação e por aceitar o convite para esse momento importante. À professora Heloisa Caldas, pela atenção desde o primeiro contato, a compreensão com os inúmeros e-mails burocráticos e a solicitude demonstrada em todo momento. À professora Bethania Mariani, pela oportunidade do diálogo com a linguística e o convite para o grupo de estudo "*Poesia e Inconsciente*".

Ao grupo de estudo "*Poesia e Inconsciente*" do Laboratório Arquivos do Sujeito do Instituto de Letras da UFF, a todos os participantes e a professora dr^a Eliana de Almeida. As leituras e os debates desse grupo certamente contribuíram para a produção desse trabalho.

Aos meus familiares. Minha mãe Nilva Leão pelo apoio e incentivo incondicional. Leonardo Leão por estar comigo nos momentos mais difíceis e dar significado à palavra irmão. Minha tia Sonia Maria (*in Memoriam*) que sempre como uma segunda mãe acompanhava orgulhosa cada passo e infelizmente tão perto de mais um... o agradecimento permanece.

À Ana Maria, por também sustentar de algum modo que esse trabalho e outros projetos sejam possíveis.

Aos colegas mestrandos, pelas discussões durante as aulas e por compartilharem suas pesquisas, mostrando assim outros modos de fazer, ver e conhecer. Aos colegas do grupo de estudo do professor Paulo Vidal, pela apresentação dos textos e aprofundamento teórico em diversos temas.

Aos meus amigos, pela compreensão nas ausências e pelas alegrias nas necessárias presenças. À Luana Isaias, por não saber o que é um não e ter sempre como resposta um “vamos”, ou simplesmente, pela amizade. À “Gestalt mais linda do mundo”, por torcerem sempre por mim e pelo companheirismo. À Carla Jeucken, por me acompanhar sempre que possível durante esse trajeto - e em muitos outros trajetos: “não há limite”. À Izabel, por ter me emprestado texto, ouvidos e compartilhado bons momentos. À Larissa Pace, companheira desde a graduação com quem pude contar quando necessário, no ensino por telefone, nas caronas até a esquina ou nas palavras de encorajamento. À Mariana Barbosa, por me dar o prazer de sua companhia em diversas trilhas.

Ao Valmir Junior, pela ajuda e presteza em me ajudar quando se fez necessário. Ao Maycon Torres, pelos incentivos significantes em muitos momentos, (A)#S é necessário. Ao Sergio Junior, por participar da alegria quando isso começou. Ao Wendell Martins, por me dar “tempo” quando eu muito precisava. Ao Luís Gama, por seu olhar psicanalista das coisas. Ao Guilherme, pelas boas risadas nos momentos tensos...

À Dani, Drica, Anna Luiza, Marina, Fernanda, Keyla, Karine, Luana, Bea, Ted, Mayara, Pedro, Monique, Laura, Darlan, Ilma, Tarcia, Juliana, Rachel, Larissa...

Meu muito obrigada!

“Desinventar objetos. O pente, por exemplo. Dar ao pente funções de não pentear. Até que ele fique à disposição de ser uma begônia. Ou uma gravanha. Usar algumas palavras que ainda não tenham idioma.”

Manoel de Barros

Resumo

O trabalho tem como objetivo percorrer a obra de Lacan em busca do que o levou a produzir o conceito de *alíngua* que aparece na parte final de seu ensino. Para isso, a relação entre Lacan e a linguística é abordada por entender-se fazer parte essencial do início de seu ensino. Nesse trajeto, um Saussure apresentado no *Curso de Linguística Geral* e outro Saussure estudioso dos anagramas se fazem presentes. O primeiro, por se constituir como base da linguística - a ciência escolhida por Lacan para assessorar a psicanálise em sua fundamentação. O segundo, por apresentar aspectos importantes relacionados à língua e à *alíngua* quando se debruça sobre a poesia. O conceito de Língua, apesar de não estar explícito na teoria Lacaniana, exerce sua força tanto na primeira parte de seu ensino, em que o registro do simbólico é privilegiado, quanto na última parte, em que o registro do real ganha primazia e Lacan forja o conceito de *alíngua*. A passagem de um registro ao outro é realizado nessa dissertação com o auxílio do conceito de gozo. Entendendo que, na última parte de seu ensino, o gozo se une de maneira radical com o real, vê-se o conceito de *alíngua* como uma consequência. *Alíngua* demonstra o caráter de gozo inerente à linguagem. *Alíngua* contém aquilo que pode ser dito e o que não pode ser dito. É o não-todo da linguagem - se relacionando desta maneira com a poesia, que busca a cada medida dizer aquilo que não pode ser dito.

Palavras-chaves: Psicanálise, Alíngua, Linguística, Saussure, Poesia.

Résumé

Cet travail vise à parcourir l'œuvre de Lacan à la recherche qui l'a amené à produire le concept de *lalangue* dans la dernière partie de son enseignement. Pour cela, la relation entre Lacan et la linguistique est abordée en comprenant comme partie essentielle du début de son enseignement. Dans ce chemin l'un Saussure qui se présente dans le *Cours de linguistique générale* et l'autre Saussure studieux des anagrammes sont présentés. Le premier, car il constitue la base de la linguistique - la science choisie par Lacan pour aider la psychanalyse dans son fondement. Le second, en raison de présenter des aspects importants liés à la langue et à *lalangue* quand il met l'accent sur la poésie. Le concept de la Langue, même si pas explicite dans la théorie lacanienne, exerce sa force à la fois dans la première partie de son enseignement, dont le registre symbolique est privilégiée, et aussi dans la dernière partie, lorsque le registre du réel gains primauté et Lacan forge le concept de *lalangue*. Le déplacement d'un enregistrement à l'autre c'est effectué dans cette thèse avec l'aide du concept de la jouissance. En comprenant que, dans la dernière partie de son enseignement, la jouissance s'unie radicalement avec le réel, le concept de *lalangue* devient une conséquence. *Lalangue* démontre le caractère de jouissance inhérente à la langage. *Lalangue* contient ce qui peut être dit et ce qui ne peut pas être dit. C'est le pas-tout de la langage - concernant de cette manière à la poésie, qui cherche à chaque mesure dire ce qui ne peut pas être dit.

Mots-clés: Psychanalyse; Lalangue; Linguistique; Saussure; Poésie.

Lista de ilustrações

Figura 1: Signo Saussure.....	22
Figura 2: Signo Lacan.....	22
Figura 3: Signo árvore.....	23
Figura 4: Signo homens-mulheres.....	23
Figura 5: Momento mítico do ser.....	70
Figura 6: Operação de alienação do sujeito.....	71
Figura 7: Célula elementar do grafo do desejo.....	72
Figura 8: Grafo do desejo.....	74
Figura 9: O esquema L.....	77

Sumário

Introdução	12
1. A PSICANÁLISE LACANIANA E A LINGUÍSTICA	15
1.1 O contexto histórico da psicanálise lacaniana	15
1.2 O inconsciente estruturado como uma linguagem e suas implicações	19
1.2.1 <i>A estrutura de Lacan</i>	19
1.2.2 <i>O inconsciente e a Linguística em Lacan</i>	24
2. SAUSSURE, A LINGUÍSTICA (E OS ANAGRAMAS)	41
2.1 A obra saussuriana	41
2.2 Saussure e O Curso de Linguística Geral	44
2.3 Para além do CLG, Saussure leitor de poemas... (Os Anagramas)	51
2.4 Jakobson, o poeta dos linguistas	58
2.4.1 <i>Poesia, a linguagem sem função</i>	59
2.4.2 <i>Jakobson e os estudos funcionalistas</i>	61
3. A LÍNGUA, ALÍNGUA (E A POESIA)	65
3.1 Da Linguística a Linguisteria	65
3.2 Lacan e as divisões de seu ensino – Quantos Lacans?.....	68
3.3 A Língua sob a perspectiva simbólica – Lacan linguista	69
3.3.1 <i>Os paradigmas do gozo</i>	76
3.4 Alíngua sob a perspectiva do Real – Lacan poeta	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
Referências bibliográficas	98

Introdução

A escolha de um tema de dissertação nem sempre se dá de forma clara e evidente, não sendo diferente nesse trabalho em que de forma geral se pretende uma articulação entre os campos da psicanálise e da linguística. Essa articulação não é nova. Iniciou-se com o ensino de Lacan que utilizando conceitos da linguística saussuriana, mesmo que para pensá-los de outra forma, tinha como objetivo abordar do que tratava a psicanálise criada por Freud. A partir daí, inúmeros trabalhos sobre o tema têm sido produzidos por diferentes pesquisadores.

No que se refere às escolhas desse trabalho, o título foi certamente uma escolha inicial que exerceu uma função. “*(A)língua segundo o ponto de vista da psicanálise lacaniana*” foi o título escolhido antes mesmo de o trabalho começar a ser efetivamente escrito, funcionando como um norte da pesquisa e um ponto de interseção entre Saussure e Lacan. Esse título foi escolhido como uma aposta, sabendo que no final do processo de escrita ele poderia ser alterado para um que representasse melhor o que se daria no final do processo. Explicar esse título é assim um dos modos de se introduzir essa dissertação.

O título se dá a partir de um famoso aforismo de Saussure que estabelece que no que se refere à linguagem “longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto” (SAUSSURE, 2012, p. 39). Esse modo de se pensar o objeto é inovador e deixa implícito que outros pontos de vistas poderiam ser assumidos no que se refere à linguagem, outros objetos poderiam ser criados que não a Língua.

É assim que tomando outro ponto de vista Lacan cria Alíngua. É um ponto de vista a partir dos efeitos da linguagem vistos com o olhar, ou melhor, ouvido com os ouvidos da psicanálise. Um ponto importante no que tange à escolha do título se refere à opção pelo termo “Alíngua”. *Lalangue* no original francês é muitas vezes traduzida por Lalíngua em português. Haroldo de Campos possui um texto¹ defendendo a tradução do termo como lalíngua. Esse texto é citado como nota de rodapé pelo tradutor do seminário XIX quando o termo lalíngua é introduzido. Outras

¹ CAMPOS, H.. O Afreudisiaco Lacan na Galáxia de Lalíngua. Afreudite - Revista Lusófona de Psicanálise Pura e Aplicada, América do Norte, 1, Sep. 2009. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/afreudite/article/view/824/665>>. Acesso em: 16 Jul. 2015.

vezes o termo não é traduzido, conservando sua forma original *Lalangue*. Optamos por utilizar alíngua durante esse trabalho por entender que ela convoca o efeito de equívoco e de indiscernível na linguagem. Não se consegue dizer (ou ouvir) alíngua - sem o equívoco de se trata de a Língua, objeto da linguística de Saussure - ou Alíngua objeto de Lacan. Em a Língua e alíngua se trata do mesmo significante. Aqui o diferenciamos a partir da escrita.

Esclarecido o título, outra maneira de introduzir essa dissertação é a apresentação da forma como ela se estabelece em capítulos. Pelo próprio caráter do objeto apresentado entende-se que essa pesquisa poderia percorrer diversos caminhos. O caminho percorrido foi a divisão em três capítulos. O primeiro se denomina “A psicanálise lacaniana e a linguística” e estabelece o contexto que a psicanálise lacaniana ocorreu, entendendo que Lacan se apresenta como um contraponto à psicanálise pós-freudiana da época que havia se desviado para uma psicologia do ego. A utilização dos conceitos da linguística e a retomada do conceito de inconsciente através da linguagem foram os fundamentos de Lacan, no seu projeto de retorno à Freud, criando o aforismo “o inconsciente está estruturado como uma linguagem”.

O segundo capítulo intitulado “Saussure, a Linguística (e os anagramas)” se propõe a fazer uma articulação entre o Saussure criador da linguística moderna e o Saussure dos anagramas. O *Curso de Linguística Geral* é apresentado como um marco fundador da linguística como ciência ao estabelecer a Língua² como objeto de uma ciência da linguagem. Nesse momento do trabalho apresentamos essa obra e suas especificidades. A exposição do Saussure dos anagramas serve como uma demonstração prática da divisão de um Saussure que por muitas vezes é apresentado pela academia unicamente como o criador da linguística, em que a Língua é apresentada de forma fechada e sistemática. Há no próprio Saussure outro ponto de vista, um ponto de vista enigmático. Nesse Saussure leitor de poemas, pode-se verificar o peso do significante, termo essencial para a psicanálise lacaniana. A questão do saber também se encontra presente nos estudos sobre os anagramas. Ao buscar as regras anagramáticas e tentar encontrar uma resposta,

² Tentamos durante o percurso dessa dissertação utilizar o termo Língua em maiúsculo para se referir ao objeto abstrato criado pela Linguística. O termo língua em minúsculo se refere à utilização de uma Língua, ou seja, um idioma.

indo ao próprio poeta em busca delas, Saussure se depara com um saber que não se sabe, e é onde Lacan afirma que Saussure, nesse ponto, precisou esperar por Freud. Nesse capítulo Jakobson, o poeta da linguística, também é brevemente abordado por ser uma referência importante para Lacan. Jakobson se atém à importância dos sons, em termos lacanianos, do significante, nos estudos da linguística.

O terceiro e último capítulo intitulado “A Língua, Alíngua (e poesia)” trata a questão central desse trabalho. Em um primeiro momento a questão da divisão do ensino de Lacan é apresentada sucintamente com o objetivo de esclarecer que a primeira parte de seu ensino não deve ser abdicada em prol do que seria a última parte de seu ensino. Em seguida é apresentado como o conceito de a Língua se insere de alguma forma no ensino de Lacan, principalmente no período em que ele se encontra mais voltado ao registro do simbólico. Através da doutrina do gozo, como conceituou Miller, é exposto o percurso do ensino de Lacan com o objetivo de estabelecer o processo que o levou da primazia do Simbólico para a primazia do Real. É no registro do real que o conceito de alíngua se insere. E é nele que Lacan se coloca de certa maneira ao lado da poesia e do poeta, entendendo que é o artista que lida melhor com o saber-fazer que apresenta o inconsciente. O inconsciente nessa última parte é um “saber fazer com alíngua”.

1. A PSICANÁLISE LACANIANA E A LINGUÍSTICA

“Para introduzir o que vem a ser o discurso analítico, servi-me sem escrúpulos, porque era de fato necessário, do chamado trilhamento linguístico”.
Jacques Lacan.

1.1 O contexto histórico da psicanálise lacaniana.

A psicanálise lacaniana se situa em um contexto histórico que contribuiu para a utilização de conceitos da linguística em seu quadro teórico. Lacan só pode se instrumentar da ciência criada por Saussure pois em sua época esta já havia se fundamentado, o que não havia ocorrido ainda no período da criação da psicanálise por Freud. Entendemos que por isso, é importante situar as condições de emergência do ensino lacaniano, observando que a articulação do campo freudiano com o de Saussure se fez a partir de um ato de Lacan, mas não sem as especificidades de seu contexto histórico.

Lacan define seu esforço teórico como um “retorno a Freud”. (LACAN, 1956a/1998, p, 403). Retorno esse que ocorre por entender que de Freud até seus contemporâneos a psicanálise se desviou de seus fundamentos. Mas quais são os fundamentos da psicanálise? De uma forma geral todo o ensino de Lacan se orienta, se articula e se renova, reinventando a própria psicanálise, a partir dessa pergunta.

Lacan nasceu praticamente junto com a psicanálise. Se Freud escolheu a virada do século XX como data de fundação da psicanálise com a publicação de *A interpretação dos sonhos* em 1900, Lacan teve seu nascimento datado um ano após, no dia 13 de abril de 1901, na cidade de Paris. Desde muito jovem se liga a intelectuais e artistas parisienses, se interessando pelo movimento surrealista. Pouco depois passa a ter contato com um grupo de filósofos, frequentando o seminário de Alexandre Kojève sobre Hegel (JORGE & FERREIRA, 2005). Esse interesse pela filosofia perpassa todo seu percurso teórico, constituindo assim também sua posição em relação à psicanálise.

Sua tese de 1932 inserida no campo da psiquiatria se diferencia do modelo vigente neste campo ao se debruçar sobre a complexidade de um único caso, sua paciente Aimée. Essa tese teve um grande impacto na psiquiatria sendo considerada como a última grande tese da escola francesa de psiquiatria. Lacan propõe-se como clínico ao exercer a função de secretário do alienado. Essa posição

frente à psicose é nova em relação ao entendimento da psiquiatria de seu tempo, que entendia que as palavras do alienado eram puros devaneios e palavras sem sentido. Lacan propõe escutar essas palavras. Nessa conduta Lacan se aproxima da psicanálise. Se podemos dizer que Freud criou a psicanálise ao escutar as histéricas, com Lacan essa aproximação ocorreu a partir da psicose.

Foi no ano de 1934 que Lacan ingressou na Sociedade Psicanalítica de Paris, reconhecida pela *International Psychoanalytical Association* (IPA). O quadro da psicanálise nesse período pós-freudiano, segundo as concepções de Lacan, já havia se desviado daquele traçado por Freud. No contexto em que Lacan se insere na psicanálise, o tratamento padrão se apresenta como aquele baseado na análise das resistências.

A partir da segunda tópica freudiana – isso, eu, supereu- um grande grupo de psicanalistas americanos e anglo-saxões acreditaram que o trabalho da psicanálise era o de fortalecer a instância do eu (ego). O eu nessa concepção teria uma função central na personalidade e o esforço do psicanalista seria o de através do fortalecimento desse eu “levar o paciente ao nível da realidade.” (MILLER, 1988, p.18) Para Lacan, esse meio de obter o sucesso e a felicidade era a renegação da psicanálise, pois implica o total desconhecimento da descoberta freudiana (LACAN, 1956a/1998), o inconsciente.

Na primeira tópica freudiana há uma divisão do psiquismo em consciente, pré-consciente e inconsciente. Na base dessa divisão estão implicadas as ideias de recalque e da cisão do sujeito. Apesar de já recorrente na filosofia a ideia de inconsciente, este não se confunde com o novo conceito criado por Freud. Sempre houve correntes filosóficas que defendiam a existência de pensamentos alojados a serem descobertos, uma noção de “consciência inconsciente”. Essa, porém, não representa a noção de inconsciente para Freud. Para essas outras linhas filosóficas a consciência é entendida como o eixo do ser humano, sede do pensamento e ações, tendo como função a integralidade da vida mental. Herança da filosofia cartesiana que se fundamenta no “penso, logo sou” (DESCARTES, 1641) o movimento reflexivo de pensar se transformou no próprio eu, sendo este o ponto de ruptura que marca a entrada para a modernidade. Há em Descartes uma junção entre o ato de pensar e a consciência, sou apenas enquanto tenho consciência de que estou pensando. Nessa formulação sobre a “substância pensante” surge o

sujeito psicológico, aquele em que habita a racionalidade, intencionalidade e consciência como sede do ser.

O conceito de inconsciente freudiano é inovador, sendo a base central da teoria fundada por Freud. Tal concepção desloca a primazia do pensamento consciente ao afirmar que há pensamento inconsciente. O ser e o pensar não se convergem mais nessa teoria. Há com isso uma cisão no sujeito. O sujeito já não é o mesmo. Se o sujeito da filosofia moderna é aquele em que o eu é central sendo equivalente com o indivíduo, o sujeito freudiano é dividido, se tornando não um sujeito autônomo, mas um sujeito essencialmente cindido. O criador da psicanálise observa que há no sujeito processos de pensamentos que funcionam com uma lógica que difere dos processos conscientes do pensamento.

Ao formular a primeira tópica do funcionamento psíquico Freud afirma que o consciente faz parte da vida mental, mas não é sua totalidade, não tendo esta sequer primazia. Nesse primeiro momento o inconsciente está profundamente relacionado com o processo de recalque: “Freud que modificou diversas vezes sua definição e campo de ação, considera que o recalque é constitutivo do núcleo original do inconsciente” (ROUDINESCO; PLON, 1988, p. 647). O processo de recalque ocorreria a partir de um conflito de ideias, pensamentos irreconciliáveis, como um meio de defesa do sujeito. Uma representação não compatível com o eu seria afastada para o inconsciente através do mecanismo de recalque provocando uma divisão psíquica.

O trabalho instituído por Freud era de que através da fala, “associação livre”, o material recalcado no inconsciente pudesse se tornar consciente. O inconsciente nessa primeira tópica é identificado como um domínio particular e autônomo, funcionando com leis próprias diferentes das fundadas na concepção de integral conjunção entre ser e pensamento. Diferente da psicologia, a psicanálise concebe o eu como constitutivamente fragmentado, construído a partir de diversas identificações.

Com a introdução da segunda tópica, Isso – Eu - Supereu, Freud não abandona o conceito de inconsciente, mas com Lacan entendemos que justamente o amplia. O inconsciente se relaciona tanto com o isso, quanto com eu e supereu, abrangendo todo o aparelho psíquico. O eu se encontra amplamente no registro do inconsciente, sendo apenas uma pequena parte sua compreendida no registro da

consciência. Porém, em certa leitura das obras freudianas a partir da segunda tópica, a instância do eu passou a ter mais importância que as demais. O eu aparece como peça fundamental dessa teoria, com o preço do esquecimento do conceito originário da teoria psicanalítica que é abandonado para o ressurgimento da ideia de um eu total, consciente, autônomo e racional, o qual deveria ser fortalecido para viver longe de conflitos. O eu se tornaria autônomo nesse contexto ao controlar as pulsões primitivas, conquistando assim uma independência.

A partir da lógica de um ego central e organizador da vida psíquica o objetivo passa a ser o fortalecimento deste contra as forças impulsivas do Isso, o que implica diretamente em alterações na prática psicanalítica. “O terapeuta do ego deve ocupar o lugar do eu “forte” com o qual o paciente quer se parecer a fim de conquistar a autonomia do eu.” (ROUDINESCO; PLON, 1988, p. 171).

A psicanálise passa com isso a operar sobre uma lógica objetivante e ortopédica, pois o eu nessa teoria passa a possuir função centralizadora, organizadora e adaptativa, capaz de promover a adaptação do indivíduo com o meio físico e social no qual está inserido. “A tese central defendida pelos teóricos do ego é que o indivíduo é capaz de estabelecer sólidas e dinâmicas relações com o meio em que está inserido” (BARATTO, 2002, p. 176).

O inconsciente passa a ser abordado como um depósito de impulsos irracionais e desajustados, passando a estar na ordem do patológico. Seguindo essa lógica, o recalque passa a ser um aliado nessa prática de fortalecimento do eu, ao reprimir tais impulsos irracionais e estabelecer obediência às normas sociais. Assim como situa Baratto (2002), essa é a situação da psicanálise no início do percurso de Lacan.

Foi no contexto histórico em que uma certa tradição desviante do dizer freudiano passou a ser dominante no cenário psicanalítico, firmando-se no realojamento do ego como senhor soberano na vida mental e no conseqüente desalojamento do dizer freudiano, que surgiu a figura marcante de Jacques Lacan com o movimento de “Retorno a Freud”. (BARATTO, 2002, p. 175-176)

O início do ensino de Lacan ocorre em 1953 com o texto “Função e campo da palavra e da linguagem em psicanálise”, introduzindo a teoria de “o inconsciente estruturado como uma linguagem”, assim como a divisão dos registros do imaginário, simbólico e real.

Durante os dez primeiros anos de seu seminário, entre 1953 e 1963, Lacan se dedicou a trabalhar as obras de Freud abrangendo as estruturas da linguagem no campo psicanalítico. Nos dez anos seguintes, de 1964 até 1974, Lacan passa a desenvolver mais termos criados por ele próprio como o de sujeito barrado, objeto *a*, Outro. A partir de 1974, seu ensino passa a ter como objeto o fundamento de seu discurso, as dimensões do simbólico, imaginário e real, dando um maior valor nesse período para o real (Miller, 1988).

Sobre o desenvolver da psicanálise sob a perspectiva de Lacan, Miller orienta que seu ensino foi fruto de uma busca por formular as bases da psicanálise criada por Freud.

Lacan não traçou como seu objetivo reinventar a psicanálise. Pôs o começo de seu ensino sob o signo de um retorno a Freud. Apenas formulou, a propósito da psicanálise, uma pergunta fundamentalmente crítica: quais são suas condições de possibilidade? E qual foi a resposta? A psicanálise só é possível se, e somente se, o inconsciente está estruturado como uma linguagem. O que se chama o ensino de Lacan é o desenvolvimento dessa hipótese até suas últimas consequências. (MILLER, 1988, p. 12)

Lacan tinha como proposta ensinar o que a psicanálise é e o que a psicanálise não é. Tornou-se assim um contraponto ao rumo que a psicanálise pós-freudiana havia se transformado. Realizou esse processo ao voltar para o fundamento estabelecido por Freud, o inconsciente. É nesse exercício teórico que Lacan formula que “o inconsciente está estruturado como uma linguagem” escolhendo atravessar seu campo teórico com a ciência linguística criada por Saussure.

1.2 O inconsciente estruturado como uma linguagem e suas implicações

1.2.1 A estrutura de Lacan

O estruturalismo se apresentou a partir da segunda metade do século XX como uma nova forma de pensar os objetos. Os primórdios desse novo modo de pensar se encontram em Saussure, que ao criar a ideia de sistema, ou seja, que os elementos da Língua precisam ser estudados sincronicamente a partir da relação entre si, cria o que viria a ser formalizado posteriormente por estruturalismo. O estruturalismo se apresenta como uma consequência teórica do conceito de sistema saussuriano. “Admitimos que um nome do sistema reduzido a sua relação mínima é o de estrutura.” (Milner, 1996, p. 80).

A partir de Galileu o ideal da ciência moderna passou a ser o da matematização. Os objetos eram considerados científicos quando quantificáveis e matematizáveis. Por isso, os objetos sociais e comportamentais eram adaptados para esse padrão epistemológico (Milner, 1996). O estruturalismo surge então como um novo ideal, uma nova forma de se pensar os objetos científicos.

Esse novo ideal representa duas modificações fundamentais. Uma se refere ao fato de se dedicar a objetos humanos, a outra, que podemos entender como sua consequência, é que a matematização nesse quadro não se relaciona com a medida dos objetos, mas com sua literalização.

Milner (1996) descreve que no processo de literalização é de uma matematização que se trata, mas de uma nova forma; comparando com o desenvolvimento da física aristotélica que descrevia os objetos qualitativamente (rápido, útil, prazeroso...) para a física moderna que passa a operar quantitativamente. Não é mais sobre as qualidades da molécula que ela discursa, mas sobre seus movimentos.

Esse também foi o passo dado pela linguística para passar para o status científico moderno, “o estruturalismo em linguística é ele também um método de redução das qualidades sensíveis” (MILNER, 1996, p. 76). Ao descrever os fonemas, é sobre a relação de oposição entre eles que o estudo é realizado. Lévi-Strauss também ficou fortemente identificado com o movimento estruturalista ao importar e formular o mesmo procedimento para a antropologia. É da leitura estruturalista de Lévi-Strauss que Lacan faz uso.

A estrutura se refere a qualquer sistema, tendo como sua unidade mínima a cadeia. Para Lacan, a cadeia, ou seja, a unidade mínima da Língua se relaciona com o significante. O significante de Lacan tem o mesmo nome do de Saussure, mas é descolado do seu par simétrico conforme é descrito por Saussure, o significado. A noção de significante é elemento essencial para Lacan no que se refere à estrutura, pois para este “só há significante numa cadeia, e para que um sistema forme uma cadeia é preciso que seja constituído de significantes.” (IBIDEM, p. 84).

O princípio básico do estruturalismo de que os elementos não possuem propriedades, mas a propriedade é um efeito da estrutura, é central para a teoria lacaniana. Entendemos que em Lacan a estrutura opera no funcionamento do

inconsciente, sendo o sujeito um efeito. A estrutura opera, mas há um para além da estrutura que é representado pelo objeto a que funciona como causa.

A linguística insere o conceito de diferença pura, a teoria de signo zero, contrariando a metafísica clássica de que “o nada não tem propriedades” (IBIDEM, p. 82). A diferença pura na teoria lacaniana é denominada de Outro, marcado com a letra maiúscula para demonstrar que não se trata daquele da relação dual, seu oposto. Sobre isso Milner explica que é o Outro que funda a estrutura, sendo anterior a ela e seu garante.

Esse Outro, sem oposto, não repousa sobre diferenças de propriedades, já que nenhuma propriedade é ainda atribuível a seu registro. Que exista Outro, é isso que autoriza que possamos propor um significante e um outro, ao passo que como significantes, eles estejam fora do semelhante e do dessemelhante. (MILNER, 1996, p. 84)

Deleuze (1972) destaca Lacan como um dos personagens importantes da corrente estruturalista. Deleuze descreve oito critérios que auxiliam a identificação do estruturalismo: o simbólico; local ou posição; o diferencial e o singular; o diferenciador, a diferenciação; serial; a casa vazia; sujeito - prática.

Segundo Deleuze (1972), Lacan se enquadra dentro destes critérios. No que se refere ao simbólico Deleuze (1972) destaca que para além das relações com o pai real e o imaginário, Lacan insere o pai simbólico ou o Nome-do-pai. Entre o imaginário e o real existe um terceiro, o simbólico. É a partir desse registro que há a produção do objeto teórico na linha estruturalista. O estruturalismo constitui um duplo efeito: ao criar seu objeto se apresenta como uma prática que interpreta seu produto.

Quanto à posição, o estruturalismo defende que o ideal científico nessa lógica não é mais quantitativo, mas topológico. Os lugares são mais importantes que aquilo que os preenche. Deleuze ressalta que “devemos afirmar em princípio que o sentido resulta sempre da combinação de elementos que não são eles próprios significantes” (DELEUZE, 1972, p. 226). Ao ter como ponto de partida a estrutura, as relações de oposição entre os elementos, ou seja, as relações diferenciais, a estrutura lida com singularidades. O efeito desse modo de tratar o objeto apresenta diversas consequências, como o de não apresentar-se em sua totalidade, mas em uma totalidade virtual que é atualizada constantemente.

Deleuze apresenta diversos outros critérios em que podemos identificar o estruturalismo. O critério da “casa vazia” é destacado pelo autor como tendo sido

bem explicado por Lacan. Trata-se do aspecto do objeto no estruturalismo estar sempre deslocado em relação a si mesmo. Lacan apresentou isso de diversas maneiras, como no seminário sobre a carta roubada e posteriormente com o próprio conceito de objeto *a*.

Aquilo que está oculto é sempre aquilo que falta a seu lugar, como se exprime a ficha de pesquisa de um volume quando está extraviado na biblioteca. Com efeito ainda que este estivesse sobre a prateleira ou sobre a 'casa' ao Aldo, ele se ocultaria, por mais visível que parecesse. Pois só podemos dizer literalmente que isto falta a seu lugar, daquilo que pode mudar de lugar, isto é, do simbólico. Porque, para o real, qualquer que seja o transtorno que possamos trazer-lhe, ele está sempre e em todo caso presente, traz este lugar colado à sua sola, sem nada reconhecer que possa exilá-lo daí. (LACAN apud DELEUZE, 1972, p. 239)

Como fundamentou Deleuze (1972), a teoria lacaniana se articula com os princípios do estruturalismo. O sujeito ao ser compreendido nesses pressupostos se esvazia, tornando-se mais assujeitado à estrutura e seus deslocamentos que um sujeito identificado conforme entende toda uma vertente da psicologia. Esse se torna o ponto em que Lacan interroga o estruturalismo.

Segundo o próprio Lacan, o estruturalismo, como todo movimento cultural, é um modo de homogeneizar coisas que são diferentes entre si. Esse movimento acaba por reduzir as qualidades e a potência da singularidade dos seus elementos:

A origem da nova moda, do que vocês chamam de "estruturalismo", consiste em querer servir ao mesmo comércio dos homens que não se reduzem a ele facilmente, que haviam ficado nos cantinhos. Por que procedimentos, funções de resistência, eles se viram isolados, depois associados, assimilados, aglutinados - seria preciso estudar no conjunto. Tenho grandes chances de ser incluído entre eles, e me sinto muito bem com isso. São pessoas que colocaram um pouco mais de seriedade em suas pequenas parafernalias. Tiro o chapéu para Lévi-Strauss. Ninguém será capaz de fazer melhor no futuro, isto é certo. É esmagador. E depois, têm outros. De tempos em tempos muda-se um. (Lacan, 1968/2006, p. 80)

É certo que Lacan busca contribuição e contribui em diversos conceitos nesse modo de pensar que se chama estruturalismo. Porém, ele próprio não se denomina como um estruturalista. Ao estudar o percurso do ensino de Lacan entendemos que a conceituação do sujeito em sua teoria é ser um dos pontos iniciais em que o autor se distancia do estruturalismo.

O sujeito para Lacan é efeito da entrada na linguagem e por isso, se constitui na estrutura significante, estando desta maneira dentro dos princípios que caracterizam o estruturalismo. Porém o sujeito para Lacan está além da estrutura, pois no que se constitui como sujeito, o objeto *a* se destaca e ele passa a se relacionar com esse objeto. O sujeito torna-se ao mesmo tempo efeito da estrutura,

mas também se relaciona com sua causa. Joyce Oliveira (2013) aborda esse aspecto importante do para além da estrutura.

É justamente a partir da relação do sujeito com o objeto a que se estabelece o além estrutura, ou seja, o além estrutura ocorre a partir do momento em que o sujeito do inconsciente subjetivamente transforma a estrutura que lhe foi inserido. Há, dessa forma, uma subjetificação da estrutura pelo próprio sujeito. (OLIVEIRA, 2013, p. 224)

Em sua constituição o sujeito se insere em uma estrutura, identificando-se a ela, porém a própria entrada do sujeito na estrutura se constitui como uma escolha. Isso compõe um caráter teórico lacaniano que interroga o estruturalismo, apresentando-se como fundamental para a formulação teórica e clínica dessa psicanálise. O além da estrutura é o que possibilita um dos conceitos importantes da clínica lacaniana que é a implicação subjetiva, ou seja, o sujeito se responsabilizar pelo seu gozo. Oliveira (2013) apresenta que o estruturalismo, mesmo não sendo o que caracteriza a teoria e a clínica de Lacan, se apresenta como seu fundamento. “A estrutura e o além estrutura são indissociáveis na teoria e na clínica lacaniana. Não haveria o além estrutura sem uma estrutura fundante na vida do sujeito” (OLIVEIRA, 2013, p. 227).

Miller (1988) ao discorrer sobre a inserção de Lacan dentro do quadro estruturalista expõe três aspectos. Em um primeiro sentido, Lacan é um estruturalista, pois guarda relação com a teoria estruturalista de Jakobson e Lévi-Strauss. Em um segundo sentido, Lacan é um estruturalista radical ao realizar uma conceituação da relação entre estrutura e sujeito. “Lacan [...] tentou elaborar qual é o estatuto do sujeito compatível com a ideia de estrutura” (MILLER, 1988, p. 24). Por último, Lacan não é estruturalista, pois sua estrutura é furada. “Lacan não é de modo algum estruturalista [...], pois a estrutura dos estruturalistas é uma estrutura coerente e completa enquanto a estrutura lacaniana é fundamentalmente antinômica e incompleta” (IBIDEM). Miller (1988) afirma que o aspecto envolvendo a relação de Lacan com Jakobson e Lévi-Strauss é mais discutido e os outros dois aspectos em relação à sua afinidade e não afinidade com o estruturalismo costumam ser menos abordados.

Entendemos que isso se deve por ser a partir da teoria do linguista Roman Jakobson e de uma releitura da obra de Saussure que Lacan retoma o conceito de inconsciente e assim toda teoria psicanalítica. Em um primeiro momento, Lacan formula uma psicanálise “estruturalista”, que com o aprofundamento de suas

questões se depara com o para além da estrutura, mas que só se faz avançar começando com o caráter essencial do significante e sua cadeia de relações.

1.2.2 O inconsciente e a Linguística em Lacan

Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (LACAN, 1953), também conhecido como Discurso de Roma, aponta como tese central que a psicanálise se insere no campo da linguagem extraíndo seus efeitos da função da fala. Esse texto inaugural do ensino lacaniano trata de um relatório teórico sobre a prática analítica, trazendo marcas das circunstâncias de seu discurso, da necessidade de um retorno à Freud. Segundo Safouan (2001/2), apesar das diversas críticas e ideias que foram posteriormente abandonadas pelo autor, o Discurso de Roma apresenta a semente de diversos conceitos que mais tarde se desenvolvem no ensino de Lacan, sendo por isso importante sempre sua retomada.

Esse discurso proferido em 1953 é contemporâneo a dissensão de Lacan com a Sociedade Psicanalítica de Paris. Lacan neste momento convoca os praticantes da psicanálise a uma reflexão e explicação de sua prática, interrogando as concepções e regras impostas pela IPA, que ao rejeitar o interesse pelo campo da linguagem estaria provocando mudanças no objetivo e técnica da análise. Esse esquecimento quanto ao fundamento da fala para a psicanálise não se faz sem consequências, a partir dele a psicanálise se enveredou para uma proposta de adaptação do indivíduo ao meio social e a uma busca por regulamentação dos relacionamentos humanos. O esquecimento do caráter essencial da linguagem provocaria um afastamento da dimensão do inconsciente, pilar da psicanálise.

No contexto geral, o discurso de Roma deve ser situado sob dois aspectos, um que se refere à história coletiva do movimento psicanalítico, a ruptura com o instituto e a criação da Sociedade Psicanalítica Francesa, e o outro que se refere à história pessoal de Lacan. Se nesse texto Lacan expõe o conceito de tempo lógico, parece ser ele o próprio produto do tempo lógico, o momento de concluir de Lacan (MILLER, 1995). A necessidade de voltar aos seus fundamentos era essencial dentro desse contexto e para Lacan a psicanálise retira seus fundamentos da linguagem. “O psicanalista deveria tornar-se mestre/senhor das funções da fala... mas parece que desde Freud, esse campo central de nosso domínio caiu no abandono” (LACAN, 1953a, p. 245).

A descoberta primordial de Freud com as histéricas foi a de que ao falar algum efeito se produzia nos sintomas apresentados por elas. A partir dessa descoberta Freud construiu a psicanálise e todo seu arcabouço teórico que continua a possuir como meio apenas a fala do paciente. Mas o que a fala opera para que se produza tal efeito? Essa é uma pergunta que precisa ser respondida pelo psicanalista se não estamos inseridos no campo da magia.

A técnica não pode ser compreendida nem corretamente aplicada, portanto, quando se desconhecem os conceitos que a fundamentam. Nossa tarefa será demonstrar que esses conceitos só adquirem pleno sentido ao se orientarem num campo de linguagem, ao se ordenarem na função da fala (IBIDEM, p. 247).

A fala nesse texto inaugural é descrita sob dois aspectos, a fala vazia e a fala plena. O primeiro aspecto se situa no eixo do imaginário, em que o sujeito fala a partir de um “eu”, através de um discurso narcísico. Essa fala funcionaria como uma mediação do sujeito com o outro, porém sem uma implicação do sujeito com o desejo. A fala plena é acompanhada da dimensão da verdade. A realidade trazida através da fala plena não se relaciona com o que é verdadeiro ou mentiroso, mas com a verdade do desejo do sujeito, portanto com uma implicação do sujeito em sua fala. A fala plena se relaciona com o eixo simbólico. O termo correspondente ao eu no eixo simbólico se chama sujeito. (MILLER, 1995.)

Apesar do trabalho do analista nesse momento do ensino de Lacan implicasse buscar a fala plena, isso não se faz sem a fala vazia. O próprio dispositivo da análise – associação livre – possui vínculo com os dois aspectos da fala, sendo no silêncio, na detecção do que deve ou não ser ouvido, no jogo entre as palavras, atos falhos, que haveria uma modulação entre os dois aspectos. A concepção de uma fala vazia que não serviria a nada se mostra contraditória com a afirmação de Lacan de que “a fala, mesmo no auge de sua usura, preserva seu valor de tésseira³” (IBIDEM, p. 253).

O que Lacan expõe é que um discurso, mesmo que não comunique nada, representa a existência da ordem simbólica. Assim, mesmo na fala vazia - vinculada ao imaginário - também estaria presente o aspecto simbólico da linguagem. Na fala vazia, para além do que o indivíduo diz, o sujeito diz algo a mais à sua revelia, podendo assim ser introduzido à linguagem de seu desejo. A fala plena funcionaria

³ “Peça de osso ou marfim, semelhante ao dado, com as faces marcadas ou pintadas, e que servia de senha, de bilhete de entrada nos teatros e bilhete de voto.” (DICIONÁRIO. Michaelis)

para Lacan dialeticamente com a história do sujeito, promovendo uma resignificação dos sentidos passados e presentes, reordenando o futuro - “só fui assim para me transformar no que posso ser” (LACAN, 1953a, p. 252).

O inconsciente nesse momento é introduzido como uma parte do discurso que falta ao sujeito para estabelecer a continuidade de seu discurso consciente. É o capítulo da história do sujeito marcado por uma lacuna, um espaço em branco ou por uma mentira, aquilo que foi censurado ao sujeito. “O inconsciente é o discurso do outro” (IBIDEM, p. 266). Lacan parece de tal modo ter descoberto o inconsciente assim como Freud no início da psicanálise: como aquilo que falta ao sujeito ao qual ele não tem acesso. No caso da psicanálise lacaniana, devido a um discurso vindo de um outro. Estamos no nível da linguagem.

Para Lacan, é em *O chiste e sua relação com o inconsciente* (1905) que Freud demonstra de forma mais clara a relação entre inconsciente e linguagem. Sobre o chiste e seu aspecto de fala plena Freud nos orienta que “aquele que assim deixa escapar a verdade... na realidade fica feliz por tirar a máscara” (FREUD apud LACAN 1953a, p. 271). No chiste o inconsciente aparece deixando-se escapar na fala do sujeito que não reconhece nem sabe explicar a procedência de sua tirada espirituosa. A necessidade do terceiro ouvinte que o chiste impõe aponta que é no lugar do Outro que a fala se esclarece.

Freud ensinou que é no texto das associações livres que os sintomas são resolvidos. O sintoma, ao ser estruturado por uma linguagem, através do processo analítico que é um processo de fala, pode ser rompido (IBIDEM, p. 270). O trabalho do analista consistiria em jogar com a relação simbólica da linguagem, ou seja, com a não congruência entre significante e significado embora nesse momento Lacan ainda não faça referência a tais termos da linguística. O uso desse efeito simbólico se mostra nesse momento como um dos modos de interpretação na análise, o analista interviria a partir dos equívocos que a linguagem promove.

Nesse momento Lacan (1953) afirma que a lei do homem é a lei da linguagem. Estamos como humanos inseridos na ordem simbólica e o reconhecimento disso é essencial para a experiência psicanalítica. O simbólico nasce a partir da negação do objeto natural. É ao perder sua utilidade que a roda de bicicleta de Duchamp ganha um caráter simbólico, se inserindo como obra de arte (MILLER, 1995). A relação

entre simbólico e linguagem é intrínseca. Toda linguagem é simbólica, desde que não funcione como um código.

A linguagem deste modo não se apresenta como uma linguagem-signo, não há um caráter fixo da palavra, nela a palavra possui valor no campo das relações entre elas. A linguagem se estabelece no jogo de articulações entre fonemas, morfemas, semantemas e os demais graus de complexidade. A linguagem é caracterizada pela palavra que se presentifica como ausência, como na brincadeira do *Fort Da* descrita por Freud onde a criança simboliza a ausência e presença da mãe através desse jogo de palavras.

Os problemas abordados pela psicanálise se constituíam nas relações entre a fala e a linguagem no sujeito. É quando há uma dificuldade na relação entre fala e linguagem que o indivíduo padece. São apresentados por Lacan três paradoxos da relação entre a fala e a linguagem, o da loucura, o da neurose e o do sujeito que perde seu sentido nas objetivações do discurso. No que se refere à loucura, o paradoxo se apresenta quando o sujeito renuncia uma fala que se faça reconhecer, restando o sujeito objetificado em uma linguagem sem dialética.

No paradoxo apresentado na relação da neurose e fala, a fala não se relaciona com o discurso que ordena a consciência. Ao ser recalcada apresenta-se como sintoma, sendo um “símbolo escrito na areia da carne” (LACAN, 1953a, p. 282). Essa fala no entanto é passível de ser reencontrada, sendo possível no discurso analítico revelar o segredo dessa linguagem e com isso desatar o sentido aprisionado e com ele o sintoma. No que corresponde ao sujeito que perde seu sentido nas objetivações do discurso, o paradoxo entre linguagem e fala se apresenta no que o discurso científico implica no esquecimento de sua subjetividade por parte do sujeito. Ao servir demasiadamente à finalidade de informação a linguagem deixa de ser própria para a fala.

Miller (1995) observa que o Discurso de Roma é composto por divisões binárias: fala plena - fala vazia, fala - linguagem. Essas dicotomias indicam tanto uma articulação quanto uma diferença entre os termos. Analisaremos nesse momento a dicotomia linguagem x fala, já que a dicotomia fala plena x fala vazia já foi abordada. A linguagem pode ser entendida como todo o registro simbólico, o que distingue o ser humano dos demais animais portando a capacidade humana de se comunicar. O

inconsciente na perspectiva lacaniana se apresenta como estando no campo linguagem. Assim Lacan relaciona diretamente o inconsciente com a linguagem.

A fala é apresentada como um dom da linguagem, sendo uma forma na qual a linguagem se exprime de forma particular para o sujeito. A fala implica na própria constituição da subjetividade, pois ao falar o sujeito se coloca em determinada posição. Ao falar “tu és minha mulher”, o sujeito se coloca na posição de “sou seu homem”, Lacan (1953) no faz observar que a linguagem não tem como função meramente informar, mas evocar na fala a resposta do outro.

Miller (1995) identifica que nesse momento Lacan se encontra dividido entre a fenomenologia e o estruturalismo, sua teoria sobre a fala é dialética e fenomenológica, já sua teoria sobre a linguagem é estruturalista. Posteriormente Lacan decide-se a favor do estruturalismo e desenvolve uma teoria da fala que abandona a dialética em favor da articulação. A fala na estrutura do “só depois” abandonará a vertente intersubjetiva em que precisaria da resposta do outro, para ater-se na resposta do próprio sujeito, isto é “o emissor recebe do receptor sua própria mensagem sob forma invertida” (LACAN, 1953a, p. 299). A fala inclui o próprio sujeito na resposta.

O homem é regido pela lei da linguagem, sendo esta um limite intransponível para o homem. “Eis-nos, pois, acuados contra o muro, contra o muro da linguagem... Para além desse muro, não há nada que não seja, para nós, trevas exteriores.” (IBIDEM, p. 317) A linguagem é o limite tanto para o paciente quanto para o analista, não há necessidade de buscar fora dela recursos para o processo da psicanálise. Por tratar da função simbólica, a psicanálise deveria aprofundar seus conhecimentos nesse campo. Lacan afirma então que seria importante instrumentalizar a psicanálise de conceitos da linguística, que se instaurava como um novo modelo de ciências, divergindo dos métodos experimentais aplicados às ciências naturais.

A descoberta dos fonemas como pares de oposição, implicando em presença-ausência, se apresenta no contexto da função simbólica. A distinção entre sincronia e diacronia introduzida pela linguística também se apresenta como importante para as funções da fala abordadas pela psicanálise. Já no Discurso de Roma é apresentado o que mais tarde será teorizado como o fundamento da teoria do signo lacaniana. A personagem de Alice no país das maravilhas, Humpty Dumpty lembra

que o mestre do significante não é o que determina o significado, apresentando a disjunção entre significante e significado (MILLER, 1995).

- Quando eu uso uma palavra- disse Humpty Dumpty em tom escarinho-ela significa exatamente aquilo que eu quero que signifique...nem mais nem menos.
- A questão – ponderou Alice – é saber se senhor pode fazer as palavras dizerem coisas diferentes.
- A questão- replicou Humpty Dumpty – é saber quem é que manda. É só isso.
- Alice ficou desconcertada demais para dizer qualquer coisa, e assim, depois de um minuto, Humpty Dumpty começou: - algumas palavras têm mau gênio, especialmente os verbos, que são os mais orgulhosos. Os adjetivos, você pode fazer o que quiser com eles, mas não com os verbos... contudo, posso dominar todos! Impenetrabilidade! É o que eu digo.
- O senhor poderia me dizer, por favor – perguntou Alice- o que isso significa?
- Ah, agora você fala como uma criança sensata – disse Humpty Dumpty parecendo muito satisfeito. Por “impenetrabilidade” eu quis dizer que já falamos demais desse assunto e não seria mau se você dissesse o que tem a intenção de fazer logo depois, supondo-se que não pretende ficar aqui o resto da vida.
- É muita coisa para uma palavra só dizer - disse Alice com uma inflexão pensativa.
- Quando faço uma palavra trabalhar tanto assim – explicou Humpty Dumpty - pago sempre extra. (CARROLL, 1980, p. 196)

Baseado na tese central de que o edifício da psicanálise é constituído a partir do campo da linguagem, em *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud* (1957), Lacan se serve de conceitos da linguística para fundamentar essa prática, estabelecendo de que maneira o “inconsciente é estruturado como uma linguagem”. Deste modo Lacan refuta a ideia de um inconsciente entendido como reservatório de instintos. Se desde o começo de seu ensino Lacan trabalha a linguagem como o fundamento da psicanálise, é nesse texto de 1957 que Lacan se fundamenta com os recursos da linguística para aprofundar sua leitura de Freud. Lacan utiliza os termos de Saussure, mas apropriando-os à sua maneira, fazendo com que os termos da teoria linguística sirvam agora para uma teoria psicanalítica. É isso que se entende quando se diz que Lacan subverte os conceitos saussureanos, o ato de fazer um uso que é outro. Arrivé (1999) analisa o uso do termo significante por Lacan em relação ao termo da linguística. Para o autor os dois significantes não dizem da mesma coisa, porém se relacionam em alguns aspectos, sendo por isso legítimo o uso do mesmo termo: significante.

Lacan parte do significante proposto por Saussure, mas ao se estabelecer sobre o campo do inconsciente, deslocamentos em relação ao seu ponto de partida certamente se deram sem que isso seja explicitado. Pode-se dizer que o significante

em Saussure se refere aos mais variados estratos da Língua, porém principalmente a palavra. O significante utilizado em Lacan inclui o que é da ordem dos fonemas, pois se estabelece principalmente em relação à diferença dos sons. É por isso que a linguística de Jakobson lhe será tão importante, assunto que veremos mais adiante.

O texto de 1957 foi escrito a partir de um debate com um grupo de filosofia do campo de Letras, em que o autor diz ter encontrado público apropriado para a exposição desses ensinamentos. É interessante observar que esse texto marca a entrada de Lacan na universidade, por isso apresenta uma forte marca teórica, se como um discurso científico (NANCY; LACOUÉ-LABARTHE, 1991). A letra, inserida no título, parece ser o grande objeto do texto, não que não o seja. Porém, ao longo dele poucas vezes a letra é referenciada de forma objetiva, quando é descrita como “suporte material que o discurso concreto toma emprestado da linguagem” (LACAN, 1957/1998, p. 498) ou “a estrutura essencialmente localizada do significante” (IBIDEM, p. 505). Durante o escrito é sobre o funcionamento da linguagem e seus efeitos subjetivos que se aborda. Porém, a letra mesmo pouco referida diretamente, nunca é abandonada nos títulos das três divisões: I. O sentido da letra; II. A letra no inconsciente; III. A letra, o ser e o outro. Esse ponto traz a marca da autoridade que Lacan outorga para o conceito.

Nesse momento é observada uma mudança na perspectiva teórica do ensino lacaniano com um distanciamento da perspectiva fenomenológica. Nota-se nesse escrito algumas mudanças no seu entendimento sobre a linguagem. Há nesse período o predomínio de uma abordagem da linguagem com maior proximidade da fenomenologia. Em contrapartida a fala é relacionada com a questão do sentido. Essa abordagem mais fenomenológica da linguagem Lacan abandonará na medida em que aumenta sua aproximação com o estruturalismo que não se preocupa com a questão do sentido, mas sim com a relação entre os termos, valorizando assim a diferença. Se até aqui o inconsciente como linguagem era abordado através da perspectiva do ser e seu desvelamento e do homem habitado por uma linguagem, a partir de 1957 Lacan aborda de frente a primazia do simbólico, criando a teoria do significante.

No Lacan em que o registro do simbólico é privilegiado, o significante se estabelece como elemento fundamental de toda a sua teoria psicanalítica. O que se ouve é o significante e o significado é apenas efeito dele. Com isso toda a base para

a teoria da constituição do sujeito assim como da própria interpretação psicanalítica se relaciona com esse elemento. É importante frisar que mesmo na última parte de seu ensino, o significante não desaparece. Pelo contrário, ele comparece em enxames.

Lacan a partir desse ser habitado pela linguagem deduziu “uma teoria do sujeito determinado pelo primado da função simbólica, denominando “significante” ao elemento constitutivo dos atos e do destino desse sujeito” (ROUDINESCO, 2011, p. 66). A questão do desvelamento do ser desaparece a partir do instante que o sujeito passa a ser um efeito do significante. Lacan recria o conceito de signo que serve à psicanálise para compreender a estrutura do inconsciente, o funcionamento do sujeito do significante. É sobre a linguagem que Lacan (1957) trata e seus efeitos no inconsciente, mas nos lembrando de que como toda a ciência que se preze é preciso chegar a sua unidade mínima, que para a ciência proposta por Lacan é a letra.

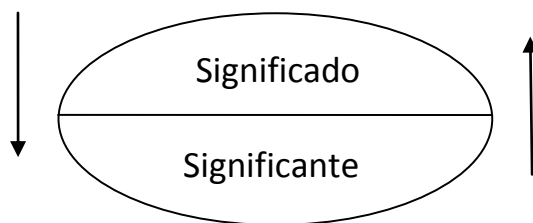
Nesse momento a letra e significante são facilmente relacionados e dificilmente distinguíveis. Lacan expõe que a linguística se constitui como ciência ao fundar um algoritmo, o signo. Esse algoritmo que é formulado por Saussure como significado/significante, tem seu uso subvertido por Lacan em Significante/significado com uma barra resistente à significação.

O interesse do autor é fazer uso da linguística para a conceituação da psicanálise. É importante salientarmos que Lacan ao utilizar a linguística não tenta estudar a Língua, mas refletir sobre os efeitos da linguagem no sujeito, sujeito este do inconsciente. O que Lacan explicita é que os lugares do sujeito do significante e do sujeito do significado não se correspondem. É o que Lacan também apresenta ao subverter o cogito cartesiano “penso onde não sou, logo sou onde não penso” (LACAN, 1957/1998, p. 521). Aqui Lacan também se apropria de um dizer de outro campo, o da filosofia cartesiana, para explicar do que se trata na psicanálise. Significante e significado não se apresentam no mesmo eixo, para Lacan é sobre isso que se refere a descoberta freudiana. Lacan explica os fundamentos da psicanálise se utilizando de elementos da linguística. Para isso foi preciso fazer uma releitura de Freud, incluindo uma reterorização de Saussure.

O signo de Saussure (2006) (figura 1) apresentado no *Curso de Linguística Geral* tem como característica a união entre significante e significado, indicado pelos

vetores que partem de ambas as direções. Saussure explicita esse caráter do signo ao comparar a Língua com uma folha de papel em que o som seria o verso e o pensamento seria o anverso e afirmar que não se pode cortar um sem cortar ao mesmo tempo o outro. Com essa explicação apresenta a impossibilidade de separar o significante do significado.

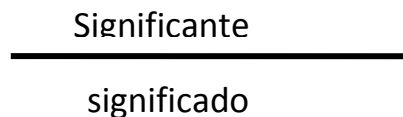
Figura 1: Signo Saussure



Fonte: SAUSSURE, 2006.

Lacan apresenta o signo de Saussure de outra forma (figura 2). É essa outra forma que possibilita a articulação com a teoria freudiana.

Figura 2: Signo Lacan



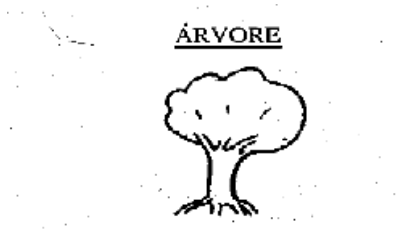
Fonte: Lacan, 1957

Há duas diferenças essenciais nesse novo algoritmo. Desaparecem tanto os vetores que implicam mutuamente significado e significante, quanto o círculo que indica uma unidade. O significante ganha uma primazia e há uma barra resistente entre significante e significado, não se estabelece mais como uma estrutura fechada. É a noção de recalque, fundamental para a psicanálise que esse novo algoritmo evidencia. “O recalque é constitutivo do núcleo original do inconsciente” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 647). O sujeito da psicanálise é um sujeito dividido, é o que revela essa não conjunção entre Significante e significado. No caso da neurose, é o significado da marca no corpo, significante, que o indivíduo desconhece.

Com esse passo Lacan afirma que o significante não representa um significado. Para exemplificar isso, o psicanalista apresenta a clássica definição de

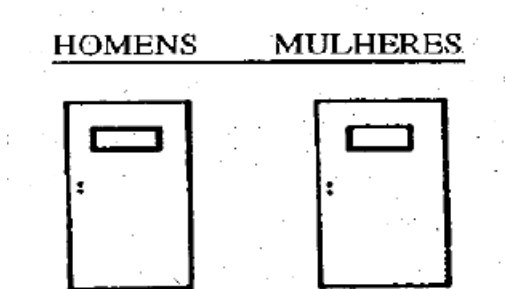
signo (figura 3), não sem já apresentar uma alteração na posição tradicional do significante e significado, para logo nos mostrar o caráter incongruente do significante em relação ao significado (figura 4).

Figura 3: Signo árvore



Fonte: Lacan, 1957

Figura 4: Signo homens – mulheres



Fonte: Lacan, 1957

Prontamente Lacan nos conta a história de dois irmãos que ao fazerem uma viagem de trem e pararem em uma estação, cada um de frente para o outro, se deparam com um significante. O menino ao ler a placa escrita do lado de fora da janela afirma que estão em “Mulheres”, já a menina lê “Homens”, demonstrando assim o puro caráter de suporte da linguagem no que se refere ao significante, e não de significação (LACAN, 1957/1998).

É, pois, por ocuparem lugares distintos e opostos que as duas crianças escolhem, por conta da parada (sem decifrar, por conseguinte, o significado), a inscrição correspondente ao lugar de cada um. Cada inscrição (ou cada lugar) é a exclusão da outra. (NANCY; LACQUE-LABARTHE, 1991, p. 53).

O significante é apresentado em uma estrutura, ou seja, ele é articulado. Assim como descoberto nos conceitos da Língua, um dos funcionamentos do significante se dá através da diferenciação, um é o que o outro não é, é o que se entende do conceito de valor de Saussure. Essa estrutura também funciona por formar uma ordem fechada, “cadeia significante”. É somente na relação de um

significante com os outros que a significação é buscada, embora o significante tenha como característica própria a antecipação de um sentido, o que pode ser observado durante a interrupção de uma fala em andamento. “Donde se pode dizer que é na cadeia do significante que o sentido *insiste*, mas que nenhum dos elementos da cadeia *consiste* na significação de que ele é capaz nesse mesmo momento.” (LACAN, 1957/1998, p. 506).

A relação para Lacan não está entre um significado e um significante, mas entre um significante e outros significantes, por isso a primazia do significante. Um significante remete a outro significante produzindo uma cadeia $S_1 - S_2 - S_3 - S_n \dots$ em que o significado se encontra sempre deslizando dessa cadeia Significante. O dicionário nos ilustra de forma apropriada essa característica da linguagem. Para explicar o sentido de um termo, necessariamente nos remete a outros termos. Para Lacan essa cadeia de significantes exige uma pontuação. Como característica desse modo de conceber a linguagem, o sentido se faz a partir da pontuação que o sujeito dá ao texto, pois o sentido é sempre retroativo na cadeia significante. Um bom exemplo para esse aspecto da linguagem é a clássica história de Pedro Pedra que prestes a morrer decide escrever um testamento, porém não tem tempo de efetuar a pontuação.

Pedro Pedra, um rico comerciante, sentindo que não lhe sobrava muito tempo de vida, escreve, às pressas, seu testamento, deixando de lado a pontuação: “Deixo meus bens à minha irmã não ao meu sobrinho jamais será paga a conta do alfaiate nada dou aos pobres”. O sobrinho de posse de uma cópia do testamento pontuou:

-“Deixo meus bens à minha irmã? Não. Ao meu sobrinho. Jamais será paga a conta do alfaiate. Nada dou aos pobres”.

A irmã, também de posse da cópia do documento, pontuou:

- “Deixo meus bens à minha irmã. Não ao meu sobrinho. Jamais será paga a conta do alfaiate. Nada dou aos pobres”.

A cópia chegou às mãos do alfaiate que pontuou:

- "Deixo meus bens à minha irmã? Não. Ao meu sobrinho? Jamais. Será paga a conta do alfaiate. Nada dou aos pobres".

Chega a cópia a um pobre coitado, que trabalhava para o comerciante, porém escolarizado, pontuou:

-“Deixo meus bens à minha irmã”? Não. Ao meu sobrinho? Jamais. Será paga a conta do alfaiate? Nada. Dou aos pobres.

A pontuação conforme sua posição no discurso fornece outros sentidos aos significantes. O sentido não está inserido no significante, mas toda cadeia significante produz um sentido. Conforme Lacan, a linearidade do discurso não se apresenta como único vetor da linguagem. Utilizando-nos de um conceito de Jakobson, poderíamos dizer que para Lacan o eixo paradigmático se apresenta na

linguagem, referindo que o próprio Saussure admite essa dimensão da Língua ao estudar os anagramas e ouvindo a polifonia presente no discurso.

A cadeia significante é regida por dois modos de funcionamento, metonímia e metáfora. Freud (1900) conceitua que o processo primário do inconsciente ocorre através dos mecanismos de deslocamento e condensação. Lacan (1957) iguala esses mecanismos com a estrutura de funcionamento dos significantes. Lacan pressupõe que Freud não se utilizou dos conceitos por apresentados simplesmente porque em sua época a linguística ainda não havia se constituído. É com a linguística de Jakobson que os conceitos de metáfora e metonímia são descritos como os princípios que regem a linguagem.

Jakobson (1975) descreve que a linguística se interessa por todos os aspectos da linguagem “pela linguagem em ato, pela linguagem em evolução, pela linguagem em estado nascente, pela linguagem em dissolução.” (JAKOBSON, 1975, p. 34). Nesse aspecto da linguagem verificou que o ato da fala implica numa seleção e combinação de palavras e frases, realizada pelo locutor que possui certa liberdade de optar por palavras e frases em diferentes contextos.

Seleção e combinação são apresentadas como os mecanismos fundamentais da linguagem. A seleção é o mecanismo que ocorre na relação de substituição de uma palavra por outra, na escolha de uma e não outra. Por exemplo, na frase “a casa é amarela”, a palavra “amarela” poderia ser substituída por outras, por exemplo, “azul”, “grande”, “feia”, entre inúmeras outras. Nos termos de Saussure esse aspecto se refere ao eixo paradigmático, numa relação de sincronia, em que um termo se relaciona com outro *in absentia*, seja por similaridade ou oposição.

[...] os termos de uma família associativa não se apresentam nem em número definido nem numa ordem determinada. Se associarmos desej-oso, calor-oso, medr-oso, etc., ser-nos-á impossível dizer antecipadamente qual será o número de palavras sugeridas pela memória ou a ordem em que aparecerão. Um termo dado é como o centro de uma constelação, o ponto para onde convergem outros termos coordenados cuja soma é indefinida. (SAUSSURE, 2006, p. 146)

Já a combinação se refere à relação de contiguidade entre as palavras. Saussure estabelece esse eixo como o sintagmático, em que um termo se relaciona com o outro *in praesentia*, apresentando, portanto uma relação diacrônica. “O sintagma se compõe sempre de duas ou mais unidades consecutivas (por exemplo: re-ler, contra todos; a vida humana; Deus é bom; se fizer bom tempo, sairemos, etc.)” (SAUSSURE, 2006, p. 146).

Para Jakobson, esses dois processos diferentes da linguagem, a seleção e a combinação, quando não funcionam de modo devido produzem um tipo de afasia característica. Para o autor, esses dois aspectos da linguagem estão relacionados com as duas figuras da retórica, a metáfora e a metonímia. Nessa exploração sobre os funcionamentos da linguagem, Jakobson cita os estudos de Freud sobre os sonhos, salientando a importância do estudo desses dois aspectos da linguagem em outros campos.

Eis por que numa investigação da estrutura dos sonhos, a questão decisiva é saber se os símbolos e as seqüências temporais usadas se baseiam na contigüidade ("transferência" metonímica e "condensação" sinedóquica de Freud) ou na similaridade ("identificação" e "simbolismo" freudianos) (JAKOBSON, 1975, p. 61).

Jakobson (1957) é uma referência utilizada por Lacan. O Linguista descreve nesse texto que a linguística se interessa por todos os aspectos da linguagem, “pela linguagem em ato, pela linguagem em evolução, pela linguagem em estado nascente, pela linguagem em dissolução” (JAKOBSON, 2005, p. 34). Para a teoria lacaniana de que o inconsciente está estruturado como uma linguagem, a apresentação jakobsoniana de que a linguagem funcionaria através desses dois aspectos e a descrição desses processos – metáfora e metonímia - é de amplo valor. Em sua releitura da obra freudiana, Lacan reconhece nos processos primários do inconsciente – condensação e deslocamento – os mesmos aspectos básicos da linguagem. “De uma forma geral, o que Freud chama a condensação, é o que se chama em retórica a metáfora, e o que ele chama o deslocamento é a metonímia” (LACAN, 1957/1998, p. 252).

A regra da “associação livre” instaurada pela psicanálise se justifica quando o inconsciente obedece a regras contidas na linguagem. Sendo significante e significado polos que não se coadunam, é através da metonímia e da metáfora que o significante opera.

Lacan apresenta a fórmula da estrutura metonímica: “ $f(S\dots s')S\approx S(-)s$ ”, ou seja, a função metonímica do significante pelo qual se produz a conexão de um significante (S) com outro (s') é congruente com a preservação da barra horizontal entre o significante e significado.

A metonímia se refere ao funcionamento da cadeia significante em que um significante se remete a outro para que haja significação. Nessa operação não há de modo algum conjunção entre significante e significado. Nessa estrutura a função do

significante é conectar a outros significantes, o aspecto de combinação da linguagem, se relacionando com o eixo sintagmático. O sinal (-) representa a barra resistente a significação. “A metonímia não é, pois uma figura como enfeite ou maneira que manteria salvo o sentido. É o sintagma como eixo ou rodeio segundo o qual o sentido se empobrece ou se esgota na letra do discurso.” (NANCY; LACOUÉ-LABARTHE, 1991, p. 82). É o que Lacan refere ao dizer “*que é no de palavra em palavra*” da cadeia significante que se apresenta a metonímia. (LACAN, 1957/1998, p. 509)

A metáfora em contrapartida relaciona-se com o eixo paradigmático que marca a seleção dos significantes. A fórmula da metáfora é apresentada por Lacan como: “ $f(S'/s)S \approx S(+s)$ ”, que se lê: a função metafórica do significante pela qual se produz a substituição de um significante (S') por outro (s) é congruente com a aparição de significação.

A metáfora transpõe a barra de resistência entre significante e significado, criando um “efeito de significação que é de poesia” (LACAN, 1957/1998, p. 519) A metáfora se constitui não na conjunção de um significante com outro, mas com a substituição de um por outro, mantendo assim a característica de não conjunção entre os dois elementos do signo. Como nos indica Aristóteles, a metáfora não se constitui através de uma comparação entre dois termos como comumente se acredita, mas de uma “transposição do nome de uma coisa para outra” (ARISTÓTELES *apud* MARCONDES, 2009, p. 27), criando um sentido que até então não existia. A fórmula da metáfora nos diz, “*uma palavra por outra palavra*” (LACAN, 1957/1998, p. 510), ou seja, um significante no lugar de outro.

Lacan apresenta a poesia de Victor Hugo como exemplo do deslocamento metafórico: “Seu feixe não era avaro nem odiento...” (IBIDEM). O feixe se torna substituto de Booz, concedendo outra significação a seus atributos. O feixe ocupa o lugar de Booz, que não pode retomá-lo. A constituição subjetiva a partir do complexo de Édipo é proposta então por Lacan em termos de significante e da metáfora paterna. Frente ao enigma do desejo da mãe a criança a partir do Nome-do-pai pode dar uma significação fálica a essa incógnita. “Ao substituir o Desejo da Mãe pelo Nome-do-Pai, a metáfora paterna põe no lugar de uma ausência um nome que a tampona e que confere a um vazio sem sentido, enigmático, um sentido de proibição, de interdito” (VIDAL, 2013, p.16). O Nome-do-Pai se produz como um

significante em sua mais pura essência, no que ele não porta em si significado algum. Desse modo ele não se confunde com um pai real, este ou aquele pai, mas serve para nomear uma incógnita do desejo.

A metáfora paterna seria então responsável pela inserção do sujeito na ordem simbólica.

É entre o significante do nome próprio de um homem e aquele que o abole metaforicamente que se produz a centelha poética, ainda mais eficaz aqui, para realizar a significação da paternidade, por reproduzir o evento mítico em que Freud reconstituiu a trajetória, no inconsciente de todo homem, do mistério paterno. (LACAN, 1957/1998, p. 511)

O Nome-do-pai teria como lugar importante a função de servir como ponto de basta entre significante e significado na cadeia significativa. É a partir dele que o contínuo deslizar entre significante e significado encontraria algum ponto de ancoragem. Por funcionar como um significante, um significante com características essenciais é que pode exercer tal função. Vidal esclarece sobre esse aspecto ao salientar a especificidade do Nome-do-Pai

O significante candidato a tal lugar deve preencher a condição de que não remeta a nenhum outro significante, de que não signifique nada, para assim tornar manifesta a incidência do significante sobre o significado, o fato de que este ordena e até mesmo produz as significações. Ora, tal condição é preenchida segundo Lacan justamente pelo Nome-do-Pai, significante sem sentido ("injustificado", escrevemos antes) que, ao substituir metaforicamente outro significante, produz sentido: efeito contingente, o sentido não existe de per si, é sempre metafórico. (VIDAL, 2013, p. 21)

A letra é apresentada por Lacan (1956b) a partir do conto de Edgar Allan Poe *A carta roubada* como aquilo que exerce uma supremacia em relação ao sujeito. A ordem simbólica é constitutiva para o sujeito. A circulação da carta –significante– pelos personagens e o simulacro dela, mesmo que não conhecedores de seu conteúdo –significado– afeta cada um das personagens. O rei, a rainha, o ministro, Dupin. Todos estão inseridos em um jogo que o simples circular da carta impõe para cada um, mesmo desconhecendo a existência da carta ou a troca dela. Própria demonstração metafórica do mecanismo do inconsciente.

O devir dessa carta/significante que ao longo de seu percurso é trocada por diversos substitutos, não pode, tampouco, deixar de nos remeter à ordem da linguagem e a seus mecanismos de substituições significantes... cada um dos personagens, determinados em seu agir pela relação com a carta, nos conduz a posição do sujeito, movido à revelia pelos significantes da linguagem em relação com o inconsciente. (DOR, 1989, p. 45)

Nesses termos, linguísticos, Lacan reinterpreta a teoria freudiana. O inconsciente nesse momento é abordado a partir da lógica do significante. Freud

mesmo com toda a sua articulação com a arte em suas mais variadas formas e as utilizando para o avanço da psicanálise, estava inserido em um contexto em que as ciências naturais tinham predomínio. No pós-freudismo, o conceito de inconsciente foi esquecido em prol de uma ortopedia e adaptação dos comportamentos. Lacan rebusca esse conceito primordial para a psicanálise. Porém, o contexto em que Lacan se insere é outro. O que possibilita uma releitura e reelaboração do conceito de inconsciente é o encontro com o referencial de outro ideal de ciência, as ciências humanas que se constitui a partir da linguística criada por Saussure. Lacan acredita que Freud se antecipou em relação as formalizações da linguística e apenas não utilizou seus termos e formulações porque a linguística não havia ainda se constituído (LACAN, 1957/1998, p. 516-517).

Durante os primeiros anos de seu ensino, Lacan se esforçou por valorizar o que ele entendia como o instrumento da psicanálise, a fala. Com isso, trabalhou aspectos da linguagem tendo influência da filosofia heideggeriana e da linguística. (LACAN, 1964/2008, p. 26-28). Em 1964 Lacan continua sua elaboração sobre o conceito fundamental do inconsciente relacionando-o nesse momento com seu caráter evanescente, com o que aparece e desaparece. “A descontinuidade, esta então a forma essencial com que nos aparece de saída o inconsciente como fenômeno – a descontinuidade, na qual alguma coisa se manifesta como vacilação” (LACAN, 1964/2008, p. 32-33). Segundo o autor, foi por isso que Freud se deparou com o inconsciente nos sonhos, atos falhos e chiste, pois este aparece no tropeço, tropeço de linguagem.

Tropeço, desfalecimento, rachadura. Numa frase pronunciada, escrita, alguma coisa se estatela. Freud fica siderado por esses fenômenos, e é neles que vai procurar o inconsciente. [...] O que se produz nessa hiância, no sentido pleno do termo produzir-se, se apresenta como um achado. É assim, de começo, que a exploração freudiana encontra o que se passa no inconsciente. (LACAN, 1964/2008, p. 32)

O inconsciente e causa se relacionam em termos de separação. Causa em Lacan não é aquela que pensamos como lei de ação e reação, mas como causa naquilo que ela tem de enigmático, como “as fases da lua são a causa das marés” (LACAN, 1964/2008, p. 29). Há dessa maneira um intervalo, uma hiância entre causa e o efeito. É por isso que Lacan nos diz que “só existe causa para o que manca”. Nesse domínio da causa Lacan introduz a lei do significante (LACAN, 1964/2008, p. 31), o inconsciente porém continua a se produzir segundo a lógica do significante.

Saussure e Freud, dois pensadores que marcaram a entrada do século XX, se relacionam por estarem inseridos no campo da linguagem, mas é com Lacan que eles finalmente dialogam à maneira lacaniana.

2. SAUSSURE, A LINGUÍSTICA (E OS ANAGRAMAS)

“Que esse sujeito seja originariamente marcado por uma divisão, é a partir daí que a linguística ganha força, para além dos gracejos da comunicação.

Sim, força que põe o poeta no saco dela. Porque o poeta se produz por ser... produz-se por ser devorado pelos versos/vermes [vers] que encontram entre si o seu arranjo, sem se incomodar, isso é patente, se o poeta sabe disso ou não.”

Jacques Lacan.

2.1 A obra saussuriana

O ato de nomear um trabalho com um título e a identificação de um autor nas produções materiais é um fazer moderno, como nos indica Milner (1996) é a partir dessa nomeação que o conceito de obra é produzido. A obra de arte, obra literária, se caracteriza a partir da ideia de Um, uma unidade em torno de determinado autor, de determinado pensamento. “...a obra não é necessariamente *um* livro, nem mesmo necessariamente um *livro*. A obra não é uma matéria, é uma forma e é uma forma que organiza a cultura.” (MILNER, 1996, p. 11-12).

As obras modernas são constituídas a partir dessa nomeação e publicação, sendo desse modo inscritas na cultura. Nesse aspecto Milner diferencia o conceito de obra como aquele em que é capturado pela cultura, de um outro modo de publicação característico na ciência em que a questão da cultura é excluída. Na publicação científica a prevalência se fixa na técnica e assim a identidade de um autor passa a ser secundária. É assim que na modernidade as inscrições na ciência e na cultura se encontram excludentes, sendo necessário optar por uma das formas.

Basta portanto que um moderno se veja convocado a um só tempo pela ciência e pela cultura para que a questão da obra se lhe apresente e exija uma decisão. Entre ambas, a escolha foi por vezes crucial. Este foi o desafio proposto aos alunos de Saussure. Sabemos que eles tomaram o partido da obra, sustentando que a mera compilação dos trabalhos científicos não bastaria para salvar um nome próprio ao qual se apegavam. Daí nasceu este “todo orgânico” chamado *Cours de linguistique générale*, sem que se saiba se este título fora concebido como singular ou plural. O sucesso dos editores deve-se justamente ao fato de que o singular se impôs a todos (dizemos o Curso); a partir daí, existe de fato uma obra de Saussure, constituída pela associação de um nome de autor e de um texto, entendido como unitário; a partir daí, Saussure ingressa nas fileiras da cultura. (MILNER, 1996, p. 13)

Foi a partir do *Curso de Linguística Geral* que o nome de Saussure ficou marcado na história. O surgimento da linguística moderna foi possível a partir dos diversos princípios e conceitos elaborados nessa obra. A instauração do estudo de um objeto a partir da sincronia, ou seja, da relação entre os elementos que constituem um sistema possibilitou avanços para diversos outros campos. Esta obra saussuriana é um clássico marcado por controvérsias. É interessante a análise de suas peculiaridades, suas críticas e objeções, assim como seus pontos importantes, para o avanço no trabalho a ser percorrido.

É peculiar do *Curso de linguística geral* (CLG) que ele seja produto de uma autoria atribuída, não foi exatamente Saussure que escreveu o livro. É certo que muitas aulas ou transmissões orais são transformadas em livros. A própria psicanálise está repleta destes casos, mas no que se refere especificamente a esse livro muitas questões são colocadas. O livro não é uma compilação ou reprodução das aulas, mas é apresentado como “um todo orgânico” (MILNER, 1996, p. 13). Os editores reconstruíram o que seria o pensamento de Saussure a partir de tópicos integrados no sistema como um todo “isentado das variações, das flutuações inerentes à lição falada” (SAUSSURE, 2012, p. 25). Ao organizarem o livro, fizeram-no conforme o entendimento que tiveram do material e com o que entendiam como condizente com o discurso científico da virada do século XX.

Este livro foi escrito por dois linguistas admiradores do mestre Saussure, Albert Sechehaye e Charles Bally, como síntese do curso ministrado por ele entre os anos de 1907 e 1911. A surpresa ocorre quando descobrimos que os dois linguistas não frequentaram tais aulas. Albert e Charles tinham como pretensão escrever a obra a partir de manuscritos pessoais que foram colocados à disposição deles pela viúva de Saussure, porém pouco material sobre o curso foi encontrado, restando assim uma reconstituição do curso somente a partir de anotações dos alunos que frequentaram as aulas.

Essa reconstituição na análise de Bouquet (2000) não é totalmente fidedigna ao pensamento de Saussure, principalmente no que se refere a dois aspectos. O primeiro é que a obra foi editada como se fosse um sistema acabado. No entanto, quando os textos originais e manuscritos são analisados percebe-se que o pensamento saussuriano não é fechado e concluído, mas composto por fragmentos e ideias. O segundo aspecto é a apresentação do Curso através do discurso

homogêneo de uma “epistemologia programática da ciência da linguagem”, no entanto quando se compara com os textos originais é possível verificar que o discurso de Saussure é de outra ordem.

Segundo Bouquet (2000), o interesse de Saussure estava voltado para: 1) “uma epistemologia da gramática comparada”; 2) “uma reflexão “filosófica” sobre a linguagem”; 3) “uma epistemologia programática da linguística”, porém como uma possibilidade de disciplina futura, não como tarefa que já estivesse sendo realizada no momento (BOUQUET, 2000, p. 14). Desses três discursos heterogêneos, Sechehaye e Bally promoveram certas distorções e supressões para constituir o CLG como um discurso homogêneo que aborda a linguística como uma ciência pronta. Apesar de muitas críticas Bouquet reconhece a importância da edição realizada.

É preciso admitir, sejam quais forem as críticas que se lhe possam fazer, que o ponto de vista organizante do *Cours de linguistique générale* se releva muito eficaz. Seja como for, diante de um pensamento sutil mas incompletamente desenvolvido, como o do mestre genebrino, e em relação à história das ideias na qual se inscreve o acontecimento editorial de 1916, a redução de Bally e Sechehaye era, provavelmente o melhor caminho a ser seguido naquele momento. (BOUQUET, 2000, p. 14-15)

Ter conhecimento sobre a história do surgimento do CLG não se resume em simples curiosidade, pois a advertência sobre a complexidade do texto final dessa obra possibilita um exercício de leitura mais crítica. “Reconhecer a gênese é determinante para o tipo de leitura que se pode imprimir ao livro e para o entendimento das relações do CLG com as demais fontes saussurianas” (FIORIN, FLORES E BARBISAN, 2013, p. 12).

A partir da metade do século XX começaram a surgir críticas em relação ao CLG e outras publicações referentes ao trabalho de Saussure foram escritas. Em 1971, Jean Starobinski publica o livro *Palavras sob palavras* em que reúne os manuscritos sobre os estudos de Saussure sobre os anagramas, apresentando o Saussure leitor de poesia. É a partir desses estudos que é possível nesse trabalho fazer uma contraposição à noção de Língua estabelecida pelo CLG. O estudo sobre os anagramas também aproxima a dimensão de alíngua que será discutida no próximo capítulo.

Não se pretende aqui definir o que constituiria o “verdadeiro” pensamento saussuriano. Fato é que Saussure não publicou nem o que se constituiu como o fundamento da linguística moderna, nem seus estudos sobre os anagramas. Nesse

trabalho interessa esse ponto de divisão entre os dois trabalhos, pelo qual Saussure não se pronunciou.

2.2 Saussure e O Curso de Linguística Geral

O Curso de Linguística Geral (CLG), pelo menos como foi apresentado por Bally e Secheraye, opera segundo a lógica do positivismo nascido no século XIX. Antes deste período, sob o nome de “ciência” operava tanto o saber positivo quanto o saber não-positivo. A ideia de que um saber precisa ser da ordem do positivo, empírico, calculável é uma marca moderna. Até então a filosofia, a literatura, e outros saberes pertencentes ao grupo de saberes não positivos, possuíam o mesmo status de conhecimento.

Foi só a partir do século XIX que o próprio nome genérico ciência, que na época clássica designava uma globalidade que abrangia tanto o saber positivo quanto o saber não-positivo, passou a estenografar, progressivamente; a complementaridade do saber positivo e do saber não-positivo: a concepção corrente da palavra ciência passou, na época contemporânea, a designar os discursos que articulam, no plano proposicional mínimo que faz sua especificidade, as proposições positivas, passando, portanto, a se confundir com a ciência positiva –sendo que esta última expressão tende, à primeira vista, a formar um pleonasma, e a expressão ciência não-positiva, um oxímoro. Inversamente, o sentido da etiqueta filosofia, que até o século XIX se confundia com o de ciência, passou, como reação contra a tendência a uma positivação geral dos saberes, herdeira da filosofia das Luzes, a designar um discurso pertencente exclusivamente ao domínio do não-positivo. (BOUQUET, 2000, p. 30-31)

Saussure nasceu em 1857 na cidade de Genebra. Seguiu por algum tempo a tradição familiar de estudos com a ciência-positiva, mas aos quatorze anos abandonou o estudo da física para se dedicar integralmente aos estudos das línguas (MILANI, 2009). É nesse contexto cultural e pessoal que encontramos Saussure e a possibilidade do surgimento do CLG, livro que é considerado como uma das grandes obras do século passado. Foi como um homem de sua época e também um homem além de sua época, que Saussure revolucionou os estudos da linguagem, que até então era fundamentada em estudos de Gramática Comparativa.

Saussure foi um dedicado pesquisador. Foi reconhecido desde cedo por seu trabalho de mestrado *Mémoire sur le système primitif des voyelles des lês langues indo-européennes* (1878) que se apresenta como um estudo da gramática comparativa. Sua tese de doutorado *De l'emploi Du génitif absolu em sanscrit* defendida em 1880 sobre a língua sânscrita, uns dos poucos textos publicados em

vida pelo autor, também se apresentou como um trabalho importante em sua época. O curso sobre linguística geral que proferiu entre os anos de 1907 e 1911 na universidade de Genebra tinha como objetivo “segundo o próprio Saussure, uma filosofia da linguística” (BOUQUET, 2000, p. 13) Após anos de estudo e ensino, Saussure tinha como pretensão organizar os estudos das línguas, constituir um método e retirar uma teoria mais universal sobre os fatos das línguas. Bouquet descreve que a Língua como um conceito foi criada por Saussure de forma progressiva durante suas aulas.

Pelo estudo, pela observação dessas línguas, [o linguista] poderá extrair traços gerais, ele reterá tudo o que parece essencial e universal, para deixar de lado o particular e o acidental. Ele terá diante de si um conjunto de abstrações que será a língua. É isso que podemos resumir nesta segunda divisão: a língua. Na língua, nós resumimos o que podemos observar nas diferentes línguas. [...] A língua é o título que podemos dar àquilo que o linguista souber extrair de suas observações sobre o conjunto das línguas, através do tempo e através do espaço. (Bouquet, 2000, p. 120-121)

Através desse curso proferido e a edição de Bally e Secheraye, o CLG passa a reunir princípios e métodos que deveriam reger a linguística. “O famoso livro de Saussure que ele não escreveu” (SAUSSURE, 2012, p. 19) é dessa forma uma forte referência no campo da linguagem. Em meio às diversas críticas e objeções quanto a fidelidade do conteúdo do CLG e se este corresponderia ao pensamento de Saussure, o fato é que é a partir dele que a linguística e Saussure se estabelecem. A importância do CLG é inegável, sendo necessário até mesmo efetuar críticas à linguística recorrer a esta obra. Não é possível falar de Saussure sem citar o CLG, esse livro influenciou grandemente não só a linguística, mas as ciências humanas de forma abrangente. É ao Saussure do CLG que Lacan recorre para explicitar os fundamentos da teoria psicanalítica.

Com seu curso Saussure criou o que segundo uma certa perspectiva⁴ chamamos hoje de linguística moderna, sendo o CLG seu marco fundador. É no CLG que é criado um objeto para o estudo da linguística: a Língua. Saussure enfatiza a importância de se ter um objeto para a constituição de uma ciência. “Ora, sem essa operação elementar, uma ciência é incapaz de estabelecer um método para si própria” (IBIDEM, p. 34).

⁴ A Linguística, assim como acontece na psicologia, é uma ciência não unificada, mas dispersa em diversas vertentes teóricas. Conforme a perspectiva teórica, o objeto e a história de sua criação se alteram. Como exemplo citamos a Linguística Gerativa Transformacional de Noam Chomsky, que apresenta outro objeto para a ciência da linguagem, baseado na competência linguística.

A partir da lógica apresentada no CLG os estudos sobre as línguas não precisavam mais operar sobre determinada língua ou por meio da comparação de diferentes línguas a fim de buscar uma lei de funcionamento, pois tinham agora como objeto a Língua, um objeto abstrato formulado por Saussure.

O que Saussure opera é a invenção de um postulado teórico, mas, ao fazer isso, promove uma discursividade tal que é impossível haver língua antes de Saussure. No sentido do termo que estaremos tratando aqui, a língua foi inventada por Saussure. Não estamos fazendo filologia com as línguas existentes, estamos tratando da língua como um conceito e este, Saussure, sem saber, o inventou, analogamente a Freud quando inventa o inconsciente. (MALISKA, 2003, p. 27)

No CLG é apresentado que a linguagem humana a princípio seria o material da linguística, porém esta é constituída por múltiplos aspectos, alguns que escapam a possibilidade de observação. Essa característica da linguagem impossibilita segundo os critérios de determinado pensamento científico dessa ser formada como objeto. Saussure então se encarrega do que estabelece como uma das tarefas da linguística, a de “delimitar-se e definir-se a si própria” (SAUSSURE, 2012, p. 37).

A Língua é então definida como objeto “integral e concreto” da linguística, porém, não sem a necessidade de esclarecimentos. O próprio Saussure enfatiza que se trata de um objeto criado. Contrapondo ao objeto de outras ciências, que seriam dados previamente e depois observados segundo vários pontos de vista, no que se refere ao campo da linguagem “nada de semelhante ocorre [...] Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto” (IBIDEM, p. 39).

Essa máxima saussuriana apresenta uma reflexão epistemológica inovadora para o pensamento positivista da época. Em um período em que o termo ciência era correlato aos métodos empregados pelas ciências chamadas naturais, onde a presença de um objeto pré-existente não era questionada, Saussure apresenta um novo modo de pensar o objeto de uma ciência. Para o interesse desta pesquisa destacamos dois pontos essenciais que essa epistemologia possibilita pensar: 1) a importância dessa reflexão para o campo das ciências humanas e para a psicanálise; 2) o entendimento da impossibilidade de estudar a linguagem de forma integral e completa.

Atualmente há um questionamento em relação à precedência do objeto até mesmo no campo das ciências naturais, porém a ideia da pré-existência de um objeto é uma marca das ciências pautadas pela ordem do positivismo. No começo

do século XX Saussure apresenta um novo modo de se conceber ciência, afirmando que o objeto era uma criação e, portanto estaria vinculado a uma posição do pesquisador. Essa nova aposta epistemológica abriu todo um campo de estudo das ciências ditas humanas, na qual a psicologia e as psicanálises se inserem. As ciências humanas são marcadas por uma enorme dispersão, em que várias teorias são apresentadas na tentativa de explicar os fenômenos relacionados ao campo.

Dessa forma, a máxima de Saussure “é o ponto de vista que cria o objeto” (SAUSSURE, 2002, p. 39) é observada na psicanálise em toda a sua dispersão. É por isso que se faz necessário afirmar a posição que nos encontramos como pesquisadores, qual o ponto de vista adotamos, a psicanálise lacaniana. Dentro desse ponto de vista que objetos são criados. Embora entendamos que algum diálogo possa e deva ser feito, a própria aposta dessa pesquisa se realiza considerando esse diálogo, o objeto deve ser analisado em coerência com o ponto de vista adotado. “É somente dentro do ponto de vista que criou o objeto que o mesmo pode ser analisado e considerado, jamais fora dele” (FRANK; KANITZ, 2013, p. 7).

Esse conceito nos insere no segundo ponto que destacamos como essenciais. Ao se posicionar em relação a um ponto de vista e criar um objeto, esse objeto jamais corresponderá à totalidade do fenômeno. Essa é a própria consequência lógica dessa máxima, pois se fosse possível estudar a totalidade do fenômeno, esse seria um objeto prévio e não criado segundo o ponto de vista. Saussure no que se refere à linguagem faz sua escolha, aborda a linguagem pelo ponto de vista da Língua. Desse modo, segundo o ponto de vista de Saussure, a Língua é criada como o objeto da linguística, um recorte abstrato da linguagem que é apresentado como “um aglomerado confuso de coisas heteróclitas, sem liame entre si” (SAUSSURE, 2012, p. 40).

A Língua passa ser a norma e o modo de entender a linguagem. É uma parte da linguagem, contudo sua parte essencial, pois se refere ao seu aspecto social. Saussure entende que o que seria natural ao homem não seria a linguagem, mas a própria capacidade de criar uma língua, de estabelecer um sistema de signos que correspondem a ideias distintas.

Para atribuir à língua o primeiro lugar no estudo da linguagem, pode-se, enfim, fazer valer o argumento de que a faculdade – natural ou não - de articular palavras não se exerce senão com a ajuda de instrumento criado e fornecido pela coletividade; não é, então, ilusório dizer que é a língua que faz a unidade da linguagem. (SAUSSURE, 2012, p. 42)

Essa unidade abstrata denominada Língua é apresentada como um sistema de signos – união entre sentido e imagem acústica - pertencentes a uma determinada sociedade. O indivíduo pertencente à essa sociedade apenas recebe os efeitos da língua e a utiliza conforme as regras estabelecidas. É assim que a dicotomia Língua x Fala se insere nessa teoria sobre a linguagem, a Língua como da ordem do que é social, a fala como aquilo que pertence ao indivíduo. Sobre aquilo que é individual, produto de vontade e da ordem do acidental (desejo?) a linguística contida no CLG pouco aborda. É sobre o fato social que pode ser conceituado e teorizado que o CLG se ocupa predominantemente. Embora o CLG se ocupe do fato social recalçando o que é da ordem do desejo, esses dois objetos, Língua e fala, estão intrinsecamente relacionados.

Sem dúvida, esses dois objetos estão estritamente ligados e se implicam mutuamente; a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça; historicamente, o fato da fala vem sempre antes. (SAUSSURE, 2012, p. 51)

Como seres falantes, só temos acesso a uma Língua após termos ouvido-a de outros, “é ouvindo os outros que aprendemos a língua materna; ela se deposita em nosso cérebro somente após inúmeras experiências” (IBIDEM, p. 51). Há total dependência entre a Língua e a fala, somente por um ato de abstração é possível efetuar tal separação. Mas a partir do momento em que esse procedimento é realizado ele cria uma operatividade:

A língua, simples repertório de conceitos isolados, separada do discurso (da fala) é uma abstração. A audácia de Saussure consiste em tratar esta abstração como um material concreto, uma matéria-prima. [...] Mas no momento em que é postulada a realidade da língua, evidencia-se que todos os discursos se constroem a partir da língua e de seus elementos materiais esparsos (STAROBINSKI, 1974, p. 12-13).

Apesar da dificuldade de efetuar tal separação o CLG opera sobre a Língua, que se caracteriza como um sistema de signos. O signo linguístico saussuriano é composto por uma unidade indivisível entre significado e significante, conceito e imagem acústica. Quanto à relação entre significado e significante Saussure nos diz que ela é arbitrária, não há uma relação direta entre os dois termos, quase um “é assim porque é”, resolvendo dessa maneira possíveis questionamentos sobre a

causalidade ou a origem do fato. No conceito de arbitrariedade do signo está exposto que este não é nem natural, nem produto social, pois o homem não tem liberdade no nível do signo que se compõe a partir de suas próprias leis.

O conceito de valor também se mostra interessante para abordar esse projeto de unidade realizado por Saussure que se chama Língua. Valor é a consequência primária da Língua como um sistema e só existe devido ao conceito anteriormente abordado da arbitrariedade. Se a relação entre significante e significado não fosse arbitrária, a noção de valor se perderia pois haveria um elemento imposto de fora do domínio da Língua.

A ideia de valor, assim determinada, nos mostra que é uma grande ilusão considerar um termo simplesmente como a união de certo som com um certo conceito. Defini-lo assim seria isolá-lo do sistema que faz parte; seria acreditar que é possível começar pelos termos e construir o sistema fazendo a soma deles, quando pelo contrário, cumpre partir da totalidade solidária para obter, por análise, os elementos que encerra. (SAUSSURE, 2012, p. 160)

Esse trabalho não pretende realizar uma leitura abrangente do *Curso de Linguística Geral* e os diversos e complexos conceitos apresentados na obra, mas marcar que nela Saussure constitui uma unidade para o estudo da linguagem através do objeto Língua.

A Língua passa a ser o objeto ideal para a linguística, pois para se constituir como ciência era necessário um objeto da ordem do recorrente, constante, sistemático. Ao acompanhar a lógica da linguística, Milner expõe que para se constituir como ciência esta precisa sustentar que “o real da Língua é da ordem do calculável” (MILNER, 1987, p. 7) E assim a linguística o faz, porém não sem desvios.

Para sustentar tal proposição Milner apresenta quatro operações realizadas por essa ciência : 1) “constituir a língua como um real”, o que operacionaliza ao criar o conceito de signo que passa a ser a causa única da Língua; 2) “constituir a língua como um real representável para o cálculo”, onde através do signo, que opera nos diversos estratos da linguagem (fonemas, palavras, frases), a linguagem passa a ser segmentada e analisável através das diferenças e semelhanças entre os signos; 3) “reter de um ser falante em geral apenas o que faz suporte de um calculável”, para isso o falante é tomado como um ponto sem desejo, profundidade ou temporalidade; 4) “reter multiplicidade dos seres falantes apenas o que é necessário para constituir um real calculável como língua”, criando para isso uma simetria entre os pontos de emissão e recepção (MILNER, 1987, p. 7).

Com essas quatro operações basicamente o que a linguística faz é uma assepsia da linguagem transformando-a em um objeto abstrato com um sujeito (falante) abstrato. Como forma, a Língua aparenta uma operação lógica e calculável, e para isso a substância precisa ser deixada de lado junto com sua propriedade fônica em que a polifonia e os equívocos da Língua fazem quebrar a pretensão de purificação da Língua.

A Língua apresentada por Saussure se comporta como um todo que suporta uma unicidade. Em sua conceituação e abstração a Língua é situada como “forma e não substância” (MILNER, 1987, p. 32) Trata-se aqui de uma teoria e formalização sobre a Língua e não das propriedades da linguagem. Esse certamente é um passo científico. É necessária a separação das “coisas em si” dos “fenômenos” como propôs Kant (IBIDEM). A linguagem, o som como fluxo sonoro, a ideia ou o sentido, a ligação entre um som e uma coisa do mundo estão aqui do lado da coisa em si, ou seja, da substância. No mundo do fenômeno, ou seja, da forma, o que se apresenta é a Língua, o som como segmento ou fonema ou significante, o significado, o arbitrário do signo (IBIDEM).

A ciência moderna é pautada na universalização de suas teorias que devem ser válidas para todos, em um certo todo. Assim a Língua precisa ser apreendida como completa, mas essa operação também expõe aquilo que da linguagem ela não consegue abarcar. Milner (1987) apresenta que a linguística ao mesmo tempo em que opera a Língua como um todo, necessariamente deixa-entrever o não todo.

A ideia de não-todo é apresentada por Lacan a partir da questão da feminilidade. Se o homem é regido através da lógica fálica e da castração, a mulher é não-toda regida por tal lógica. A ideia de não-todo implica que o objeto possui relação com o todo, mas que também o escapa. A linguística ao fazer uma abstração da linguagem formulando como objeto a Língua, cria um todo, e no mesmo instante faz emergir o não-todo, ou seja, aquilo que escapa a sua lógica operante. Assim é só a partir da Língua criada por Saussure que Lacan pode conceituar o que denominou de Alíngua.

Essa parcela da linguagem que desestabiliza a Língua, que está para além da Língua, a linguística (não toda linguística) não quer saber, a ignora. Para isso o linguista estruturalista trata qualquer língua como uma língua não falada por um sujeito, mesmo sua própria língua precisa ser tratada como um outro idioma, porque

o que a linguística recalca invariavelmente retorna no uso da linguagem em seu aspecto mais cotidiano.

A unidade apresentada e o discernível da Língua são facilmente colocados em questão quando nos deparamos com “o equívoco e tudo que o promove, homofonia, homossemia, homografia, tudo o que suporta o duplo sentido e o dizer em meias-palavras, incessante tecido de nossas conversações” (MILNER, 1987, p. 13). Foi com esse aspecto da linguagem que Saussure se deparou estudando a poesia e os anagramas.

2.3 Para além do CLG, Saussure leitor de poemas... (Os Anagramas)

Os estudos de Saussure sobre os anagramas provavelmente tiveram início em 1906 e impressionam pela quantidade de material⁵ produzido. Há histórias de que o interesse de Saussure pelo estudo da poesia ocorreu a partir de uma viagem a Roma em 1905, após se deparar com escritas latinas enigmáticas inscritas no antigo fórum Romano (SOUZA, 2012).

Assim como o material utilizado para produzir o CLG não foi publicado pelo próprio Saussure, os inúmeros cadernos e anotações sobre o exercício de decifração e análise fônica dos poemas não foi apresentada como obra pública pelo autor. O *Premier cahier à lire préliminairement* é considerado uma obra teórica acabada, mas à qual “Saussure preferiu renunciar” (STAROBINSKI, 1974, p. 8). Se o CLG foi publicado logo após sua morte, essa vertente de seus estudos só se tornou mais conhecida em 1971 com a publicação do livro *As palavras sob as palavras* de Jean Starobinski. O livro é composto por diversos fragmentos extraídos das anotações de Saussure, entrecortados por comentários do autor, pois quem assina a autoria do livro é o próprio Starobinski.

O espanto e a surpresa de Saussure diante de seus estudos sobre a poesia é tema frequente de suas cartas com aquelas pessoas mais próximas a quem Saussure parece recorrer como ponto de sustentação de suas descobertas.

Obrigado por suas linhas sobre o que outro dia lhe escrevia. Antes mesmo de responder às observações muito justas que o senhor faz, posso lhe anunciar que obtive êxito em todos os sentidos. Passei dois meses a interrogar o monstro e a operar apenas às cegas contra ele, mas há três

⁵ O acervo de manuscritos de Saussure se entra na biblioteca pública de Genebra.

dias que só ando a tiros de artilharia pesada. Tudo o que eu escrevia sobre o metro datílico (ou melhor, espondeico) subsiste, mas agora é pela Aliteração que cheguei a obter a chave do Saturnino, mais complicada do que parecia. [...] O resultado é tão surpreendente que somos levados a nos perguntar, antes de tudo, como os autores desses versos (...) podiam ter tempo para se dar a este tipo de quebra-cabeça: pois o Saturnino é um verdadeiro jogo chinês (SAUSSURE apud STAROBINSKI, 1974, p.17)

Tal método de confidenciar os impasses, dúvidas e descobertas através de cartas também foi utilizado por Freud, diante de seus avanços no campo da psicanálise.

Os estudos do mestre genebrino sobre a poesia ocorreram entre os anos de 1906 até 1909 e o curso de linguística geral foi ministrado entre os anos de 1907 e 1911 (STAROBINSKI, 1974, p. 7). Observamos que por algum tempo Saussure dedicou-se aos dois estudos concomitantemente. O Saussure leitor de poemas não alcançou de forma tão abrangente o público, mas o consideramos igualmente interessante para o avanço dos estudos sobre a linguagem.

A importância que o Saussure leitor de poemas deu para o material fônico é primordial para esse trabalho. Ao versar sobre a poesia e a composição dos anagramas não é do anagrama tradicional que se refere, mas de algo que poderia ser conceituado de diversas formas, como o próprio Saussure o faz, chamando ora de palavra-tema, ora de anagrama, outras de anafonia ou paragrama.

O anagrama tradicionalmente é compreendido como a formação de uma palavra a partir da transposição de suas letras. Por exemplo, a partir das letras da palavra “poder” também se pode formar “Pedro”. O que Saussure percebeu em seus estudos com a poesia grega é que a partir dos sons surgiam palavras, normalmente nomes próprios. “Escutando um ou dois versos saturninos latinos, Ferdinand de Saussure ouve levantarem-se, pouco a pouco, os fonemas principais de um nome próprio separados uns dos outros por elementos fonéticos indiferentes” (STAROBINSKI, 1974, p.22). Por exemplo, o verso “*Undique pepulit lux umbras .. resides*” contem a palavra-tema Ulixes [Ulisses] (SAUSSURE apud STAROBINSKI, 1974, p.105). Nesse terreno, é do material fônico que se trata.

O que prevalece é o peso das sílabas, o trabalho de localização, o ouvir analítico, o evidenciar do fato. [...] Toda a atenção de Saussure está orientada para este trabalho de extração. As frases sucessivas são, por assim dizer, radiografadas: elas devem deixar aparecer a ossatura sobre a qual se constroem (STAROBINSKI, 1974, p. 56).

Palavra-tema seria então um nome próprio que aparece entre a poesia por ele estudada e Saussure tem sua posição quanto a esse fenômeno. A palavra-tema

vem antes, é a partir dela que a poesia é criada e não o contrário. Essa forma de entender o fenômeno tem suas implicações. Retira a possibilidade de creditar sua ocorrência a um fenômeno místico ou realizado ao acaso. “Saussure jamais afirmou que o texto desenvolvido preexiste na palavra-tema: o texto se constrói sobre a palavra-tema, e isto é uma coisa bem diferente” (STAROBINSKI, 1974, p. 46). Dessa forma a palavra-tema em um primeiro momento é apresentada como uma unidade original sobre o qual o poeta desenvolvia o poema.

O motivo ou a origem dos anagramas na poesia grego latina não é um assunto de interesse na pesquisa de Saussure. O estudioso se interessava pelo procedimento e as possíveis leis que o regiam. Essa parece ser uma característica do mestre que possibilitou sua marca na história. Tal proceder foi o que delimitou o surgimento da linguística ao se separar da questão da origem da língua e seu desenvolvimento (história das línguas – diacronia) e se interessar pelo funcionamento da Língua (sincronia).

Quanto à presença dos anagramas nas poesias por ele estudada, Saussure acredita que em cada época pode ter tido sua causa própria.

Não é indispensável, a meu ver, para admitir o fato dos anagramas, decidir, de pronto, qual devia ser o seu objetivo ou o seu papel na poesia, e creio mesmo que nos arriscaríamos a nos enganar querendo, a todo preço, limitá-lo, precisando-o. [...] Não são, evidentemente, as interpretações, as justificações imagináveis para um tal fato: mas por que escolher uma e dá-la, por evidência, como boa, quando estou de antemão perfeitamente persuadido de que cada época podia aí ver o que queria e não viu sempre a mesma coisa. (SAUSSURE apud STAROBINSKI, 1974, p. 85)

A questão da antecendência da palavra-chave em relação à poesia resolveria o argumento do fenômeno anagramático poder ser fruto de uma criação posterior e assim realizado de maneira enigmática ou que Saussure estaria ouvindo coisa onde não tem. Sabe-se que um conjunto complexo possui subconjuntos, e Saussure era ciente disso. Assim, tendo um conjunto complexo amplo, este poderia fornecer elementos para a criação de subconjuntos dotados de sentido.

O anagrama se apresenta como um subconjunto verbal, dentro do conjunto que é a poesia (STAROBINSKI, 1974, p. 44-45). O que nos interessa nessa discussão é que nesse tipo de poesia o significante se apresenta em níveis diversos, “os fonemas da palavra-tema redobram-se, difracionam-se, de modo a constituir uma presença em dois níveis” (STAROBINSKI, 1974, p. 45). O próprio conceito de linearidade apresentado no CLG pode ser revisto.

Saussure persistiu em seus estudos apostando na tese de que a palavra-tema seria antecedente a composição dos versos, porém sem descartar a possibilidade dos hipogramas serem formados posteriormente a criação poética a partir da leitura do pesquisador. Starobinski escreve sobre esse impasse nos alertando que a palavra-tema se apresenta como palavra tanto quanto as palavras mais claramente discorridas nos versos, seus status são o mesmo:

Mas diremos, de um modo mais geral, que temos aí as duas maneiras, radicalmente opostas, de conceber o escondido: as duas versões do latente. O que há atrás da aparência? Uma força enorme? Ou o vazio mentiroso de um bastidor - Um segredo benéfico? Ou, ao contrário, uma mistificação? É difícil pensar a oposição do ser e do parecer, do fora e do dentro sem implicar um conflito qualitativo. Seria uma força fecunda que se conserva na profundidade? Ou o vazio derrisório de um nada enganador? É raro que renunciemos a supor um desnível... Mas Saussure não invoca esse efeito de contraste semântico: a palavra-tema latente difere do verso manifesto somente pelo seu estreitamento. Ela é uma palavra como as palavras do verso desenvolvido: portanto, ela não difere dele, a não ser na maneira pela qual o um difere do múltiplo. Vindo antes do texto total, escondida atrás do texto, ou melhor nele, a palavra-tema não marca nenhum desvio qualitativo: não é nem de essência superior nem de uma natureza mais humilde. Ela oferece sua substância a uma invenção interpretativa que a faz sobreviver num eco prolongado (STAROBINSKI, 1974, p. 73-74).

A possibilidade de os anagramas serem frutos de sua posição de pesquisador esteve presente ao longo de todo esse estudo levando em consideração a possibilidade de o anagrama ser um fato de combinação significativa dos fonemas disponíveis de forma dispersa ao longo do texto. “Não será o hipograma, lido a partir do texto, uma construção arbitrária, nascido do capricho do leitor e fundado na distribuição fortuita dos fonemas no texto?” (SAUSSURE apud STAROBINSKI, 1974, p. 79). No meio das incertezas quanto ao fenômeno anagramático, Saussure procurou buscar respostas dos próprios poetas, porém não encontrou neles nenhuma referência ao método ou existência do procedimento.

Em sua vasta pesquisa, Saussure buscou evidências na grande quantidade de anagramas encontrados em seus estudos mesmo que sem menosprezar a possibilidade desse também poder ser um argumento contrário, pois a grande facilidade de encontrar tal fenômeno poderia comprovar que se trata de um fortuito acaso mediante a disponibilidade dos fonemas existentes nos versos. “Se o hipograma é por demais fraco, prova-se nulo, se o hipograma é por demais forte, prova-se ainda nulo, demonstrando sua facilidade geral” (SAUSSURE apud STAROBINSKI, 1974, p. 89).

Saussure foi então buscar respostas externas, então questiona o próprio poeta sobre tais descobertas. Diante do silêncio do poeta Giovanni Pascoli ao qual apresentou parte de suas pesquisas após também verificar o mesmo procedimento em suas poesias, Saussure abandonou esses estudos (STAROBINSKI, 1974, p. 106). É nesse ponto que Lacan indica que Saussure no que se refere aos seus estudos sobre os anagramas teve que esperar por Freud.

A análise veio nos anunciar que há saber que não se sabe, um saber que se baseia no significante como tal. Um sonho, isso não introduz a nenhuma experiência insondável, a nenhuma mística, isso se lê do que dele se diz, e que se poderá ir mais longe ao tomar seus equívocos no sentido mais anagramático do termo. É neste ponto da linguagem que um Saussure se colocava a questão de saber se nos versos saturninos, onde ele encontrava as mais estranhas pontuações de escrita, isto era intencional ou não. É aí que Saussure espera por Freud. E é aí que se renova a questão do saber. (LACAN, 1972/73, p. 102-103)

Lacan afirma que Saussure sabia escutar a poesia, mas não sabia lidar com a questão do saber. Ao questionar a intencionalidade ou não do poeta, de sua própria pontuação ao ler os versos, Saussure não foi capaz de lidar com um “saber inconsciente, que não sabe, certamente, mas que nem sabe que sabe, e não pode sabê-lo” (ARRIVÉ, 1999, p. 76).

Outro ponto que Lacan evidencia em relação aos estudos saussurianos sobre a poesia é que ela apresenta que a linguagem não ocorre apenas no caráter linear pois se produz em outras direções. “[...] basta escutar a poesia, o que sem dúvida aconteceu com F. de Saussure, para que nela se faça ouvir uma polifonia e para que todo discurso revele alinhar-se nas diversas pautas de uma partitura” (LACAN, 1957, p. 506-507).

As descobertas de Saussure em seus estudos sobre a poesia, mesmo em meio aos enigmas persistentes, possibilitam a abordagem de um aspecto presente na Língua que como psicanalistas lacanianos podemos nomear de a primazia do significante. Saussure não chegou a essa conclusão propriamente dita, mas é possível fazer uma releitura do autor a partir de nossa abordagem teórica.

O surgimento de *Palavras sob as Palavras* constata a dimensão fônica, os significantes eclodindo na linguagem. Com seu afinco em desvendar o mistério dos anagramas, Saussure chegou ao ponto principal: o significante é criador, inclusive de sentido. Essa é uma das lições importantes que podemos tomar no que se refere à linguagem, “[...] é preciso pois considerar o sentido como um produto – como o

produto variável do emprego combinatório – e não como um dado prévio *ne varietur*” (STAROBINSKI, 1974, p. 16). O sujeito, no caso a poesia e portanto o poeta, também é efeito do significante. Segundo Starobinski é isso concluímos quando consideramos os estudos sobre os anagramas até as últimas consequências

A pergunta que se coloca é: o que existe imediatamente atrás do verso? A resposta não é: o indivíduo criador mas: a palavra indutora. Não que Ferdinand de Saussure chegue ao ponto de apagar o papel da subjetividade do artista: parece-lhe, no entanto, que ela não pode produzir seu texto a não ser depois de passar por um pré-texto. (STAROBINSKI, 1974, p. 107)

A poesia nessa abordagem não é simples criação de um artista, é produto das próprias palavras “Não sendo poesia apenas o que se realiza nas palavras, mas o que nasce a partir das palavras [...]” (STAROBINSKI, 1974, p. 107). Diferente da linguagem que tem como intenção informar e se acredita que as palavras são escolhidas considerando tal objetivo, a poesia demonstra como está presente na linguagem a força da própria palavra. Ela não é mero instrumento da linguagem, mas cria algo.

Siscar (1997) em um artigo sobre o Saussure dos anagramas extrai algumas consequências importantes dos estudos do mestre genebrino sobre a poesia. Através da apresentação metafórica da Língua contida no CLG que a demonstra como um jogo de xadrez, Siscar observa que tal funcionamento necessita de um enxadrista inconsciente. Saussure enfatiza que a linguística se ocupa com o estado da Língua a cada momento, esta é a definição de sincronia. Fato é, e que Saussure não ignora, que a Língua sofre mudanças, mas isso ficaria a cargo de um estudo diacrônico que não interessa mais a nova ciência da linguagem. A passagem de uma sincronia a outra é realizada, pois a Língua não é estável e sofre continuamente alterações.

No CLG as alterações da Língua são arbitrarias, ou seja, não são realizadas pela vontade própria de um indivíduo que é submetido pela lei da Língua. “A Língua nos é legada, nós a herdamos a cada instante, como a uma lei. Nós nascemos de dentro de uma Língua, nós vivemos no interior de suas possibilidades” (SISCAR, 1997, p. 171). É assim que a figura do enxadrista inconsciente entra em cena. Utilizando-nos da metáfora apresentada, ao considerarmos que a Língua é modificada e concluímos que as peças se mexem de modo arbitrário, o indivíduo é aquele que modifica a Língua sem ter consciência disto posto que não o pode fazer como marca de sua vontade e livre arbítrio.

Esse caráter sistemático da Língua é questionado nos estudos sobre os anagramas. Ao se confrontar com a realidade da poesia Saussure verificou que o sistema sempre escapa, levando-o desse modo a questões diacrônicas. O linguista tentou abordar a Língua anagramática como um sistema buscando estabelecer leis que o fundamentariam, como a lei do emparelhamento que consistiria em cada tipo de fonema ser encontrado aos pares nos versos por ele estudado. No entanto essa lei não podia ser verificada sem a questão da intenção do pesquisador e do autor. É assim que Siscar expõe que a diacronia sempre retorna:

O problema da intenção do autor no processo anagramático está ligado à diacronia não só porque o autor pode estar morto ou recusar a toda forma de paternidade de sua obra, mas porque a teoria se defronta invariavelmente à necessidade de apresentar, de tornar presente, a história, ou o relato de uma gênese. (SISCAR, 1997, p. 176)

Na tentativa então de solucionar o enigma anagramático, Saussure apelou para a matemática na solução de uma lei de probabilidade para a ocorrência do fato, mesmo sabendo que tal solução não é viável. A última instância à que chegou Saussure foi o de um terceiro, alguém que pudesse julgar a pertinência do fenômeno anagramático. Esse alguém deveria ser um leigo no assunto. Siscar observa que essa figura julgadora estabelecida como alternativa por Saussure se assemelha ao enxadrista inconsciente e se apresenta como o oposto do homem da ciência - um mestre, mas como um ignorante, aquele que não sabe. Dessa forma, toda regra é sempre adiada, posto que o julgamento a ser colocado sobre aquele que é leigo implica em uma hipótese sempre a ser confirmada devido à diferença entre o “eu acho” do leigo e o “eu sei” do especialista. E sobre a Língua, quem pode saber?

Dentro da poesia Saussure acreditava estar bem próximo de encontrar a lei da Língua. Porém em determinado momento abandonou essa tarefa específica. Siscar brinca com o termo francês *a deux pas* ao afirmar que a poesia está sempre a dois passos da língua e ao mesmo tempo a duas negações, pois esta se apresenta sem (*pas deux*) autonomia e sem (*pas deux*) desaparecimento (SISCAR, 1997, p. 183). A Língua estaria sempre a dois passos de se concretizar, numa promessa futura nunca concretizada. O linguista e o poeta seriam atraídos por essa promessa de um dia a Língua revelar sua natureza. A diferença se dá que o primeiro vive na expectativa de que um dia isso ocorra. Já o poeta trabalha com esse adiamento sabendo que essa será sempre apenas uma promessa.

Starobinski nos lembra da posição de Saussure ao estudar tais poemas, ele os lê como um linguista e foneticista, argumentando que se um economista os tivesse lido poderia ter encontrado um sistema de trocas ou se o ato fosse realizado por um psicanalista poderia ter decifrado um sistema de símbolos do inconsciente (IBIDEM, p. 84). Para o autor é provável que os anagramas encontrados sejam produto do próprio caráter da linguagem que se apresenta como um recurso infinito. Para Starobinski o erro de Saussure foi querer classificar os anagramas encontrados ou como “efeito do acaso” ou como “ato consciente” do poeta. Entre essas duas alternativas há a possibilidade de não se tratar nem do acaso, nem vontade do poeta, mas da própria estrutura da linguagem. Os estudos expostos por Starobinski se apresentam como um contraponto à sistematização saussuriana do CLG.

Sobre esses contrapontos Milner (1987) apresenta que o anagrama se mostra como no inverso das características da Língua encarnada no CLG. Destaca-se que o anagrama não é diferencial, pois possui uma identidade própria. No que é referenciado a si mesmo o anagrama não é assimilável por um sistema e pelo conceito de Língua. Milner afirma que o anagrama não é de caráter ilusório, “Muito pelo contrário, eles tocam em um real: o da homofonia” (MILNER, 1987, p. 56).

Esse real, o da homofonia, Milner argumenta que é a condição do lapso e do ato falho, sobre isso o linguista não quer saber. Entendemos que também é efeito da poesia ao qual Saussure se cala e a linguística isoladamente não parece dar conta integralmente, mesmo com tentativas como a de Roman Jakobson.

2.4 Jakobson, o poeta dos linguistas

A linguística foi criada por Saussure e assim como no caso da psicanálise que continuou a se desenvolver após Freud com diversos teóricos, continuou em seus avanços (e desavanços) através de diversos linguistas. Para a continuação desse trabalho é importante fazer menção a Roman Osipovich Jakobson por entender que este nome se faz presente também na história da psicanálise lacaniana.

Jakobson nasceu em 1896 na cidade de Moscou. Ao ingressar na universidade se dedicou a diversas áreas como do folclore russo, a dialetologia e as artes de sua época, como o cubismo e futurismo. Muito interessado pela poesia, foi o fundador do Círculo Linguístico de Moscou onde ocupou a função de presidente entre os anos de 1915 a 1920. Também participou da fundação da Sociedade para o

Estudo da linguagem Poética em 1916, que contava com a participação de poetas, críticos literários e linguistas.

Influenciou a pesquisa de diversos teóricos, principalmente por ter apresentado uma linguística que se aproximava de diversos campos como a estilística, antropologia, folclore, fonologia, patologia da linguagem (SANTÉE; TEMER, 2001). O poeta dos linguistas, como foi descrito por Haroldo de Campos, faleceu nos EUA no ano de 1982 aos 85 anos.

2.4.1 Poesia, a linguagem sem função

Jakobson pertence à escola funcionalista que é caracterizada por ter um olhar sobre a linguagem na direção de sua função. Nessa abordagem o elemento linguístico possui como função atingir um objetivo no quadro da comunicação humana. A Língua é então um sistema que serve à comunicação. Dentro desse ponto de vista, Jakobson estabelece seis funções exercidas pela Língua: referencial, expressiva ou emotiva, conativa, fática, metalinguística e poética. Tais funções não são estanques. No uso cotidiano da Língua muitas vezes elas se apresentam concomitantemente.

Segundo o modelo funcionalista um texto jornalístico ou aqueles que utilizam a linguagem científica teriam como função predominante a referencial, pois tem como objetivo dizer do mundo. Já a propaganda teria como predomínio a função conativa, pois seu objetivo seria provocar emoção no receptor. No que tange à função poética nada de parecido ocorre. O enfoque da mensagem não está em dizer algo do mundo, se encontra na própria mensagem.

O pendur para a MENSAGEM como tal, o enfoque da mensagem por ela própria, eis a função poética da linguagem. Essa função não pode ser estudada de maneira proveitosa desvinculada dos problemas gerais da linguagem e, por outro lado, o escrutínio da linguagem exige consideração minuciosa da sua função poética. (JAKOBSON, 1990, p. 127-128)

No interesse particular no que se refere à poesia, o linguista descreve a função poética como “o enfoque da mensagem por ela própria”. Na poesia o enunciado não serve para convencer o interlocutor ou para se referir a algo do mundo. Pode-se então observar um deslocamento até mesmo da palavra função. A palavra na função poética não precisa servir a algum objetivo ou realizar uma função, ela basta por si mesma. Trata-se da palavra sem função, o significante como

puro significante que brinca no deslocamento com o significado e os múltiplos efeitos de significação.

Um conto apresentado por Heller-Roazen (2010) descreve de maneira literária um pouco da natureza da poesia em diversos aspectos. O narrador apresenta que Y., um jovem dedicado a estudar as obras de arte, chegara à conclusão de que para um artista possuir abundantes meios de se expressar longe de ser uma vantagem, atrapalharia no fazer artístico. Nessa linha de raciocínio, Y. acreditava que escrever em uma língua ao qual o poeta não possuísse grande domínio seria conveniente, pois isso o forçaria a encontrar no vocabulário que possuísse meios de se expressar. Dessa forma “[...] um escritor é forçado a encontrar outras formas de dizer o que deseja; ele tenderá assim a evitar os lugares-comum que com frequência inibem o nascimento da obra de arte” (Heller-Roazen, 2010, p. 164). Esse ato de fazer as palavras funcionarem de outro modo seria o próprio fazer poético. Ainda diante dessa crença Y. encontra um capitão inglês que por algum tempo morou no oriente e se dispõe a lhe ensinar a língua persa. Animado com a possibilidade de testar sua teoria, por quase um ano Y. passa a se encontrar com o capitão, sempre se comunicando com o novo idioma. Em determinado momento o capitão precisar partir, não sem deixar seu endereço para que o jovem pudesse se comunicar caso desejasse.

Com a partida do capitão, Y. escreve então três poemas na nova língua aprendida. Quando decide comprar um livro de poemas persas para ler, descobre que não era capaz de entender tal idioma. Tentando encontrar explicações para o ocorrido, descobre que não aprendera Persa. O que ocorreu no processo de aprendizado dessa nova língua não é bem certo. Há a possibilidade de o esquecimento da língua persa e o nascimento de outra língua ter ocorrido devido à passagem de tempo em que o capitão não utilizava a Língua persa ou o próprio Y. ter esquecido o idioma após a partida do capitão ou ainda o fato ter ocorrido devido aos dois movimentos. Fato é que três poemas foram escritos em uma língua até então inexistente.

Diante desse horror, Y. procura um crítico literário para dar conta do que se tratava nessa língua dos três poemas. O crítico em última instância afirma que os três poemas, incompreensíveis por natureza, dizia sobre a natureza da obra de arte. Esse fim irônico de um poeta que acreditava que quanto mais desconhecesse uma

língua maior seria sua eficácia em produzir poemas, que acaba produzindo poemas em uma língua desconhecida por todos e sai em busca de um significado, apresenta a natureza da poesia, em que mesmo em uma língua inexistente o poeta dos três poemas reconhece beleza nessa língua por ele inventada. “Essa língua maldita, que nem mesmo sei como chamar, é bela, bela, bela...e a amo” (Heller-Roazen, 2010, p. 168).

Jakobson teve a poesia como objeto de estudo em grande parte de seu trabalho, defendendo que a poética deveria ser estudada como parte integrante da linguística. O autor entendia que tal função se encontra presente no uso cotidiano da Língua. “Qualquer tentativa de reduzir a esfera da função poética à poesia ou de confiar a poesia à função poética seria uma simplificação excessiva e enganadora” (JAKOBSON, 1990, p.128). Dessa forma Jakobson indica que não é só na poesia que a palavra se encontraria sem função, que tal característica se encontra presente na linguagem como um todo.

2.4.2 Jakobson e os estudos funcionalistas

Roman Jakobson dedicou-se profundamente a diversos estudos no que tange ao funcionamento da linguagem. Para isso promoveu pesquisas em diversas áreas como a poesia, linguagem infantil, aqueles que haviam perdido de alguma forma seu pleno funcionamento.

A descrição do ser humano como um animal menor (Heller-Roazen, 2010) é interessante e parece ter sido esse o caminho muitas vezes percorrido por Jakobson. Os outros seres vivos são dotados da capacidade única de executar suas funções de forma completa e perfeita. A aranha ao executar sua teia o faz através de sua habilidade de forma eficaz. Só o homem é dotado da possibilidade de redução, de fazer menos do que determinada função que lhe é conferida.

Nesse aspecto a fala é um exemplo dessa possibilidade humana e Jakobson se interessou sobre esses aspectos, desde a criança que ainda não é capaz de produzir todos os sons até aqueles que por algum motivo perderam sua capacidade de fazê-lo por completo. Foi no estudo sobre os afásicos que o linguista chegou até as relações de contiguidade e semelhança, relacionando as figuras retóricas da metonímia e metáfora que Lacan se utilizou como os processos primários do

funcionamento inconsciente estabelecido por Freud como deslocamento e condensação.

Por falar em Freud, Heller-Roazen apresenta uma tese funcionalista sobre a linguagem realizada pelo pai da psicanálise. Em seu primeiro livro datado do ano de 1891, Freud realizou a investigação *Sobre a concepção de afasia: um estudo crítico*. O estudo tinha como objetivo explicar que a capacidade da linguagem não era localizada em um ponto único do cérebro, pois se assim o fosse o sujeito que houvesse lesionado tal área perderia toda a capacidade de linguagem. O que ocorria nos mais diversos casos de afasia era que, de alguma forma, o sujeito ainda possuía algum vestígio de linguagem, o que Freud denominou “restos de língua” (*Sprachresten*).

“por exemplo”, Freud contou, “um homem que podia dizer apenas ‘eu quero proteção’ tinha sua afasia devida a uma luta na qual perdera os sentidos com um golpe na cabeça”. O caso de um copista silenciado no fim de seu trabalho é no mínimo patético: acometido de “um derrame depois de laboriosamente completar um catálogo”, a única frase que conseguia subsequentemente dizer era “Lista completa”. (HELLER-ROAZEN, 2010, p. 118)

Freud antecipa nesse estudo sobre as afasias o que viria a fazer parte de sua teoria psicanalítica. “Assim como os indivíduos diversamente lesados dos Estudos sobre a histeria, os afásicos de Freud fazem menos do que poderiam porque “sofrem primordialmente de reminiscências”(HELLER-ROAZEN, 2010, p. 123). A tese é a de que longe de sofrerem de amnésia, os afásicos sofreriam de lembranças.

Em um conjunto de palestras dadas entre os anos de 1942 e 1943, Jakobson traz questões importantes no que se refere ao caráter funcional da Língua. Jakobson (1942/43) se interessou pela relação entre som e sentido. O que faz sentido quando se estuda a poesia já que esta se faz através desse jogo entre significante (som) e significado (sentido).

O linguista faz um percurso sobre a história dos estudos da linguagem no que tange aos estudos da produção de sons. Descreve que por muito tempo os estudos se baseavam na dedução dos sons a partir dos movimentos do sistema fonatório, língua, dentes, lábios. A refutação desse princípio metodológico é feita com uma perspicaz questão. O papagaio é capaz de produzir semelhantes sons de nossa língua sem possuir o mesmo sistema. Diversas questões são apresentadas para afirmar que para a linguística é a função dos fonemas que interessa ao pesquisador.

Para Jakobson o fonema é a parte essencial da linguística, pois se apresenta como o verdadeiro elemento da linguagem que tem como característica as qualidades implicadas no conceito de valor. O que o linguista defende é que no estudo da Língua, os fonemas, os morfemas, as palavras, as frases, possuem a qualidade de serem opositivas e relativas. No entanto só os fonemas possuem a qualidade de serem negativos, justamente por não portarem significação alguma.

Ao estudar a linguagem através de seu funcionalismo, Jakobson defende que os estudos fonéticos que se baseiam apenas na articulação dos fonemas, no movimento do aparelho vocal, não servem para o avanço da linguística. Propõe então que a linguística deve se aliar a fonologia pois esta estuda as distinções sonoras entre os fonemas. Ou seja, os fonemas são caracterizados como os elementos que servem para diferenciar os significantes de determinada Língua. São assim caracterizados como “signos diferenciais, puros e vazios”⁶(JAKOBSON, 1942/43, p. 6).

O que Jakobson observa é que os fonemas são os únicos elementos da Língua ao mesmo tempo significantes e ausentes de significado. O significado só é possível na existência desse elemento que diferencia um som de outro baseado na relação de oposição com os outros. A defesa do estudo da fonologia no campo da linguística se torna clara, se os fonemas servem para distinguir as palavras é dessa faculdade distintiva dos sons que o linguista deve se ocupar em primeiro lugar.

Em Saussure os fonemas são tratados como puro som, desprovido de sentido, e portanto não se incluem de forma clara no interesse de sua linguística, já que essa tem como objeto a Língua que é conceituada como um sistema de signos e o signo trata da união entre o significante e significado. Não desconsideramos porém a importância do CLG para os estudos posteriores da fonologia que observou a importância do conceito de valor criado por Saussure. Jakobson como um pós saussuriano concluiu que o que importa na palavra não é o seu som, mas as diferenças fônicas que permitem distinguir um significante de outro e esse fato participa da significação.

Saussure quando tratou dos fonemas os incluiu no mesmo barco que os outros elementos da Língua. Na linguística de Jakobson a fonologia passa a ser incluída ao entender que o sentido só pode ser arranjado a partir da distinção entre

⁶ No original em espanhol: “signos diferenciales, puros y vacíos”.

os fonemas, ou seja, do som. *Tom* é diferente de *Com*. O que Jakobson vê é uma relação necessária entre o som e o sentido. “Na Língua, não há nem significado sem significante, nem significante sem significado”⁷ (JAKOBSON, 1942/43, p. 51). A união entre sentido e som em Jakobson é necessária. É a partir de Jakobson que Lacan ouve a primazia do significante e pode subverter a unidade significado e significante.

É da linguística de Saussure e de Jakobson que Lacan se utiliza e é respondendo a esse último que afirma que a linguística deveria dar conta de todo o campo da linguagem, inclusive da poesia, que Lacan lembra que a partir do momento que Freud descobriu o inconsciente, a psicanálise se encontra com a linguística. Mas ao tratar da linguagem do sujeito do inconsciente, o psicanalista aceita a reivindicação de Jakobson e forja uma palavra para representar aquilo de que se trata nesse campo. “Chamarei a isso de Lingüisteria” (LACAN, 1972/73, p.22). Encerramos assim esse capítulo com o exercício anagramático ao lembrar que essa palavra forjada, como os anagramas de Saussure, contém outros significantes como “linguista”, “Língua” e “histeria”, marca da presença da psicanálise nesse domínio.

⁷ “En la lengua, no hay ni significado sin significante ni significante sin significado”.

3. A LÍNGUA, ALÍNGUA (E A POESIA)

*“A tarefa mais lídima da poesia é a de equivocar o sentido das palavras.”
Manoel de Barros.*

Com a criação do termo linguisteria Lacan promove ao mesmo tempo dois passos. O primeiro de aprofundamento na relação entre psicanálise e linguagem. A Língua, aquilo que havia sido formulado por Saussure como objeto pela linguística, e histeria, discurso fundamental sem o qual Freud não teria criado a psicanálise, se fundem no mesmo significante.

O segundo passo dado é o de abdicar da relação entre psicanálise e linguística. Essa relação havia se estabelecido no início de seu ensino como modo de retomar o inconsciente freudiano. É o que o próprio Lacan confia: “Um dia percebi que era difícil não entrar na linguística a partir do momento em que o inconsciente estava descoberto” (LACAN, 1972/73, p. 22). Porém, durante seu percurso, Lacan retoma o inconsciente sem depender da linguística. Se para Jakobson “tudo que é da linguagem dependeria da linguística” (IBIDEM), neste momento Lacan refuta Jakobson e afirma que a psicanálise se funda a partir da relação do sujeito com a linguagem, no entanto não depende de forma alguma da linguística.

Lacan passa a localizar a linguagem nesse momento de seu percurso a partir do registro do real, o que implica em mudanças significativas na própria conceituação teórica lacaniana e implicações para a clínica psicanalítica. Como nos lembra Lacan, “teoria da psicanálise e, ao mesmo tempo, sua técnica, (...) não formam senão uma única e mesma coisa” (LACAN, 1953b, p. 11-12).

3.1 Da Linguística a Linguisteria

Em uma palestra sobre o percurso de Lacan que o levou da linguística até a linguisteria, Milner (2003) apresenta aspectos que são pertinentes para essa pesquisa. Dessa maneira a introdução do capítulo será baseada nesse texto de Milner que consideramos relevante para esse trabalho.

No início de seu ensino Lacan utiliza a linguística para fundamentar a psicanálise, por muito tempo tais conceitos foram importantes para o

desenvolvimento de seu percurso. O que verificamos é que em determinado momento há um declínio referencial da linguística no campo lacaniano. A que se deve esse declínio?

Milner (2003) apresenta duas hipóteses que não são excludentes. A primeira é de que o declínio da linguística em seu ensino ocorreu devido o próprio declínio da linguística como ciência. A outra é que esse declínio ocorreu devido a um novo entendimento de Lacan sobre a linguagem.

A linguística a que Lacan recorre é aquela do CLG. Na linguística, com o passar do tempo, assim como ocorreu na psicanálise, muitas coisas foram se alterando. Com isso os princípios estabelecidos pelo CLG foram perdendo sua força. Com o CLG o que Saussure promoveu foi uma revolução da ciência. Ao matematizar a linguagem, nesse caso a literalizar, Saussure promoveu a entrada da Língua no campo das ciências. Para essa entrada no campo das ciências alguma coisa aconteceu. Há duas possibilidades. Ou se percebeu que a natureza inclui fenômenos da cultura ou o próprio conceito de ciência se alterou. Nesse contexto não somente a Língua que se incluir na ciência, mas todo o campo das ciências humanas. Foi isso que possibilitou a princípio o estruturalismo.

Milner (2003) indica que a linguística dependia inteiramente de um pressuposto, o de a Língua ser uma superestrutura. Essa linguística conseguiu constituir o que era da ordem do Um, através da abstração da Língua. Foi nessas bases que a psicanálise se serviu da linguística. O que Milner (2003) argumenta é que com o passar do tempo, a linguística esqueceu esse pressuposto da Língua. Nesse movimento, a Língua deixou de ser equivalente aos objetos das “ciências naturais” como havia promovido o CLG. Volta-se a ter uma separação entre Língua e linguagem. Separação essa que o CLG com seu movimento de literalização de seu objeto havia suprimido. É nesse momento que Lacan cria a linguística. Se linguagem e Língua voltam a ser coisas distintas não é mais necessário o uso da linguística para abordar a psicanálise.

Na época do discurso de Roma em 1953, Lacan acreditava que a linguística, por haver se constituído como ciência, sabia mais da linguagem do que Freud. No final de seu ensino Lacan verifica que tal ciência tinha pouco para ensinar sobre a linguagem à psicanálise. É importante que Milner destaca “*pouco não quer dizer nada*” (MILNER, 2003, p. 27). Ao criar a linguística Lacan reafirma que o que

autoriza a psicanálise é a linguagem, no entanto, sem esquecer que a linguística se fez presente no início de seu percurso.

Com o avançar do percurso de Lacan, outros pontos de vistas sobre a linguagem foram surgindo. Wittgenstein, um filósofo do campo da lógica e da linguagem, defendia que algumas coisas podem ser ditas, enquanto as outras só se pode calar: “o que não se pode falar, deve-se calar”⁸ (WITTGENSTEIN apud MILNER, 2003, p. 29). Também entendia que toda linguagem deve ser pública. A linguística pressupõe que os sujeitos que falam uma língua respeitam suas regras, mesmo que não saibam dessas regras. Essas regras seriam públicas. Como estaria implícito no conceito de jogo em que todos os participantes deveriam conhecer suas regras. O “jogo da linguagem” como propõe o filósofo também implicaria no conhecimento das regras pelos falantes.

O que a psicanálise observa é que há uma linguagem particular, “o inconsciente estruturado como uma linguagem” se inclui nessa linguagem particular do sujeito. Essa linguagem particular se relaciona com seu sofrimento, com o mal estar de cada um. Freud a partir do jogo *Fort-Da* infantil observa que se trata de um jogo particular, em que a brincadeira com o aparecimento e desaparecimento do objeto acontece sem que haja consciência das regras, é o puro brincar com a oposição entre os fonemas.

Dessa forma Lacan discorda de Wittgenstein no que se refere ao caráter público da linguagem. O que une Lacan ao filósofo é o silêncio. A diferença está que em Lacan mesmo com o silêncio, Isso não se cala nunca. O inconsciente, não esqueçamos, estruturado como uma linguagem - linguagem particular - é necessário e impossível, uma vez que é aquilo que não cessa. Essa linguagem particular, que não cessa de não se escrever, Lacan aproxima do poema. A poesia suporta justamente a possibilidade do contingente, ou seja, daquilo que não cessa de não se escrever em determinado momento se escrever. Com a linguística Lacan se separa da linguística, ciência da linguagem, aproximando-se da poesia, arte da linguagem.

⁸ Original em espanhol: “*lo que no se puede hablar, hay que callarse*”.

3.2 Lacan e as divisões de seu ensino – Quantos Lacans?

“Meu dizer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem não é o do campo da linguística” (LACAN, 1972/73, p. 22). É com essa frase situada no que é conhecido como um ensino de Lacan mais tardio que posicionamos brevemente essa questão que achamos importante quando abordamos a periodização do ensino de Lacan. Para isso aplicamos sua lição sobre a cadeia significante e o ponto de basta. “O inconsciente é estruturado como uma linguagem” é a isso que Lacan se refere por algum tempo de seu ensino. Ao utilizarmos a sistematização de Miller (1988) esse aforismo se aplica ao momento em que a categoria do simbólico é priorizada. Ao introduzir na frase a continuação “não é o campo da linguística” (LACAN, 1972/73) Lacan não formula uma nova teoria desconsiderando a anterior. Com sua nova formulação o psicanalista nos indica que de alguma forma essa leitura era possível, mesmo que no início não era essa a abordagem lacaniana. Mesmo do ponto de vista de uma releitura isso não deixa de ser novo.

O que na sistematização de seu ensino ficou conhecido como o último Lacan é um privilégio do registro do real. Buscamos entender as mudanças de conceitos no que se refere à linguagem a partir desse ensino entendendo que em Lacan mais do que em outros autores esse último ensino não desdiz os anteriores. Lacan diz de outro modo.

Por essa questão é difícil situar em que momento a questão da linguagem passa a se situar a partir do registro do real já que sempre é possível reler um texto retroativamente. Miller sistematiza que a partir de 1974 o ensino de Lacan se volta para o registro do real, mas certamente isso não se dá aos pulos e portanto Lacan se vê as voltas com a dimensão do real em seu ensino antes desse ponto indicado por Miller.

Desde o começo de seu ensino Lacan faz uma distinção entre três registros constitutivos da realidade humana: simbólico, imaginário e real. Lacan situa que como toda atividade exercida pelo homem, a psicanálise é uma maneira de tratar o real pelo simbólico. O autor não se esquece do imaginário, colocando-o em um lugar secundário (LACAN, 1964a, p. 14). Nessa concepção há uma relação contígua. Se o real é aquilo que deve ser tratado, o simbólico é o que trata, pelo menos em um primeiro momento.

3.3 A Língua sob a perspectiva simbólica – Lacan linguista

Em um primeiro momento Lacan foi conduzido a desenvolver seu ensino a partir do registro do simbólico ao entender que esse seria o modo de operar no tratamento psicanalítico. Sendo a fala o instrumento do psicanalista, nessa perspectiva a fala é exposta como sinônimo de simbólico. “Falar já é introduzir-se no objeto da experiência analítica [...] o que é a fala, isto é, o símbolo?” (LACAN, 1953b, p. 15). A linguagem se apresenta como do domínio do simbólico. Foi nessa perspectiva simbólica que Lacan utiliza os conceitos da linguística, pois como campo já constituído fornecia elementos para pensar o inconsciente.

O registro do simbólico é diretamente relacionado com aquilo que pela linguagem pode ser articulado. Lacan não faz uso do significante Língua, pelo menos não da maneira empregada pela linguística. A dicotomia que comparece em Lacan é entre fala e linguagem, diferente da dicotomia de Saussure que se refere a fala e Língua. A partir da teoria lacaniana exibimos um esboço de como o conceito de Língua se apresentaria em seu ensino entendendo que esse é um caminho para introduzirmos o conceito de Alíngua.

A Língua exibe o aspecto sincrônico da linguagem, é isso que Saussure apresenta no CLG. Em Lacan, o significante como elemento primordial da linguagem é o fundamento da dimensão do simbólico (LACAN, 1972/73, p. 27). O significante como fundamento não se exerce de maneira isolada, mas a partir de uma estrutura devido à sua articulação com os demais significantes. Isso está presente no ensino de Lacan. Sendo escolhido o significante como elemento primordial o que Lacan entende é que os elementos por si só não possuem sentido, que a significação só ocorre na articulação dos significantes.

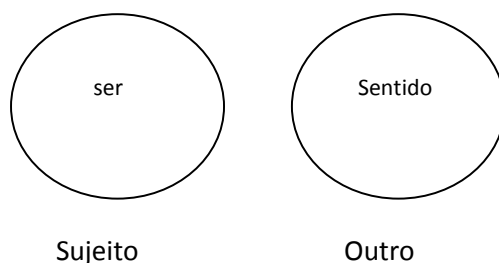
Na dimensão simbólica a estrutura da linguagem é preexistente ao sujeito, ao entrar nela o sujeito não a modifica ficando submetido a ela. É a própria estrutura que a partir do jogo combinatório faz surgir o sujeito (LACAN, 1964A, p. 28), vale lembrar, sujeito do inconsciente. Isso se aplica tanto na constituição subjetiva do sujeito, quanto no aparecimento evanescente do inconsciente que verificamos na clínica (e na vida) a partir dos chistes, sonhos, atos falhos-que não são nada mais do que atos da linguagem. É na falta de sentido que o sujeito se depara nos tropeços da linguagem, que este vai ao campo do Outro em busca de sentidos.

O Outro (A) nesse momento da formulação lacaniana é caracterizado como o lugar do tesouro dos significantes. Identificamos que o conceito de Outro (A) da teoria lacaniana não é equivalente, mas se aproxima do conceito de Língua de Saussure, desde que não nos esqueçamos de que para Lacan o que importa é o significante, não o signo. “O significante só se constitui por uma reunião sincrônica e enumerável, na qual qualquer um só se sustenta pelo princípio de sua oposição a cada um dos demais” (LACAN, 1960, p. 820).

Lacan esboça a relação do sujeito e o campo do Outro com uma ilustração. Um sujeito no deserto descobre uma pedra com hieróglifos. A conclusão a que ele chega é de que alguém os inscreveu. O sujeito não pode chegar a conclusão de que cada significante é dirigido para ele, ainda mais pelo fato dele não conseguir entender nada do que está escrito, mas é possível chegar à conclusão de que se trata de significantes ao entender que cada termo possui relações uns com os outros (LACAN, 1964A, p. 194). A partir dessa ilustração Lacan apresenta a Língua como aquilo com o que o sujeito se depara e mesmo que não dirigido a si, possui um sentido a que o sujeito busca e se assujeita.

O sujeito é constituído nessa relação com o Outro, “o sujeito só é sujeito por ser assujeitamento ao campo do Outro, o sujeito provém de seu assujeitamento sincrônico a esse campo do Outro” (IBIDEM, p. 184). Dessa forma Lacan apresenta a constituição subjetiva a partir de duas operações realizadas entre o sujeito e o Outro. A primeira operação é a da alienação. Em algum momento mítico, haveria um sujeito descolado de um Outro.

Figura 5: Momento mítico do ser



Esse sujeito descolado do campo do Outro é um sujeito a vir que só passa a existir quando se dirige ao campo do Outro, da Língua. É nesse Campo que esse sujeito a vir encontra um Significante primeiro (S1). Essa vinda ao campo do Outro é

a operação de alienação em que o sujeito sofre a perda do ser e se constitui como sujeito falante, sujeito do inconsciente.

Figura 6: Operação de alienação do sujeito

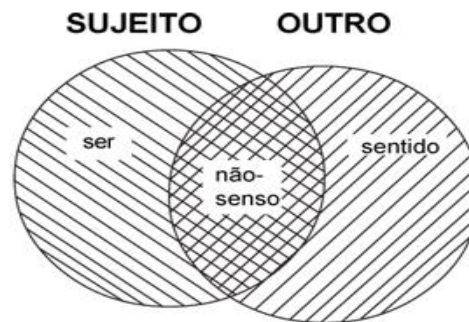


Figura 2

Fonte: Lacan, 1964a

Na constituição como sujeito necessitamos ir ao campo do Outro e sofrer a alienação. Lacan apresenta a constituição subjetiva como uma escolha forçada, fornecendo o exemplo “a bolsa ou a vida”. Se a escolha é feita pela bolsa, deixa-se de ter a vida, logo não se tem nem a bolsa nem a vida. Escolhe-se a vida, tem-se a vida sem a bolsa. Existem duas opções, mas só uma pode ser escolhida. No custo de que se escolher a outra, não se ter nenhuma das duas. Na escolha do sujeito pelo ser e não se reunir ao campo do Outro, ele não perde seu ser, mas com o custo de não se inserir no campo do sentido constituído-se como sujeito. Se escolhe o sentido, ele perde seu ser e passa a ter uma parte de não senso. É esse não senso que constitui o sujeito do inconsciente (LACAN, 1964a, p. 206-207).

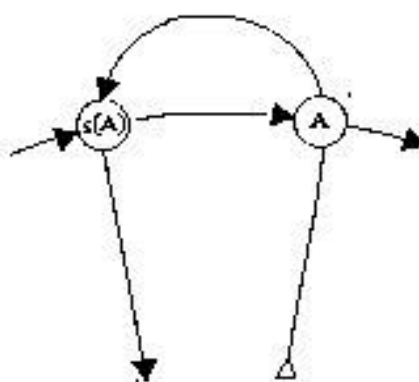
A partir do S1 o sujeito se dirige ao Campo do Outro (A) em busca de outros significantes (S2). É por isso que A é descrito como o campo do sentido. “o inconsciente só tem sentido no campo do Outro [...] não é o efeito de sentido que opera na interpretação, mas a articulação, no sintoma, dos significantes (sem nenhum sentido) aprisionados nele” (LACAN, 1964b, p. 856). Isso tem uma implicação direta para a clínica. “A interpretação não visa tanto o sentido quanto reduzir os significantes a seu não-senso, para que possamos encontrar os determinantes de toda a conduta do sujeito” (LACAN, 1964a, p. 207).

A segunda operação da constituição subjetiva também relacionada com o Sujeito e o Outro é a de separação. Essa operação se efetiva no momento em que o sujeito se depara com duas faltas. A primeira é caracterizada como uma falta de ser

do sujeito no momento da alienação. A outra como uma falta encontrada no campo do Outro que pode se traduzir com a questão: O que ele quer dizer para além do que ele fala? O que falta no Outro? É por isso que a Língua opera por metonímia, efeito próprio de uma estrutura significante. “É de lá que se inclina, é de lá que desliza, é lá que foge como furão, o que chamamos desejo” (IBIDEM, p. 209). É somente nesse momento de separação entre o sujeito e o Outro que surge o sujeito, o objeto *a* e assim o inconsciente e o desejo. Na operação de separação Lacan nos diz que “se trata aí de um querer” (LACAN, 1964b, p. 857).

Este querer se apresenta como questão “*Che vuoi?*” no grafo do desejo formulado por Lacan. Essa construção demonstra onde está situado o desejo no sujeito do significante. É só a partir do significante – da linguagem - que o desejo pode surgir, no que ele se opõe à necessidade que não é marcada pela linguagem. No que se refere a esta pesquisa iremos nos deter na célula elementar do grafo (figura 7) e depois no grafo em sua completude (figura 8).

Figura 7: célula elementar do grafo do desejo.



Grafo 1

Fonte: Lacan, 1960.

A célula elementar do grafo representa uma teoria da comunicação. Trata-se nesse estágio de uma intencionalidade do discurso, ou ainda, de um enunciado. Essa célula do grafo apresenta dois pontos de partida. Um de $S \rightarrow S'$ que caracteriza a cadeia significante. O outro ponto de partida vai de $\Delta \rightarrow \$$ demonstrando o caráter de retroação que opera sobre a cadeia significante. Esses

dois pontos de partida se interseccionam em dois pontos: A que é o campo do Outro e S(A) significante do Outro. Como observamos, o conceito de Língua pode ser encontrado em conjunção com o Campo do Outro (A), devido a sua conceituação como tesouro dos significantes. Entender essa parte do grafo orienta qual o lugar que podemos inserir a Língua na teoria lacaniana.

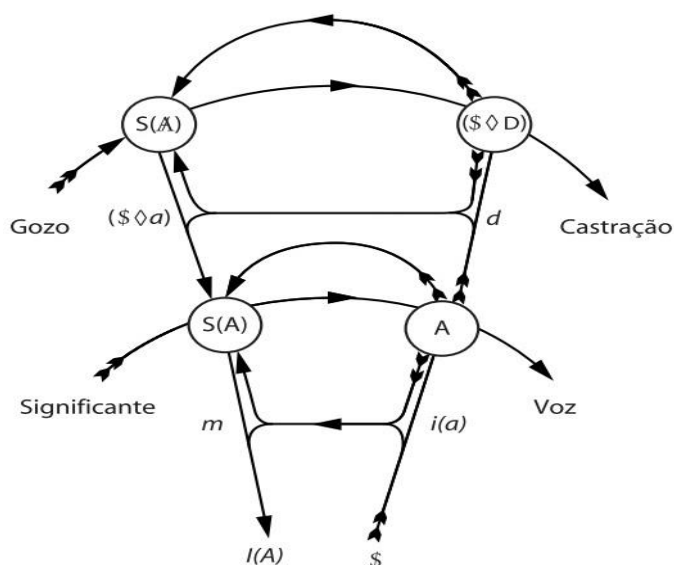
Na cadeia significante encontramos o carácter diacrônico da fala. Essa cadeia é composta por fonemas que são conceituados como as menores unidades diferenciais da Língua. A partir dos fonemas são criados morfemas, semantemas e significantes que se desenvolvem numa linha horizontal do tempo. É preciso de um momento de ponto de basta que agirá retroativamente sobre a cadeia significante para que o significado se produza. A dimensão sincrônica da Língua está presente no lugar de A, primeiro ponto de interseção na saída do ponto de basta em direção ao sujeito. A significação só é possível ao passar por esse ponto de Língua em que um significante é sustentado pelo tesouro do significante S(A). Esse é o ponto que corresponde a mensagem. S(A) é um momento, A é um lugar. A significação se dá em um momento da linguagem e não na Língua. A Língua é composta apenas pelo sistema de significantes.

A, é o lugar do tesouro do significante [...] o significante só se constitui por um reunião sincrônica e enumerável, na qual qualquer um só se sustenta pelo princípio de sua oposição a cada um dos demais. O outro conotado por s(A), é o que se pode chamar pontuação, onde a significação se constitui como produto acabado. (LACAN, 1960, p. 820)

O vetor da cadeia significante que segue a direção $s(A) \rightarrow A$ indica que o sentido do significante só pode ser encontrado ao se dirigir ao campo do Outro, já que é lá que o significante advém. Dor (1989) nos diz ainda que devido sua estrutura de fonemas, esse vetor tem a potencialidade de atualizar-se em uma pluralidade de efeitos significantes. O vetor $A \rightarrow s(A)$ orienta que é a Língua que produz a mensagem, que só há sentido produzido anteriormente no campo do Outro.

Como apresentado, essa primeira parte do grafo se refere à linguagem que opera no nível da consciência, no nível do enunciado. Mas a descoberta freudiana começa a operar justamente nesse nível, em que o indivíduo diz mais do que queria dizer, diz outra coisa do que pretendia, não se reconhece no que diz, como nos casos de atos falhos. É assim que nos inserimos no segundo patamar do grafo que corresponde ao inconsciente, sujeito da enunciação.

Figura 8: grafo do desejo



Fonte: Lacan, 1960

O primeiro patamar poderia se referir a um discurso que visa significar, o segundo patamar construído por Lacan diz que a linguagem abrange mais do que isso. Cabe lembrar que a divisão entre enunciado e enunciação, fala consciente e fala inconsciente, serve no grafo de maneira didática. Lacan nos diz que quanto a esses dois andares construídos por ele, no que diz respeito a linguagem “é preciso pensar que eles funcionam os dois ao mesmo tempo no mínimo ato de fala” (LACAN, 1958/59, p. 37). A construção lacaniana de linguagem corresponde ao grafo em sua completude.

A pergunta “*Che vuoi?*” que impulsiona o segundo patamar do grafo é marcada por uma ambiguidade. É um questionamento dos dois lados, (A) pergunta para o sujeito o que este quer e o sujeito devolve a pergunta para o Outro. O que este quer dele? Essa pergunta traz a marca de que o desejo é desejo do outro. Na passagem do campo da necessidade para o do desejo passa-se a falar de desejo, pulsão e demanda.

Do campo do Outro a partir da pergunta “que queres?” se desponta o desejo indicado no grafo por *d*. Em sua relação com a linguagem o desejo se apresenta pela estrutura metonímica, o que quer dizer que nunca se consegue apreendê-lo em sua totalidade. “O desejo jamais é plenamente articulável. O que não quer dizer que ele não é articulado. Ele é mesmo obrigado a se fazer demanda no desfile da

palavra. Em outras palavras, falar é de certa forma demandar, e demandar é desejar” (Dor, 1989, p. 170).

A pulsão pode ser entendida como a marca que o significante faz no corpo, como o limite entre o psíquico e o corpo, entre o simbólico e o real. A pulsão é descrita como uma montagem, um mito, “uma ficção fundamental” (LACAN, 1964a, p. 161) que serve para explicar a inscrição do simbólico no real. No grafo do desejo ela se apresenta a partir da fórmula $S \diamond D$, sujeito em conjunção e disjunção com a demanda. O sujeito demanda e é demandado, ou seja, está submetido à ordem dos significantes, porque como orienta Lacan “Não há demanda que não passe de algum modo pelos desfilamentos do significante” (LACAN, 1960, p. 826). Que o sujeito fale, isso produz efeitos. É assim que a pulsão é descrita como “o tesouro dos significantes”, lembrando-nos que essa parte do grafo representa a parte constitutiva do inconsciente. A demanda “pode persistir no sujeito, numa escansão articulada, sem que nenhuma intenção consciente a sustente” (Dor, 1989, p. 184). Essa demanda que persiste, esse significante que conduz o sujeito sem que esse se reconheça ali pois advém de A, é o que denominamos de pulsão.

Lacan apresenta que a satisfação da pulsão não está em atingir um alvo, mas em contornar um objeto faltante desde sempre, o objeto *a*, objeto causa de desejo.

O desejo se situa na dependência da demanda- a qual, por se articular em significantes, deixa um resto metonímico, que corre por debaixo dela, elemento que é indeterminado que é uma condição ao mesmo tempo absoluta e impegável, elemento necessariamente em impasse, insatisfeito, impossível, desconhecido, elemento que se chama desejo. (LACAN, 1964a., p. 152)

O objeto *a* é aquilo que da ordem pulsional não pode se inscrever no registro do simbólico e resta como gozo. Nessa visão o objeto *a* se encontra do lado do registro do real.

O desejo é o que escapa ao sujeito da linguagem. Se no nível do sujeito do enunciado temos o momento de significação $S(A)$, no nível do sujeito da enunciação temos como ponto simétrico o significante de uma falta no Outro $S(A$ barrado). O que quer dizer que esse Outro não é capaz de dar ao sujeito um sentido, um significado. Falta um significante que represente o dizer do sujeito enquanto sujeito do inconsciente.

Sobre o elemento do Gozo que aparece no grafo do desejo tendo como fim a castração, Miller (2012a) esquematiza que durante o percurso de Lacan sua elaboração sofreu alterações. Juntamente com as reformulações sobre o conceito de gozo o próprio ensino de Lacan se reformulou como um todo. Essa relação implícita entre a conceituação de gozo e todo o restante de seu arcabouço teórico é explicitada quando Miller convoca o gozo como uma doutrina lacaniana. Doutrina é um conjunto de princípios que serve de base a um sistema. Dessa maneira a alteração no conceito de gozo provoca necessariamente mudanças em todo o sistema abordado por Lacan. Para o encaminhamento dessa pesquisa iremos nos ater em dois momentos da conceituação sobre o gozo verificando sua relação com o entendimento lacaniano sobre a linguagem.

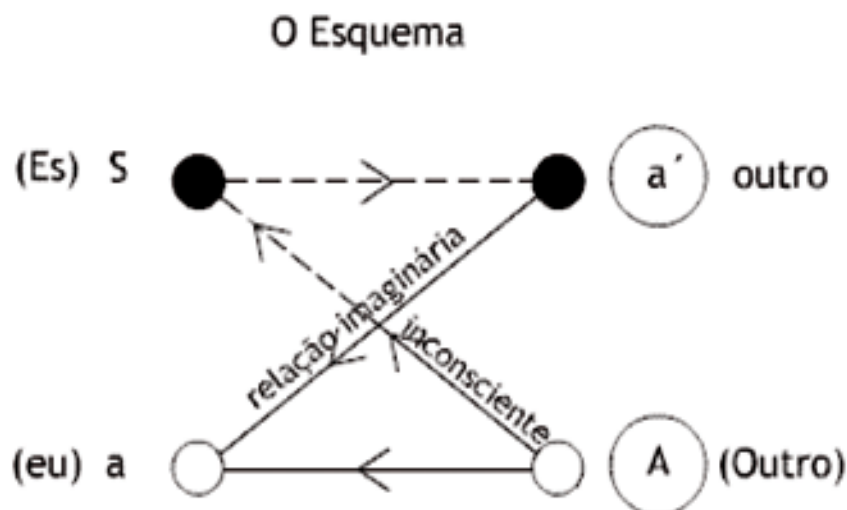
3.3.1 Os paradigmas do gozo

Nesse esquema Miller divide seis momentos de teorização lacaniana sobre o gozo. Encontramos nesses momentos um momento de ruptura que nos interessa para a divisão que fazemos entre um “Lacan sob a perspectiva simbólica” e um “Lacan sob a perspectiva do real”. Vamos começar com os paradigmas do gozo que se enquadram nessa primeira perspectiva. A perspectiva do simbólico.

O primeiro paradigma do gozo é denominado de “a imaginarização do gozo” (2012a) e corresponde a primeira elaboração lacaniana sobre o sintoma e o inconsciente. No começo do ensino lacaniano é possível conceber a operação de análise como um deciframento de uma cifra. O inconsciente é da ordem de um capítulo censurado em que o que se busca é o sentido encoberto. Haveria então uma satisfação naquilo que se cifra e se decifra. Nesse contexto a satisfação seria da ordem de uma semântica. O sintoma seria o sentido não liberado e a satisfação estaria no reaparecimento desse sentido. Essa é a satisfação simbólica, registro em que Lacan busca estabelecer as bases da psicanálise com o texto fundador de seu ensino. Nesse momento, além dessa satisfação simbólica, haveria uma satisfação imaginária na qual o conceito de gozo estaria incluído. O gozo não estaria incluído no sujeito do significante, mas se relacionaria com o eu imaginário. “O gozo propriamente dito, o gozo imaginário, não é intersubjetivo, mas intraimaginário” (MILLER, 2012a, p. 5). O que nesse momento da teoria não foi inserido como da ordem do simbólico, aparece do outro lado como da ordem do imaginário. Há uma

disjunção entre os dois registros, essa disjunção se apresenta de forma evidente no esquema L.

Figura 9: Esquema L



Fonte: Lacan, 1955-1956

O eixo do imaginário nesse momento faria uma barreira à elaboração simbólica. Nesse esquema não haveria relação entre significante e gozo que se coloca do lado do imaginário. Essa elaboração apresenta uma tensão na teoria que ao mesmo tempo em que supõe uma autonomia do imaginário em relação ao simbólico esboça que haveria uma relação entre os dois registros. “Com efeito, em Lacan não falta a lembrança de que o imaginário serve de material ao simbólico e, em particular, de material ao sintoma, que o imaginário é inserido no simbólico e que este age sobre ele” (MILLER, 2012a, p. 7).

É a partir desse ponto de tensão que o conceito de gozo chega ao segundo paradigma denominado “a significantização do gozo” (2012a). Nesse modelo o gozo encontra-se articulado com o simbólico, o que é descrito pela própria fórmula da pulsão $\$ \diamond D$. Na pulsão encontramos a demanda e o sujeito do significante, não mais o eu imaginário. A pulsão se estrutura metonimicamente, ou seja, partir das leis da linguagem. A fantasia ($\$ \diamond a$) também é descrita nesse momento como inserida no registro do simbólico, nesse momento é o sujeito do significante que se relaciona com a. Esse a representa a quantidade libidinal do eu que faz parte do registro imaginário. A fantasia é nesse momento o ponto em que os dois registros se encontram, o simbólico e o imaginário.

Com a significantização do gozo a psicanálise opera com um gozo mortificado em que a palavra mata a coisa. É o que é elaborado no grafo do desejo ao situar como ao passar pelos significantes o gozo se traduz em castração. “O significante anula o gozo e o restitui sob a forma de desejo significado” (MILLER, 2012a, p. 10). O gozo se encontra situado entre o desejo e a fantasia. Há um nó entre um gozo mortificado, pois se encontra a partir da função significante que mata a coisa e um gozo vivo situado do lado da fantasia que nesse momento opera com a “imagem de gozo captada no simbólico” (IBIDEM, p. 11).

Somos levados até o terceiro paradigma sistematizado por Miller, que é denominado de “o gozo impossível” (MILLER, 2012a). Lacan faz uma elaboração sobre *das Ding* situando o estranho absoluto como pertencente a um termo fora do registro do simbólico. O gozo associado a *das Ding* não se relaciona nem com o registro do imaginário como no primeiro paradigma, nem com o registro do simbólico como no segundo paradigma, mas com o registro do real.

O grafo do desejo é então uma construção que visa conter o gozo real, que escapa ao imaginário e ao simbólico. O real é uma barreira que se impõe aos dois registros. O gozo é nesse momento estruturalmente inacessível. Há uma disjunção radical entre significante e gozo. O sintoma é aqui apresentado como um desacordo entre o gozo e o sujeito.

O impasse em que Lacan se coloca nesse momento de sua formulação sobre o gozo é em relação ao aforismo de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. A resolução nesse momento é de que há algo sobre o qual o inconsciente não pode falar, esse algo se chama gozo. Nesse momento o esforço da teoria lacaniana é pensar a relação entre o significante e o que está fora de significação. É assim que esse gozo maciço situado fora do simbólico é transformado em objeto, objeto *a*.

Há assim um encaminhamento para o quarto paradigma denominado de “o gozo normal” (MILLER, 2012a). Nesse percurso de Lacan sobre o conceito de gozo, mais uma vez há uma aproximação entre o simbólico e o gozo. O gozo deixa de ser descrito como um objeto maciço e passa a ser conceituado como objetos fragmentados pequenos *a*. Esse objeto *a* se encontra no registro do real, assim como apresentado no paradigma anterior, não mais relacionado ao horror, mas como a presença de uma cavidade, de um vazio. A pulsão é entendida nesse

momento como contorno em volta desse objeto *a*. É assim que se reestabelece uma conexão entre o significante e o gozo. Baseado na teoria dos conjuntos, o sujeito do significante é constituído a partir da operação de alienação e separação. O gozo aparece como uma resposta a operação de alienação, na separação. O gozo como objeto *a* aparece como resposta ao vazio resultante da alienação. Ele não é um *a* mais, pois se inclui no funcionamento do significante.

O momento desse paradigma se insere no contexto do seminário sobre os quatro conceitos fundamentais. Nesse seminário para além de estruturado como uma linguagem Lacan descreve o inconsciente semelhante a uma borda à qual se abre e se fecha demonstrando que o inconsciente também pulsa. Assim pulsão e simbólico, ou seja, inconsciente, mais uma vez se relacionam.

Nesse momento Lacan também introduz o mito da lamela. Esse mito nos diz sobre o homem primevo como um ovo. Ao nascer, surge o homem e também a homelete. A homelete é comparada a uma ameba que surge da membrana desse ovo, ela é puro instinto de vida e imortal por não estar na ordem de um ser sexuado. É indestrutível pois como organismo assexuado ela se reproduz por divisão celular, desse modo nas tentativas de eliminá-la o que acontece é sua multiplicação. Desprovida de órgãos sensoriais lamela como Lacan a renomeia em seguida, se guia através do puro real.

Esse órgão deve ser chamado de irreal no sentido de que o irreal não é o imaginário e precede o subjetivo que ele condiciona, por estar diretamente às voltas com o real. É a isso que nosso mito, como qualquer outro, esforça-se por dar uma articulação simbólica, em vez de uma imagem. Nossa lamela representa aqui a parte do ser vivo que se perde no que ele se produz pelas vias do sexo (LACAN, 1964b, p. 861).

A libido seria a lamela, órgão que se instala no ser humano no momento da separação. “É o que é justamente subtraído ao ser vivo pelo fato de ele ser submetido ao ciclo da reprodução sexuada. E é disso aí que são os representantes, os equivalente, todas as formas que se podem enumerar do objeto *a*” (LACAN, 1964a, p. 193). Miller expõe que o objeto *a* se apresenta de uma maneira ambígua. De um lado reproduz a coisa, de outro provém do Outro. “De certo modo, ele faz mediação entre a Coisa e o Outro” (MILLER, 2012a, p. 22).

Nesse paradigma há uma relação do gozo com o significante, uma relação mais estreita, pois o gozo não opera como um significante, não representa um sujeito para outro significante. É apresentado como um elemento, como uma

substância. Retornando ao que se pode aprender sobre o que é da Língua com Saussure, a Língua é “uma forma, não uma substância” (SAUSSURE, 2012, p. 160). E dessa maneira se faz a distinção entre objeto *a* e o significante. O objeto *a* se apresenta como substância de gozo.

Até esse momento de sua doutrina sobre o gozo, o registro do simbólico continua a ter sua força no ensino de Lacan. Mesmo nos momentos em que o gozo é conceituado fora do registro do simbólico, há uma tentativa de compreender sua relação com esse registro. É no entendimento de que o inconsciente está estruturado como uma linguagem e que a psicanálise opera no campo da fala e da linguagem que esses quatro paradigmas sobre o gozo se inserem.

3.4 Alíngua sob a perspectiva do Real – Lacan poeta

A partir do que Miller denomina de “o gozo discursivo” (MILLER, 2012a) entramos no ensino de Lacan que privilegia o registro do real. O quinto paradigma do gozo começa a romper com a primazia do simbólico e introduz uma relação primitiva entre o simbólico e o gozo. Essa relação primitiva é demonstrada quando Lacan situa o ser prévio à introdução do significante como um ser de gozo. O significante incide sobre um corpo afetado pelo gozo. “O ponto de inserção do aparelho significante é um gozo” (MILLER, 2012a, p. 30). Ao dizer que o significante é aparelho de gozo, o simbólico perde sua autonomia. Lacan introduz uma equivalência entre o sujeito e o gozo. Se antes o que aparecia na cadeia significante era o sujeito, agora “o que se veicula na cadeia significante é o gozo” (IBIDEM, p. 31).

O objeto *a* é então apresentado como um mais gozar e suplemento à perda de gozo no qual o sujeito sofre ao se constituir como sujeito significante. É o “bocadinho de gozo” (IBIDEM, p. 36), aquilo que preenche, mas continua como uma falta. O gozo se apresenta associado com uma falta-de-gozar que promove uma exaustiva repetição que tem como objetivo o gozo. O objeto *a* aqui é estendido a todos os objetos da cultura e não mais apenas aos objetos “naturais” relacionados às zonas erógenas.

Ao se estabelecer a partir de uma relação primitiva nesse paradigma, gozo e significante passam a funcionar como causa e efeito em uma relação de total

dependência entre um e outro. “Primeiramente, o significante é causa do gozo, meio do gozo, o que quer dizer que o gozo é a finalidade do significante, e, num segundo momento, o significante emerge do gozo, posto que o comemora” (MILLER, 2012a, p. 37).

O sexto e último paradigma do gozo apresentado é o da “não-relação” (MILLER, 2012a). Na última parte de seu ensino, Lacan de uma forma derradeira trabalha com o conceito de gozo. Se no início de seu ensino a linguagem era tomada como um fato para a operação psicanalítica, a partir do seminário XX o fato de que o psicanalista parte é o gozo. Nessa radicalidade do conceito de gozo, a linguagem que no início de seu ensino era entendida a partir da comunicação direcionada ao Outro, ou seja, do simbólico, nesse momento passa a operar também na sua dimensão de gozo, isto é, do real.

Há assim uma disjunção entre o gozo e o Outro. Há um gozo sem o Outro, conceituado como gozo Uno. Esse gozo uno é representado de diversas formas, todas marcam o caráter individual presente no gozo, seja como gozo do corpo próprio, seja como gozo fálico masturbatório ou como gozo da fala, gozo do blabláblá. E aqui o blabláblá não se refere mais a uma fala vazia como no início de seu ensino. Nesse momento a fala vazia se relaciona com a pura satisfação da fala que não necessita do Outro.

O gozo da fala quer dizer que ela é gozo, ela não é comunicação com o Outro por sua fase essencial. É isso o que quer dizer o blabláblá, tal como ele se exprime, o último grau da qualificação pejorativa da fala. Blabláblá significa exatamente, que, considerada na perspectiva do gozo, a fala não visa o reconhecimento, a compreensão, ela não passa de uma modalidade do gozo Uno. (MILLER, 2012a, p. 45)

Nessa formulação, o próprio conceito de Outro passa a ter novas implicações. Se o Outro do significante é o lugar do código, tesouro dos significantes, o Outro do gozo é o Outro sexo e aqui a relação com o campo da linguagem não há. No que se refere à relação sexual, Lacan nos indica que ela não existe, pelo menos não no nível da estrutura, do que é essencial, ou seja, daquilo que não cessa de se escrever, existe apenas no nível da contingência. Aquilo que não cessa de não se escrever, em um fugidio momento se escreve.

É assim que Lacan recoloca em questão a noção de estrutura. “A estrutura comporta furos e, neles, há lugar para a invenção, para algo de novo, para os conectores que não estão ali desde sempre” (IBIDEM, p. 48). A estrutura da linguagem cede lugar a um aparelho de gozo, é assim que o conceito de alíngua se

introduz na teoria lacaniana. Antes de aprofundar no conceito de alíngua, vamos tentar contornar o que é o real inserido nessa última parte do ensino lacaniano.

Se no primeiro momento de seu ensino, Lacan formula que “o inconsciente está estruturado como uma linguagem”, com o avançar de sua teoria Lacan chega à formulação de que a psicanálise deve tratar também do mais além do inconsciente - o que seria da ordem do real- o que traz implicações para o próprio inconsciente. “Quando se leva ao extremo a separação do saber e do real, o próprio inconsciente não sai disso ileso” (MILLER, 2002, p. 13).

No seminário sobre a carta roubada Lacan traz a imagem do real como o que está na ordem do acaso. Ao se lançar uma moeda, não se pode saber antecipadamente se cairá cara ou coroa. A probabilidade só pode ser fundamentada a partir de uma quantidade lançamentos, porém em uma jogada específica saber que há 50% de chances de dar cara ou coroa não aumenta a probabilidade de se acertar qual será o resultado vencedor. A probabilidade é uma elucubração de saber. No real não há sintaxe, no real não há sentido, no real não há saber. O real é sem lei. Miller desenvolve que a última parte do ensino lacaniano se estabelece com esse declínio da lei simbólica. “Isso que, a seguir, vocês irão reverenciar como a lei, não passa daquilo que vocês mesmos obtiveram por suas elucubrações” (IBIDEM, p. 13).

O real mesmo sendo o registro que se deixa capturar pelo imaginário através de representações, nem pelo simbólico através da linguagem, Lacan busca modos de abordá-lo. Seja por suas construções borromeanas, seja através de um lugar, o real como aquilo que retorna, seja como o impossível da lógica, o real como aquilo que não cessa de não se inscrever. Certo é que em seu último ensino essa categoria toma uma importância primária. “O real pode se definir como o impossível, é como ele se revela no assentamento do discurso lógico. Esse impossível, esse real, deve ser privilegiado por nós. Nós quem? Os analistas” (LACAN, 1971/72, p. 40).

Segundo Miller (2002), o último ensino de Lacan pode ser situado a partir da conferência que tem o título de *A terceira*. Em 1974, pela terceira vez Lacan faz um discurso em Roma. É importante lembrarmos que foi na mesma cidade que em 1953 Lacan propõe os fundamentos da psicanálise a partir da fala e da linguagem, dando início ao seu ensino. Esses fundamentos se estabeleciam a partir de um

retorno a Freud. Vinte um anos depois Lacan lança outros fundamentos para a análise, fundamentos que se estabeleceram a partir da elaboração de seu próprio ensino durante esses anos.

Nesse novo discurso Lacan situa que nesse momento ele parte do real que a psicanálise suporta. O sintoma é aqui conceituado na relação que estabelece com o real. Sendo o sintoma aquilo que tropeça, impede que a coisa vá bem, o real é descrito quase que homologamente nos seguintes termos: “o real, justamente, é o que não anda, é uma pedra no meio do caminho, bem mais, é o que não cessa de se repetir para entrar essa marcha” (Lacan, 1974a, p. 5). Esse real não pode ser de maneira alguma representável, ele se insere naquilo que não faz todo, não fecha. E assim o real sintomático insiste, mostra furo no que se pretende fechado.

O real, aquele que se trata no que é chamado de meu pensamento, é sempre um pedaço, um caroço. É, com certeza, um caroço em torno do qual o pensamento divaga, mas seu estigma, o do real como tal, consiste em não se ligar a nada. Pelo menos é assim que concebo o real. (LACAN, 1975/76, p.119)

Lacan apresenta que o sentido do sintoma é o real, o que quer dizer mais ou menos: por que o sintoma existe? Porque existe o real. Dessa maneira, se esvazia a interpretação em sua relação com a semântica, o significado. Lacan argumenta que desde sua primeira fala em Roma isso já estava presente, que a interpretação não era do sentido, mas se vinculava ao jogo com o equívoco que sua conceituação do significante introduz, é por isso que durante muito tempo seu ensino incidiu em um destaque ao significante. Mas aqui ao introduzir que o sentido do sintoma é o real, a questão da interpretação sofre um deslocamento. Esta não deve alimentar um sentido, pois “ao nutrir o sintoma, o real, de sentido, não se faz outra coisa senão lhe dar continuidade de subsistência” (LACAN, 1974a, p. 14). No extremo, não se trata de deslocar o significado e sim aboli-lo (se isso fosse possível). Trata-se de chegar ao ab-sens, a um significante totalmente deslocado da noção de sentido.

Essa operação sobre o real só pode ser realizada na medida em que os três registros possuem uma relação. O real não pode ser compreendido pelo simbólico, o que não quer dizer que eles não se relacionem, se fosse assim a psicanálise não seria possível. “As retas às quais aplico os termos do simbólico e do real, elas deslizam uma sobre a outra, se posso dizer, a perder de vista” (IBIDEM, p. 13). Essa imagem apresentada por Lacan lembra a relação que ele estabeleceu na primeira parte de seu ensino entre significante e significado.

A interpretação passa então a operar considerando o real, conceito que entra na própria definição de inconsciente. Nessa parte de seu ensino o inconsciente estruturado como uma linguagem também é um saber-fazer com alíngua.

É como na interpretação, é unicamente sobre o significante que porta a intervenção analítica que alguma coisa pode recuar do campo do sintoma. É aqui no simbólico, o simbólico, na medida em que é alíngua que o suporta, que o saber inscrito d'alíngua, que constitui propriamente falando o inconsciente, se elabora, ganha sobre o sintoma, isso não impedindo que o círculo marcado aí com S não corresponda a algo que, desse saber, não será nunca reduzido, é, a saber, o *Urverdrängt* de Freud, o que do inconsciente jamais será interpretado. (LACAN, 1974a, p. 15)

Alíngua é a dimensão da linguagem que se relaciona com o gozo, onde o gozo se deposita. Alíngua está para além da dimensão da linguagem, pois é a linguagem que surge a partir desta. Ela se relaciona com a dimensão primitiva do grito, da exclamação. Inclui o sentido e a falta de sentido. Sobre esse sentido extraímos uma citação de Heller-Roazen que corresponde ao que entendemos como a dimensão de alíngua.

Em nenhum outro domínio a língua é mais “si mesma” do que no momento em que parece deixar o âmbito de seus sons e sentidos, assumindo a forma sonora daquilo que não tem – ou não pode ter – uma língua própria: os ruídos dos animais, do mundo natural ou mecânico. É aqui que uma língua, em um gesto para além de si mesma, em uma fala que não é fala, se abre para a não língua que a precede e a sucede (HELLER-ROAZEN, 2010, p. 15)

A letra surge na alíngua. Lacan diz claramente: “não há letra sem alíngua” (IBIDEM, p. 11). Se em *A instância da letra* (1957) Lacan introduz o conceito da letra, porém pouco discute sobre o conceito abordando-o mais o nível do significante, em *Lituraterra* (1971) a letra ganha, ou pelo menos, é descrita com um novo status. Nesse momento letra e significante são distinguidos. O significante até serve para o efeito da letra, mas esse não é seu efeito primário.

A letra é o limite entre o simbólico e o real. Esse limite é estabelecido por Lacan com a imagem do litoral. Diferente do que acontece em uma fronteira, em que um limite simbólico é estabelecido entre duas partes iguais, a imagem do litoral representa como dois campos não recíprocos podem fazer fronteira. Mar e terra fazem limite entre si, mas não são da mesma ordem, não se confundem. Lacan descreve que a letra desenha “a borda do furo no saber” (LACAN, 1971, p.18). A letra é relacionada com o gozo e o real, esse furo no saber, é dela que surge o

significante, “o semblante por excelência” (IBIDEM, p.22). Dessa maneira é que ela se apresenta como litoral.

Lacan nos diz que ao romper esse semblante do significante, uma porção de gozo aparece. “É pelo mesmo efeito que a escrita [écriture] é, no real, o ravinamento do significado, aquilo que choveu do semblante como aquilo que constitui o significado” (IBIDEM, p. 22) A relação entre significante e significado é o que constitui um semblante.

Desde o início de seu ensino Lacan enfatiza que o significante como o que carrega a materialidade fônica não possui significado. Nesse momento do percurso lacaniano quando a letra comparece mais conceituada, a questão do sentido mais uma vez é rebaixada. A letra é lixo, resto e assim se apresenta mais próxima ao objeto a do que ao significante. Esse resto é uma “prega sempre pronta a dar acolhimento ao gozo” (ROCH, 2009, p. 15). Como parasita de gozo, a letra às vezes deixa aparecer o que muitas vezes encobre: uma opacidade, “um dizer fora do comum” (ROCH, 2009, p. 13).

Quando um significante se intromete no significado, formando um chiste, esse gozo parasita que habita a linguagem aparece.

É isso que caracteriza efetivamente a letra com que faço acompanhar esse ossobjeto, a saber, a letra a. Se reduzo esse ossobjeto a esse pequeno a, é precisamente para marcar que a letra, nesse caso, apenas testemunha a intrusão de uma escrita como outro [autre] com um pequeno a. A escrita em questão vem de um lugar diferente daquele do significante. (LACAN, 1975/76, p. 141)

O seminário XXIII é dedicado a Joyce não sem motivos. É no artista que Lacan encontra de forma mais contundente esse uso da letra. A lituraterra não serve à comunicação, mas ao gozo e por isso é recheada do uso singular d'alíngua do artista.

Joyce escreve o inglês com refinamentos particulares que fazem com que a língua seja por ele desarticulada. [...] É verdadeiramente um processo exercido no sentido de dar à língua em que ele escreve um outro uso, em todo caso um uso bem distante do comum. Isso faz parte de seu savoir-faire. (LACAN, 1975/76, p. 72)

O inconsciente que é estruturado como uma linguagem passa a ser marcado por alíngua. Lacan não se contradiz, apenas reformula que a linguagem é feita de alíngua e o inconsciente passa então a ser um saber, “um saber-fazer com alíngua (...) E o que se sabe fazer com alíngua ultrapassa de muito o de que podemos dar conta a título de linguagem” (LACAN, 1972/73, p. 118-190).

A Língua e alíngua certamente se relacionam. Não compõem apenas o mesmo significante, a Língua é incluída necessariamente no próprio conceito de alíngua. Longe do prefixo a marcar uma negatividade como acontece em algumas palavras do português, alíngua é mais ampla que a Língua. Alíngua embarca a dimensão do não todo sendo por sua própria dimensão de incompletude mais completa que a Língua. A Língua é apenas uma parte sua, sua parte sistemática, social, conforme visualizou Saussure: “A Língua é o todo do não-todo” (MILNER, 1987, p. 72).

Para Lacan a linguística ao estudar a linguagem e criar a Língua é de alíngua que ela se refere. A diferença seria que a linguística não leva em consideração a dimensão do inconsciente.

Certamente, é assim que o próprio discurso científico a aborda, exceto que lhe é difícil realizá-la plenamente, pois ele não leva em consideração o inconsciente. O inconsciente é o testemunho de um saber, no que em grande parte ele escapa ao ser falante. Este ser dá oportunidade de perceber até onde vão os efeitos da alíngua, pelo seguinte, que ela apresenta toda sorte de afetos que restam enigmáticos. Esses afetos são o que resulta da presença de alíngua no que, de saber, ela articula coisas que vão muito mais longe do que aquilo que o ser falante suporta de saber enunciado. (LACAN, 1972/73, p. 149)

O que Lacan propõe com o conceito de alíngua é que todos os seres falantes de algum modo desarticulam a Língua, fazem outro uso diferente daquele comum. Criamos a Língua a todo instante, é por isso que ela é algo vivo. “É possível dizer que uma língua está morta quando não se tem mais o direito de cometer erros nela” (VENDRYES apud HELLER-ROAZEN, 2010, p. 63). A caracterização de uma língua morta seria o sujeito falante ficar submetido a esta sem poder exercer mudanças nela.

O sujeito cria, promove equívocos e mudanças na Língua. “É por isso que não há inconsciente coletivo. Há apenas inconscientes particulares, na medida em que cada um, a cada instante, dá uma mãozinha à língua que ele fala.” (LACAN, 1975/76, p. 129). Alíngua se relaciona com o uso mais individual da língua, onde os equívocos se colocam a todo instante, pois não se trata da Língua criada por Saussure que é da ordem do social. Esse novo conceito criado por Lacan se refere à outra parte da linguagem, aquela que faz furo ao social e se apresenta como o mais próprio de cada sujeito, portanto sujeita a todos os desvios.

(...) que o inconsciente, por ser “estruturado *como uma* linguagem”, isto é como a *alíngua*⁹ que ele habita, está sujeito à equívocidade pela qual cada uma delas se distingue. Uma língua entre outras não é nada além da integral dos equívocos que sua história deixou persistirem nela. É o veio em que o real – o único, para o discurso analítico, a motivar seu resultado, o real de que não existe relação sexual – se depositou ao longo das eras. (LACAN, 1972, p.492)

Lacan entende que a linguística se ocupa de *alíngua* ao elaborar sobre a linguagem. Linguística é um modo que ele inventou para afirmar que na psicanálise outro objetivo está presente, que é o de não apenas conhecer sobre a linguagem e sim “intervir nos homens em nome da linguística.” (LACAN, 1974b, p. 510), uma linguística que considere *alíngua*.

A própria palavra *alíngua* é criada por Lacan juntando o artigo *a* com o substantivo *língua* demonstrando que nem sempre os elementos da linguagem são discerníveis. Lacan nos diz que chegou até o termo *alíngua* através de um lapso. Escrever *alíngua* em uma só palavra aparece como um desvio não proposital e nele o psicanalista encontra um suporte sobre o que refere-se a linguagem. “A linguagem, sem dúvida, é feita de *alíngua*. É uma elucubração de saber sobre *alíngua*” (LACAN, 1972/73, p. 149). Lacan afirma que a linguagem é um produto que o homem elabora para dar conta de seu estrato fundamental que é *alíngua*.

Alíngua é anterior a própria linguagem. “Se se pode dizer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, é no que os efeitos de *alíngua*, que já estão lá como saber, vão bem além de tudo que o ser que fala é suscetível de enunciar.” (LACAN, 1972/73, p. 149). Entendemos dessa forma que há um nível da linguagem que não se baseia na comunicação, é a isto que o discurso analítico se refere. Esse nível está inteiramente marcado pelos depósitos da Língua materna que o bebê recebe antes mesmo de se constituir como sujeito.

Não é por acaso que n’*alíngua*, qualquer que seja ela, na qual alguém recebeu uma primeira marca, uma palavra é equívoca. (...) É absolutamente certo que é pelo modo como *alíngua* foi falada e também ouvida por tal ou qual em sua particularidade, que alguma coisa em seguida reaparecerá nos sonhos, em todo tipo de tropeços, em toda espécie de modos de dizer. (LACAN, 1975, p.7)

Para introduzir o que compreendemos como língua materna abordada quando Lacan se refere à *alíngua*, a história de Elias Canetti relatada por Heller-Roazen

⁹ Na introdução deste trabalho explicamos o motivo de escolha pela tradução de *lalangue* por *alíngua*. Nas citações o termo escolhido pelo tradutor será mantido.

(2010) se faz pertinente. A biografia do escritor que nasceu na Bulgária no ano de 1905 é relatada por ele próprio em sua autobiografia *A língua absolvida*. O título dessa biografia demonstra a influência do idioma alemão na vida do escritor. Tendo nascido na Bulgária e filho de judeus de origem espanhola, Canetti nasceu imerso por diversas línguas. Em casa seus pais se dirigiam aos filhos na língua ladina, o idioma dos judeus sefárdicos. Seu pai e sua mãe conversavam entre si na língua alemã. Curioso pelo idioma utilizado pelos pais, Canetti perguntava sobre o significado de suas palavras e como resposta obtia apenas que “eram coisas que só mais tarde entenderia” (HELLER-ROAZEN, 2010, p. 139).

Ainda na infância, Canetti mudou-se para a Inglaterra aprendendo o inglês e em pouco tempo com a morte de seu pai, sua mãe se muda com os filhos para Viena forçando Canetti a aprender o alemão de maneira bastante ortodoxa. Após um período de bastante dificuldade Canetti obtém a aquisição dessa nova língua. “Uma língua materna implantada tardiamente, e sob verdadeira dor” (CANETTI apud HELLER-ROAZEN, 2010, p. 142). O escritor fala na necessidade da mãe de usar o alemão com o filho ao ficar viúva aos 27 anos e perder assim seu interlocutor desse idioma. A aquisição desse novo idioma é descrito por Canetti como um renascimento: “e os espasmos desse nascimento produziram aquela paixão que me ligou a ambas, à língua e à minha mãe. Sem as duas, que são fundamentalmente uma coisa só, o rumo posterior da minha vida teria sido sem sentido e incompreensível” (IBIDEM, p. 143).

A história linguística do escritor não termina desta forma. Em sua infância também aprendeu o búlgaro com as camponesas que trabalhavam em sua casa. Apesar de na vida adulta alegar como seu idioma nativo o alemão e afirmar que de alguma maneira suas lembranças experimentadas na língua ladina haviam se deslocado inteiramente para o alemão, Canetti dizia que de certa forma o idioma ladino ainda havia se conservado, principalmente nos acontecimentos mais traumáticos como assassinatos: “os piores horrores haviam sido retidos por mim com palavras ladinas, bem precisa e indestrutivelmente” (CANETTI apud HELLER-ROAZEN, 2010, p.144). Em sua biografia diz que outro destino se deu com o idioma búlgaro. Este havia caído no completo esquecimento. Uma surpresa se dá em uma visita à cidade de Praga. Ao ouvir a palavra *Hubda* na língua tcheca, alguma coisa na entonação da língua eslava o fez lembrar-se do idioma búlgaro que lhe toca

intensamente. “Recebia os sons eslavos como segmentos de uma língua que, de uma maneira inexplicável, me afetava profundamente” (CANETTI apud HELLER-ROAZEN, 2010, p. 147).

No mínimo, é possível supor que a língua eslava não passou, como o narrador afirmou antes, inteiramente para o alemão, não deixando – diferentemente, vale dizer, do ladino – resíduo algum no autor. Duas décadas após a saída de Rustchuck, o idioma ostensivamente esquecido continuava a afetar o indivíduo que outrora o falava sem hesitação, permitindo-lhe “receber” os sons da língua eslava aparentada com aquela como de outra forma não teria feito. (HELLER-ROAZEN, 2010, p. 147)

O inconsciente existe devido o homem ser habitado por Alíngua. É daí que se apresentam os chistes, sonhos, atos falhos... A partir da particularidade dos sons que marcaram cada sujeito. “Lalíngua é a língua materna em sua condição anterior à submissão a um ordenamento gramatical e lexográfico, suscetível a todos os equívocos por não responder às leis da linguagem” (BARROSO; FERRARI, 2014, p. 253).

A linguagem nesse plano vem de modo secundário, como uma tentativa de dar sentido e apaziguamento a alíngua, enxame de significantes que o bebê recebe de seu grupo social, material fônico aberto a todos os sentidos. Em oposição a Língua, alíngua não se relaciona com a dimensão da sincronia. Ela está imersa na marca da temporalidade, na dimensão da diacronia. Alíngua tem um caráter aluvionário, ou seja, é composta a partir de depósitos da linguagem no decorrer do tempo. “Ela é constituída por aluviões em que se acumulam os mal-entendidos, as criações languageiras de cada um” (MILLER, 2012b, p. 10).

Lacan apresenta alíngua como o cristal da Língua. Lacan enfatiza: “brinco com o cristal da língua para refratar do significante aquilo que divide o sujeito” (LACAN, 1970, p. 425). No momento que Lacan subverte a linguística e enfatiza a primazia do significante, alíngua passa a ser como uma consequência de seu ponto de vista sobre a linguagem. Podemos verificar isso quando Lacan enfatiza que “o significante difere dele [signo] pelo fato de sua bateria já se dar em lalíngua” (LACAN, 1973, p. 514). Nela há um “efeito de cristal homofônico” (LACAN, 1970, p. 427) em que podemos visualizar os desvios que podem ser provocados na suposta rigidez da Língua, através dos efeitos múltiplos de sentidos que o mesmo material fônico pode provocar, os enganos produzidos a partir dos significantes, assim como o gozo proveniente do chiste que se realiza a partir do mesmo fundamento. “A

bateria significativa de lalíngua fornece apenas a cifra do sentido. Cada palavra assume nela, conforme o contexto, uma gama enorme e disparada de sentidos, sentidos cuja heteróclise se atesta com frequência no dicionário” (LACAN, 1973, p. 515).

Em alíngua a dimensão de criação de cada um é incorporada na linguagem. Nesse plano, o que interessa não é o sentido, mas o gozo. Aqui a fala não se relaciona com o querer-dizer, mas com o querer-gozar. Se no conceito de fala há sempre implicado um Outro sendo portanto toda fala um diálogo, na dimensão de alíngua se trata de um monólogo. Aparola, essa dimensão do monólogo, é a parte correlata à fala nesse momento do ensino lacaniano.

Nessa perspectiva o conjunto da referência à comunicação desaba. Pelo menos no nível em que se trata a aparola não há diálogo, não há comunicação. O que há é um autismo. Nesse nível não existe o Outro com maiúscula. A aparola não tem por princípio o querer-dizer ao Outro ou a partir do Outro (MILLER, 2012b, p. 13). A aparola não se direciona ao outro, por isso é apresentada como uma fala autista. A aparola se apresenta quando a fala é dominada pela pulsão e não estando inserida na ordem da comunicação. Comparece puramente como meio de gozo. “Ali, onde isso fala, isso goza” que significa no contexto: “isso goza de falar” (IBIDEM, p. 14).

Há um gozo na linguagem, é com isso que Lacan se depara no decorrer de seu percurso. O gozo não é propriedade exclusiva do corpo não falante. Isso refaz sua teoria, ou reescreve-a, pois Lacan nos leva a acreditar que isso pode ser lido desde o início de seu ensino, onde não estava. A fala nessa parte de seu ensino não é iniciada devido a uma demanda, um querer dizer. A fala tem como princípio um gozo, um querer-gozar. “O inconsciente estruturado como uma linguagem implica que a verdade fala, enquanto que, no contexto de lalíngua e aparola é o gozo que fala” (MILLER, 2012b, p. 17).

A linguagem passa então a ser abordada como um aparelho de gozo - “A realidade é abordada com os aparelhos do gozo. Aí está mais uma fórmula que lhes proponho, se é que podemos convir que, aparelho, não há outro senão a linguagem. É assim que, no ser falante, o gozo é aparelhado” (LACAN, 2008, p. 61) – sendo aparelhos de gozo os instrumentos pelo quais a realidade é abordada. “A linguagem é uma estrutura, mas defini-la como aparelho do gozo talvez implique em substituir,

no nível que convém, o conceito de estrutura pelo conceito de aparelho” (MILLER, 2012b, p. 19). O aparelho tem como característica uma montagem mais heteróclita que a estrutura, ele precisa de uma finalidade para funcionar que neste caso abordado ultrapassa a de conhecimento da realidade, pois tem como finalidade gozar.

Dentro desse contexto a questão da interpretação também se altera. Se no primeiro momento de seu ensino a interpretação se baseia em questionar um efeito de verdade da fala do analisante ao introduzir novos significantes e diferentes pontuações, quando estamos sob a perspectiva de alíngua a interpretação se faz com a interpretação da verdade do gozo. Se a palavra é caracterizada como um monólogo autista, a interpretação analista se coloca como um limite ao não-diálogo de palavra, assegurando o real. “A interpretação analítica faz limite” (MILLER, 2012b, p. 19).

Quando a interpretação é do sentido, ela é ilimitada. A partir de dois significantes é possível dizer uma infinidade de coisas, acrescentando outro, outras infinitudes serão acrescentadas. Mas nesse ponto de seu ensino Lacan orienta que a interpretação analítica limita. Aqui, não é o sentido que se assegura pela interpretação, mas o real. A interpretação aqui é posta como contenção de sentido, não como relançamento dele. Palavra é regida pelo princípio do prazer. Onde isso fala, isso goza. Há satisfação. (MILLER, 2012b, p.22). Nesse nível não há real impossível. A interpretação analítica nesse sentido introduziria o impossível, o real da não relação sexual.

Isso implica que a interpretação analítica deve ser feita ao contrário do sentido. Lacan evoca mesmo que poderíamos dizer a contrassenso. Aliás, o equívoco é justamente tomar as coisas pelo contrassenso (MILLER, 2012b, p. 23). Nessa via, a interpretação analítica deve ter que suportar o isso não quer dizer nada. Palavra sob o estatuto do isso quer gozar implica necessariamente em um isso não quer dizer nada. Nessa parte de seu ensino o inconsciente mascara o isso quer gozar com um isso quer dizer.

Essa vertente da interpretação analítica já se relaciona com o fazer poético, pois “quando se trata do que chamamos poesia, posto que ela decorre de um fazer. Assim como é feita, ela pode ser desfeita. Com o que percebemos que o efeito de sentido produzido construiu-se no sentido do não-sentido” (LACAN, 1970, p.414-

415). Lacan aponta que no seu fazer o poeta não está preocupado com a vertente da comunicação, pois esta será sempre falha e inexistente se levarmos a sério as implicações da teoria lacaniana. O poeta em certo sentido, na direção correta, não se deixa convencer totalmente pelo semblante da linguagem e está assim dessa forma próximo de alíngua.

Uma das famosas frases de Lacan “sempre digo a verdade: não toda, porque dizê-la toda não se consegue. Dizê-la toda é impossível, materialmente: faltam palavras. É por esse impossível, inclusive, que a verdade tem haver com o real.” (LACAN, 1974b, p. 508) Abarca apropriadamente a questão inerente à alíngua. Uma língua não é suficiente para dar conta do registro do real que é constitutivo da experiência humana. As palavras faltam. É assim que a dimensão de alíngua se relaciona com o real. Alíngua como o não todo se relaciona inclusive a palavra que falta. O impossível é uma das dimensões de alíngua. É por isso que a poesia se relaciona diretamente com ela

o ato de poesia consiste em transcrever na alíngua mesmo e através de suas próprias vias um ponto de cessação da falta de se escrever. É nisto que a poesia tem haver com a verdade, visto que a verdade é, estruturalmente, aquilo em relação ao que a língua falta (MILNER, 1987, p. 25).

Aproximamos-nos aqui da poesia, pois é próprio do fazer poético brincar com os significantes provocando outros sentidos. “Digamos que só há poesia por meio da violência feita ao uso comum, corrente da língua, a partir de uma manipulação do significante” (MILLER, 2009, p. 179). Miller ainda ressalta como a poesia possui um duplo aspecto na linguagem, ela produz concomitantemente um efeito de sentido e um efeito de não sentido. “A poesia produz, ao mesmo tempo, um efeito de sentido e um efeito de furo, um esvaziamento. E, por esse efeito de furo, ela seria adequada ao objeto *a*” (IBIDEM, p. 165).

A poesia nessa perspectiva se aproxima bastante do funcionamento da linguagem apresentada por Lacan em *Lituraterra*. A poesia demonstra esse aspecto da linguagem que não se submete ao sentido, que o sentido pode ser posto de outra forma, servindo ao gozo.

Houve um linguista que insistiu bastante sobre o fato de que o fonema, isso nunca faz sentido. O chato é que também a palavra não faz sentido, apesar do dicionário. Eu garanto que, numa frase, se possa fazer com que qualquer palavra venha dizer qualquer sentido. (LACAN, 1974b, p. 10)

Se para alguns linguistas - e a referência lacaniana nesse momento se faz a Jakobson - o fonema é o último elemento sem significação, o que os poetas belamente apresentam é que palavra não possui significação prévia. É assim que no final de seu ensino Lacan verifica que a poesia está muito mais afinada com seu ensino que a Linguística. A Linguística como ciência se produz como um saber sobre a linguagem. Quando Lacan privilegia a dimensão do real verifica que esse é disjunto de um saber. A poesia contrariamente não se produz através de um saber sobre a linguagem, mas de um fazer com ela. Na última parte de seu ensino o que Lacan apresenta é que há um furo do saber, “o fazer prevalece sobre o saber” (Miller, 2002, p. 14). O inconsciente como um saber-fazer com alíngua aproxima Lacan da poesia. “Que é o savoir-faire? É a arte, o artifício, o que dá à arte da qual se é capaz um valor notável” (LACAN, 1975/76, p. 59).

Desse modo, Lacan se distancia da ciência em benefício da arte ao entender que o artista é aquele que se arranja de melhor maneira com esse saber-fazer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A linguagem é o meu esforço humano. Por destino tenho de ir buscar e por destino volto com as mãos vazias. Mas – volto com o indizível. O indizível só me poderá ser dado através do fracasso de minha linguagem. Só quando falha a construção, é que obtenho o que ela não conseguiu.”

Clarice Lispector

Muito já foi dito sobre em Lacan psicanálise e linguística se interseccionam. Podemos dizer que essa pesquisa pôde ser realizada amparada nesse fundamento. É porque o homem fala que tanto a linguística quanto a psicanálise existem, quer esses campos se lembrem disso ou não.

Saussure instituiu a linguística ao criar um objeto, a Língua. Ao criar tal objeto efetuou uma operação de abstração sobre a linguagem. Na tentativa de obter um objeto uniforme, constante, sistemático que pudesse servir a nova ciência o mestre genebrino optou pela Língua, alegando esta ser da ordem do social e por isso passível de ser regida por leis. A fala não é excluída logo no início, pois de alguma forma o CLG aborda a questão, confessando a dificuldade de incluí-la na linguística por se tratar de um aspecto da linguagem que se insere na ordem do que é individual e por isso “mais ou menos acidental”. Uma ciência segundo o modelo vigente não poderia lidar com aquilo que é da ordem do acidental. É dessa maneira que a linguística recorre à Língua afirmando esta ser a parte essencial da linguagem.

A psicanálise no sentido inverso se formou por Freud abordando justamente aquilo que é da ordem do acidental, os tropeços da linguagem que se dava a partir da fala dos sujeitos. O que é de se admirar é que uma prática que se iniciou a partir da fala tenha se esquecido da importância desse fundamento. Foi desse modo que Lacan entrou na história da psicanálise, no princípio com um objetivo bem específico: realizar um retorno a Freud.

Nesse projeto de retorno a Freud é que Lacan se encontra com Saussure. O Saussure do CLG, criador da linguística, mas também com o Saussure estudioso dos anagramas. Entendemos aqui que o percurso de Lacan referente a Freud e a Saussure encontram um ponto de semelhança. Lacan inicia sua prática a partir dos fundadores desses dois campos. Durante seu aprofundamento nas questões

pertinentes à sua prática Lacan supera os criadores da psicanálise e da linguística. Não utilizamos o verbo superar em sentido pejorativo, mas para enfatizar que como um bom discípulo Lacan se utiliza até as últimas consequências do legado deixado, avançando dessa forma nos pontos até então não abordados.

No que se refere a Saussure, foi em *A Instância da letra* que Lacan começou a utilizar os elementos da linguística para explicar os fundamentos da psicanálise. Com o avanço de seu percurso, Lacan explica o Saussure dos anagramas e demonstra que este não foi capaz de sustentar seus estudos sobre a poesia por não saber de um saber que não se sabe, ou seja, devido ao desconhecimento de Saussure sobre a psicanálise e o inconsciente. A relação entre Lacan e o Saussure dos anagramas não se estabelece apenas no sentido da explicação de Lacan sobre a hesitação de Saussure frente aos anagramas. Os estudos sobre os anagramas é um auxílio se não para Lacan, para nós, na confirmação da primazia do significante no que se refere à linguagem.

Conforme exposto nessa pesquisa o Saussure apresentado no CLG é fundamental para a criação da linguística e influencia todo o campo das ciências sociais. Apesar de sua importância, devido às peculiaridades da constituição dessa obra e à existência de manuscritos e outras publicações que se apresentaram no decorrer da história alguns pontos de dúvida podem ser vistos no meio de tantas certezas. Tais pontos abrem a possibilidade de verificar a linguagem segundo outros pontos de vista, inclusive sobre outro ponto de vista do mesmo indivíduo que criou a Língua. Encontramos com os anagramas um ponto de divisão em Saussure que a questão de um outro saber se instaura como verificou Lacan.

É com esse outro saber que Freud se depara, não recua e cria a psicanálise. Lacan posteriormente se serve da teoria da linguística para fazer um retorno a Freud. Por algum tempo esta lhe foi importante, possibilitando o desenvolvimento de vários aspectos na conceituação da psicanálise. Em algum momento, no entanto, Lacan promove um afastamento dessa ciência que estabeleceu novos parâmetros para as ciências humanas.

No entanto, esse afastamento não é completo. Ao se distanciar da linguística Lacan reafirma sua proximidade. O conceito chave dessa dissertação, alíngua, não se faz senão como uma referência ao conceito de Língua criado por Saussure. No processo de afirmar que a linguagem abarca outras coisas, que a linguagem é

instituída a partir de alíngua, um retorno à Língua se faz necessário. Dito de outro modo, para formular que existe o não todo, Lacan parte do todo constituído. E esse todo quem constitui é a linguística.

Há algo que excede a Língua. É por isso que Lacan nesse momento se aproxima da poesia. Pois a ela mais do que outras formas da linguagem evidencia que esta é composta por alíngua. A Língua para o poeta é sempre esse algo futuro que um dia vai se dar, demonstra assim sua incompletude. Na sincronia atual da Língua, faltam palavras, e sempre faltará. É por isso que o poeta se atreve a inventá-las. Mas também nela há algo do passado que ficou depositado nos aluviões da linguagem. Um exemplo dessa característica da alíngua é extraída de uma entrevista¹⁰ do cantor e compositor Zé Ramalho. O compositor afirma que palavra “*Avôhai*”, título de uma canção sua, lhe veio quase que sussurrada. A explicação que o próprio compositor dá é de que antes dos dois anos de idade seu avô lhe pegou para criar. Vinte anos depois, quando cria e se depara com essa palavra, explica-a como uma junção de avô + pai, pois seu avô teria exercido o papel das duas pessoas ao lhe tomar para criar. Esse significante é único para Zé Ramalho e só este lhe pode dar uma significação.

A linguagem, como uma elucubração de saber sobre alíngua, tenta a todo instante suturar esse furo que alíngua necessariamente comporta. Processo semelhante apresenta a ciência que tenta suturar o furo do real. É por isso que a linguística - não toda - de algum modo desvia os olhos de alíngua. Como demonstração dessa tentativa de suturação a que nos referimos, apresentamos um último exemplo. Um acontecimento que se produziu no próprio processo dessa pesquisa. Com o objetivo de exemplificar em certa disciplina do que se tratava alíngua encontrei na poesia de Guimarães Rosa um meio de demonstrar o caráter criativo e de não sujeição à Língua que se manifesta na alíngua e porque a poesia seria sua melhor demonstração. “De sofrer e amar, a gente não se desafaz” (ROSA, 2001, p. 74). Em busca de referência bibliográfica que em um primeiro momento havia esquecido de anotar, digitei no Google o verso escolhido. Imediatamente o Google me corrige, corrige também o poeta “você quis dizer: De sofrer e amar, a

¹⁰ A entrevista está disponível no site: <http://globoTV.globo.com/rede-globo/estrelas/v/ze-ramalho-relembra-infancia-em-passeio-no-parque-das-ruinas/4266796/> (Acesso em: 15 Jul.2015)

gente não se desfaz”. Não, o poeta disse o que disse, e isso produz um efeito. A Língua porém será sempre uma tentativa de absorver esses desvios de alíngua. A ilusão mesmo é acreditar que a Língua seja suficiente. A Língua sempre escapa e o poeta longe de se indispor com o fato, brinca com isso. Pois isso é um saber-fazer, com alíngua.

Referências bibliográficas

- ARRIVÉ, M. *Linguagem e psicanálise, linguística e inconsciente*: Freud, Saussure, Pichon, Lacan. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- BARATTO, G. Descobrimo o encobrimento da descoberta freudiana: a psicanálise e a 'ego psychology'. *Estilos da clínica*. v. 7, nº 12, 156-177. (2002)
- BARROSO, A.F; FERRARI, I. F. O último ensino de Lacan: há algo para além da linguagem. *Calidoscópio*. v. 12, n. 2, p. 249-254, mai/ago 2014.
- BOUQUET, S. *Introdução à leitura de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 2000.
- DELEUZE, G. (1972). *Em que se pode reconhecer o Estruturalismo?* In CHÂTELET, F. (org). História da filosofia – idéias, doutrinas. Vol 8. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.
- DESCARTES, R. (1641). *Meditações, Objeções e respostas, Cartas*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1987-8. 4.ed.
- DOR, J. *Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como uma linguagem*. Porto Alegre: Artes médicas. 1989.
- FIORIN, J. L; FLORES, V. N; BARBISAN, L.B. Por que ainda ler Saussure? In _____. *Saussure: a invenção da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2013. P. 7-20.
- FRANK, I; KANITZ, A. O ponto de vista cria o objeto: relacionando a máxima saussuriana e a perspectiva teórica-metodológica da análise da conversa etnometodológica. *Cadernos do IL*, Porto Alegre, n.º 46, junho de 2013. p. 229-243.
- FREUD, S. (1900). *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- _____. (1905) *O chiste e sua relação com o inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- HELLER-ROAZEN, D. (2010). *Ecolalias sobre O esquecimento das línguas*. São Paulo: Editora Unicamp.
- JAKOBSON, R. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: JAKOBSON, R. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Editora cultrix, 1975.
- _____. Linguística e Poética. In: JAKOBSON, R. *Poética em ação*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1990.
- _____. (1942/43). *Seis lecciones sobre el sonido y el sentido*. Disponível em <<http://pt.scribd.com/doc/65573276/JAKOBSON-Seis-Lecciones-Sobre-El-Sonido-y-El-Sentido#scribd>> Acesso em: 15. Jul.2015

JORGE, M. A. C.; FERREIRA, N. P. *Lacan: o grande freudiano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LACAN, J. (1953a). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. (p. 238- 324). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1953b). O simbólico, o imaginário e o real. In: LACAN, J. *Nomes-do-Pai*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. (1955/56). *O seminário livro 3: As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. (1956b). Seminário sobre a carta roubada. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1956a). A coisa freudiana. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1957). A instância da letra. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1958/59). *O seminário livro 6: o desejo e sua interpretação*. Porto Alegre: *Circulação interna da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, 2002.

_____. (1960). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1964a). *O seminário livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. (1964b). Posição do inconsciente. In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1968) Meu ensino, sua natureza e seus fins. In: LACAN, J. *Meu ensino*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. pp. 67-100

_____. (1970). Radiofonia. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

_____. (1971). Lituraterra. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

_____. (1971/72). *O seminário livro 19: ...ou pior*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

_____. (1972). O aturdido. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

_____. (1972/73). *O seminário livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. (1974a) *A terceira. Cadernos Lacan*. Porto Alegre: APPOA, 2002. v.2.

_____. (1974b). *Televisão. Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

_____. (1975) *Conferência em Genebra sobre o sintoma*. Disponível em <<http://www.campopsicanalitico.com.br/media/1065/conferencia-em-genebra-sobre-o-sintoma.pdf>> Acesso em: 25 jun. 2015.

_____. (1975/76). *O seminário livro 23: O sintoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

MALISKA, M. E. *Entre lingüística e Psicanálise: O real como causalidade da língua em Saussure*. 1º. Edição. Curitiba: Juruá, 2003.

MILANI, S. E. *Historiografia de Saussure: o Curso de Linguística Geral*. *Letras & Letras*, Uberlândia 25 (1) 55-71, jan./jun. 2009.

MILLER, J.-A. *Commentaire du rapport de Rome*. In: *anotações de Catherine Bonningue, Atelier de Psychanalyse à Milan nos dias 25 e 26 de março de 1995*.

_____. *Os seis paradigmas do gozo*.(2012a) In: *Opção Lacaniana online nova série*. Ano 3 – n. 7, 2012. Disponível em: < <http://www.opcaolacanianana.com.br> > Acesso em: 07 maio.2015.

_____. *O monólogo da aparola*.(2012b) In: *Opção Lacaniana online nova série*. Ano 3 – n. 9, 2012. Disponível em: <<http://www.opcaolacanianana.com.br/> > Acesso em: 15 jul.2015.

_____. *O Real é sem lei*. *Opção lacaniana*, nº 34, 2002.

MILLER, Jacques-Alain. *O percurso de Lacan: uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 1988.

MILNER, J.-C. *O amor da Língua*. Porto Alegre: Artes médicas, 1987.

_____. *A obra clara: Lacan, a ciência, a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

_____. *De la lingüística a la lingüistería, en Lacan: el escrito, la imagen*, Ediciones del Cifrado, Argentina, 2003.

NANCY, J-L; LACOUÉ-LABARTHE. *O título da letra*. São Paulo: Escuta. 1991.

OLIVEIRA, J.B. A estrutura e o além estrutura em lacan: Uma Perspectiva acerca do Estruturalismo e Existencialismo na Teoria e Clínica Lacaniana. *Psicanálise & Barroco em revista*, Rio de Janeiro. v.11, n.1, p.221-231, jul.2013.

ROCH, M-H. "Do Litoral, em Psicanálise: uma Leitura de Lituraterra". Em: *Papers, Bulletin Electronique du Comité d'Action de l'École-Une*, n. 4, octobre de 2009. VII Congresso da AMP, circulação em lista eletrônica.

ROSA, J. G. (2001). Desenredo. In J. G. Rosa, *Tutameia – Terceiras estórias* (pp. 72-75). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

ROUDINESCO, E. *Lacan, a despeito de tudo e de todos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

ROUDINESCO, E; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SAFOUAN, M. Le rapport de Rome, 50 ans après. *Figures de La psychanalyse*, 2001/2 no5, p. 7-15.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*, 28ª ed., São Paulo, Editora Cultrix, 2012.

SISCAR, M. A poesia a dois passos: sobre os anagramas, de Ferdinand de Saussure. In: *Revista Alfa*, São Paulo, v.41, 1997, PP 169-186.

SOUZA, M. O. *Os anagramas de Saussure: entre a poesia e a teoria*. 2012. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

STAROBINSKI, J. *As palavras sobre as palavras: os anagramas de Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

VIDAL, P. E. V. Édipo, sonho de Freud. *Analytica*, São João del-Rei v. 2 n. 3 p. 11-39, julho/dezembro de 2013.